

CADERNOS

DE EDUCAÇÃO SOLIDÁRIA

A PRODUÇÃO TEXTUAL

METODOLOGIAS ATIVAS EM

**LÍNGUA
PORTUGUESA**

FUNDAMENTAL 2
VOLUME 3

ETAPAS DA PRODUÇÃO
TEXTUAL

O EIXO “PRODUÇÃO DE
TEXTOS” NA BNCC



ASSOCIAÇÃO IMAGEM COMUNITÁRIA



METODOLOGIAS ATIVAS EM **LÍNGUA PORTUGUESA**

FUNDAMENTAL 2
VOLUME 3

Belo Horizonte
2020
2ª edição

CONCEPÇÃO DO CONTEÚDO E ELABORAÇÃO DE TEXTOS

Luciana Mazur

Marcos Celírio

PREPARAÇÃO DE ORIGINALS

Priscila Justina

PROJETO GRÁFICO

Mila Barone

DIAGRAMAÇÃO E ILUSTRAÇÕES

Jéssica Kawaguiski

Mila Barone

Priscila Justina

REVISÃO DE CONTEÚDO

E DE PROVAS

Bárbara Pansardi

COOPERAÇÃO TÉCNICA

Projeto Tecnologias da Comunicação Educativa –

Universidade Federal de Minas Gerais

M593 Metodologias ativas em Língua Portuguesa: fundamental 2. / Associação Imagem Comunitária. – 2. ed. – Belo Horizonte: AIC, 2020.

144 p. – (Cadernos de Educação Solidária; 3)

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-87808-20-8

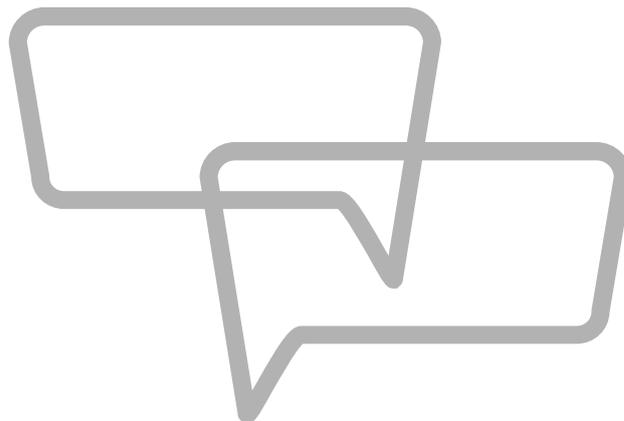
1. Língua portuguesa – escrita. 2. Produção de textos. 3. Base Nacional Comum Curricular. I. Associação Imagem Comunitária. I. Associação Imagem Comunitária. II. Título. III. Série.

CDU: 37

CDD: 469.07

SUMÁRIO

- 1 | INTRODUÇÃO – *pág. 5*
- 2 | A PRODUÇÃO TEXTUAL – *pág. 7*
 - 2.1 | Condições de textualidade – *pág. 9*
 - 2.2 | Gêneros e tipos textuais – *pág. 12*
- 3 | ETAPAS DA PRODUÇÃO TEXTUAL – *pág. 15*
 - 3.1 | Planejamento – *pág. 15*
 - 3.2 | Textualização – *pág. 16*
 - 3.3 | Revisão – *pág. 16*
 - 3.4 | Reescrita – *pág. 22*
- 4 | O EIXO “PRODUÇÃO DE TEXTOS”
NA BNCC – *pág. 25*
- 5 | A ESCRITA EM AMBIENTES DIGITAIS – *pág. 27*
- 6 | ESTRATÉGIAS PARA DESENVOLVER HABILIDADES
DE ESCRITA EM SALA DE AULA – *pág. 29*
- 7 | A ESCRITA COLABORATIVA – *pág. 35*
 - 7.1 | Estratégias de escrita colaborativa – *pág. 36*
 - 7.2 | Papéis de escrita colaborativa – *pág. 38*
 - 7.3 | Modos de controle
do(s) documento(s) – *pág. 39*
- 8 | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS – *pág. 42*
- 9 | SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM – *pág. 45*
 - 9.1 | Os quintais do meu lugar – *pág. 46*
 - 9.2 | Diário: registros de uma vida – *pág. 74*
 - 9.3 | Brincadeiras de ontem e de hoje – *pág. 98*
 - 9.4 | Histórias e lendas do meu lugar – *pág. 118*



1 | INTRODUÇÃO

Este é o terceiro volume da série de guias didáticos de Língua Portuguesa dos Cadernos de Educação Solidária para professores do ensino fundamental 2 (6º ao 9º anos).

Neste caderno, damos destaque ao ensino da escrita. Inicialmente, faremos uma breve retomada de aspectos relevantes associados ao entendimento da escrita como um processo interativo e recursivo. Em seguida, trazemos à luz conceitos relacionados às condições de textualidade, à multimodalidade e aos gêneros e tipos textuais, decupando os aspectos que caracterizam um texto e que, portanto, orientam, de modo geral, as produções textuais.¹ Então, explicitamos as etapas da produção textual que devem ser trabalhadas na escola para, enfim, apresentarmos algumas estratégias para o desenvolvimento de habilidades de escrita entre os estudantes.

Assim, adiante serão contempladas questões como:

- O que é escrever?
- Que aspectos da textualidade precisamos enfatizar em nossas aulas de produção textual?
- Quais etapas envolvem o processo da escrita de um texto?
- Como desenvolver estratégias em sala de aula para direcionar nossos alunos a produzirem textos?

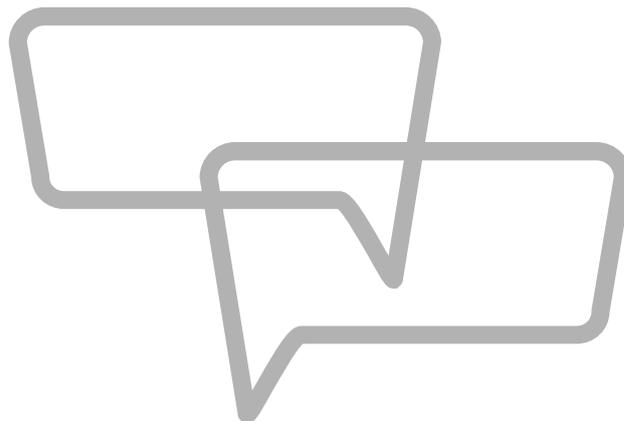
- Como se situa a escrita em ambientes digitais?

Esclarecemos ainda o que diz a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) sobre a produção de textos e, ao final, em consonância com esse documento, propomos situações de aprendizagem que permitem aos alunos refletir sobre o que escrevem e com que intenções, orientando-os sobre como podem fazer isso da melhor forma possível, de maneira que entendam com clareza as especificidades da tarefa de comunicar por meio da escrita.

Pensar sobre essas e outras questões nos possibilita definir que habilidades e atitudes precisamos desenvolver com nossos alunos para que sejam competentes produtores de texto, tendo em vista os mais diversos contextos a sua volta.

Dessa forma, esperamos, com este módulo, reforçar que o trabalho com a produção textual em sala de aula deve considerar o processo de produção, circulação e recepção de textos reais, que circulam em ambientes reais e que devem ser lidos por leitores reais, para além de serem simplesmente uma produção para a escola, com interlocução restrita ao professor.

¹ Há exceções, como veremos a seguir. Nem toda produção é orientada de acordo com todas as condições de textualidade, conforme ressalva feita pelo linguista Luiz Antonio Marcuschi.



2 | A PRODUÇÃO TEXTUAL

Ao longo dos anos, o ensino da produção de textos escritos na escola passou por diversas transformações, de acordo com as diferentes concepções de língua, linguagem e texto. Para nos debruçarmos sobre o processo de escrita, é preciso, primeiro, respondermos à pergunta: **O que é escrever?**

Há aproximadamente 6 mil anos, os sumérios inventaram o que seria uma das grandes revoluções da humanidade: a escrita. Segurando com a mão fechada uma haste de junco cortada de forma oblíqua, faziam-se sinais impressos em tabuletas de argila, em forma de cunha. Essa invenção, que divide a história em duas partes – antes e depois da escrita – “faz de tal modo parte de nossa civilização que poderia servir de definição dela própria”.²



Os suportes e instrumentos de escrita passaram por muitas transformações, que vão desde as mudanças nos alfabetos, passando pela descoberta das tabuletas de cera, objetos de cerâmica, papiro, pergaminho, códice, atravessando a descoberta da imprensa até se chegar à era da escrita e distribuição eletrônica de textos.

Diferentemente do que já se pensou em outras épocas, a escrita não se restringe ao ato de codificar uma mensagem para que esta seja decodificada pelo leitor. Não é algo linear, unidirecional e não está centrado em apenas uma das partes do processo comunicativo (centralidade no locutor/autor ou no interlocutor/leitor, por exemplo). Trata-se de um processo interativo, mediado pela linguagem – forma de interação social.

Como produto da enunciação humana, o texto constituiu-se, antes de tudo, como atividade dialógica, contextualizada do ponto de vista histórico, social e cultural. Assim, autor e leitor são “atores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto”,³ e não são instâncias iminentes do discurso, mas que negociam sentidos a partir da situação de enunciação.

2 HIGOUNET, Charles. *História concisa da escrita*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2003. p. 10.

3 KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 34.

De acordo com o professor Luiz Antonio Marcuschi, linguista e pesquisador que muito influenciou os estudos linguísticos no país, o texto é

[...] o resultado de uma ação linguística cujas fronteiras são em geral definidas por seus vínculos com o mundo no qual surge e funciona [...] De certo modo, pode-se afirmar que o texto é uma (re)construção do mundo e não uma simples refração ou reflexo.⁴

Nesse sentido, fica claro que a escrita não é algo tão natural e simples como a mera representação do pensamento, conforme se costumava pensar, e que, prestando-se a uma intencionalidade comunicativa, é um processo de “trabalho com/sobre a linguagem, no qual há retomadas, reformulações, escolhas a fazer a todo momento”.⁵ Ou seja, tampouco é algo tão especial como um dom que apenas alguns possuem, mas sim um trabalho interativo, recursivo, sociocultural e historicamente localizado a partir da situação comunicativa em que ocorre, na qual são construídos e negociados os sentidos para os interlocutores.

Desse modo, ver a escrita sob a perspectiva da interação significa dizer

[...] que o produtor, de forma não linear, “pensa” no que vai escrever e em seu leitor, depois escreve, lê o que escreveu, revê ou reescreve o que julga necessário em um movimento constante e online guiado pelo princípio interacional.⁶

Por isso, o trabalho de produção textual na escola não pode ser uma prática descontextualizada e sem propósito. É necessário que se estabeleçam, sempre, as condições de produção: quem escreve, o que escreve, para quem escreve, onde e quando escreve e, por fim, com que objetivo escreve.

Com base no professor e linguista João Wanderley Geraldi,⁷ importante pesquisador do ensino de Língua Portuguesa, para produzir um texto, é necessário que:

A | tenha-se **o que** dizer;

B | tenha-se **uma razão** para dizê-lo;

C | tenha-se **para quem** dizê-lo;

D | **o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz** o que diz para quem diz;

E | escolham-se as **estratégias** para realizar **(A)**, **(B)**, **(C)** e **(D)**.

Todos esses aspectos, em consonância com a BNCC, devem ser claramente abordados no ensino da escrita em sala de aula, pois, como vimos no primeiro módulo, o documento propõe um trabalho de produção de textos contextualizado, com base na interação e na autoria. As propostas apresentadas pelo professor devem considerar o processo de produção, circulação e recepção dos textos. Justamente por isso, a normativa enfatiza campos de atuação em que as práticas de linguagem acontecem (campo da vida cotidiana, artístico-literário, jornalístico-midiático, de estudo e pesquisa, de atuação na vida pública, etc.), evidenciando que as práticas derivam de situações reais e concretas da vida social e que “precisam ser situadas em contextos significativos para os estudantes”.⁸ Dessa forma, deve-se buscar uma escrita de textos reais, que circularão em ambientes reais e que serão lidos por leitores reais. Trata-se, portanto, de uma produção de textos na escola e não apenas de uma produção para a escola. Dito de outra forma, o aluno deverá produzir textos de diferentes gêneros, que serão lidos por diferentes leitores, e não apenas pelo professor.

4 MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008. p. 72.

5 CAVALCANTI, Jauranice Rodrigues. *Professor, leitura e escrita*. São Paulo: Saraiva, 2010. p. 88.

6 KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 34.

7 GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2013. p. 137.

8 BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: educação é a base*. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/P4PUf6>>. Acesso em: 27 jun. 2018. p. 74.

No *Glossário Ceale: termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores*, vemos que a professora Márcia Mendonça conceitua texto como

[...] uma unidade linguística de sentidos que resulta da interação entre quem o produz e o leitor/ouvinte. Um texto pode ter extensões muito variadas, constituindo-se de uma palavra até de milhares delas e traz marcas que indicam seu início e fim. Embora seja composto de palavras, frases, períodos, ou mesmo unidades maiores, o texto não se define pela soma de suas partes. O que faz uma produção escrita ou oral ser considerada um texto é a possibilidade de se estabelecer uma coerência global, ou seja, de se (re)construir sentidos a partir de um conjunto de pistas apresentadas. As pistas podem ser linguísticas – os recursos coesivos, construções sintáticas, vocabulário, etc. – ou podem ser inferidas da situação de produção desse texto – propósitos comunicativos, interlocutores, gênero discursivo, esfera social de circulação, suporte, etc.

MENDONÇA, Márcia. Texto. In: FRADE, Isabel; COSTA VAL, Maria da Graça; BREGUNCI, Maria das Graças (Org.). *Glossário Ceale: termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores*. Belo Horizonte: FaE/UFMG, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/RB8ZT7>>. Acesso em: 1º jul. 2018.

MULTIMODALIDADE

A noção de texto que temos hoje foi ampliada pelos pesquisadores Gunther Kress e Theo van Leeuwen, que afirmam que “todos os textos são multimodais”, pois são compostos por diferentes modos de representação. Não é apenas a presença de uma imagem que torna o texto como um composto multimodal; a disposição das palavras, a presença ou não de um título, os espaços em branco, o leiaute, o uso de maiúsculas e minúsculas, etc., tudo isso contribui para a produção de sentidos. Uma vez que todo texto é multimodal, torna-se redundante a expressão “texto multimodal”.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. Front Pages: (The critical) analysis of newspaper layout. In: BELL, Allan; GARRET, Peter (Ed.). *Approaches to media discourse*. New Jersey: Blackwell, 1998. p. 186.

2.1 | Condições de textualidade

O que caracteriza a produção textual e que aspectos devem ser abordados em sala de aula quando trabalhamos a escrita?

O linguista Marcuschi identifica alguns critérios que fundamentam a “unidade máxima de funcionamento da língua” que é o texto.⁹ São os **critérios ou condições de textualidade, que fazem com que um texto seja um texto**, unidade funcional, de natureza discursiva. A seguir abordamos um pouco sobre cada um.

Coerência

A coerência **está ligada ao sentido do texto e à ordem das ideias**. Envolve fatores lógico-semânticos e cognitivos, uma vez que **se relaciona com o conhecimento prévio do leitor**. Ela não está no texto, mas é construída a partir dele. Um texto é coerente quando se percebe uma unidade de sentido entre suas diferentes partes. Uma produção textual coerente é aquela em que o autor escreve

[...] um texto, capaz de funcionar sociocomunicativamente num contexto específico, uma operação de natureza também lexical e gramatical. Quer dizer, não se pode escolher aleatoriamente as palavras nem arrumá-las de qualquer jeito; nem tampouco optar por qualquer sequência de frases.¹⁰

Para ser considerado como coerente, é necessário que haja possibilidade de se estabelecer no texto alguma unidade de sentidos ou uma relação entre os elementos que o compõem.¹¹

Coesão

A coesão diz respeito à **ligação entre as partes de um texto** e, quando está presente, manifesta-se de forma explícita por meio de elementos linguísticos que conectam os elementos do texto, formando a tessitura textual. Ela pode ser descrita como a **manifestação linguística da coerência**.

Intencionalidade

O critério da intencionalidade **tem como centro o autor do texto e se refere a sua intenção comunicativa**. Relacionada ao objetivo do autor, a intencionalidade orienta todo o processo de produção e está presente em toda situação de comunicação, pois sempre falamos ou escrevemos com algum objetivo (informar, pedir uma informação, convencer, conquistar, etc.).

Aceitabilidade

Enquanto a intencionalidade tem como centro o autor, a aceitabilidade **tem como foco o leitor**, que deve verificar a coerência e a coesão do texto e analisar a importância e a relevância do que está escrito. Durante o processo de leitura, **o leitor busca atribuir um sentido ao texto para compreendê-lo como um todo coerente e significativo**. Para isso, ele utiliza seus conhecimentos prévios, completando as lacunas do texto.

10 ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola, 2009. p. 93.

11 KOCH, Ingedore Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

Situacionalidade

A situacionalidade relaciona-se à **adequação do texto à situação comunicativa em que ele ocorre**. É a situacionalidade que nos leva a considerar um texto como adequado a uma determinada situação. Quando produzimos um texto, precisamos avaliar, por exemplo, o grau de formalidade adequado para a situação e a quantidade de informação necessária à compreensão, tendo em vista o contexto em que a produção se insere.

Informatividade

A informatividade **está relacionada à suficiência de informações presentes no texto e à previsibilidade/redundância dos dados ali presentes**. Um texto que apresenta apenas informações redundantes ou previsíveis é considerado de baixa informatividade, e um que apresenta dados diversos e complementares é considerado de maior informatividade. Para manter o interesse do leitor, é necessário que o texto apresente um nível regular de informatividade.

Intertextualidade

A intertextualidade está ligada à **relação que os textos têm entre si**, pois todo texto se relaciona com outro. A intertextualidade pode vir marcada linguisticamente de forma explícita ou pode aparecer implicitamente no texto.

Segundo o teórico Marcuschi, essas condições, tal como são tradicionalmente descritas, precisam ser vistas com ressalvas, porque, em primeiro lugar, não é possível separar de forma categórica e estanque os

aspectos da textualidade. Além disso, não devemos ter uma visão de texto com a primazia do código escrito. A importância de relativizarmos os critérios de textualidade pode ser exemplificada pelo texto a seguir.

COMO SE CONJUGA UM EMPRESÁRIO | *Mino*

Acordou. Levantou-se. Aprontou-se. Lavou-se. Barbeou-se. Enxugou-se. Perfumou-se. Lanchou. Escovou. Abraçou. Beijou. Saiu. Entrou. Cumprimentou. Orientou. Controlou. Advertiu. Chegou. Desceu. Subiu. Entrou. Cumprimentou. Assentou-se. Preparou-se. Examinou. Leu. Convocou. Leu. Comentou. Interrompeu. Leu. Despachou. Conferiu. Vendeu. Vendeu. Ganhou. Ganhou. Ganhou. Lucrou. Lucrou. Lucrou. Lesou. Explorou. Escondeu. Burlou. Safou-se. Comprou. Vendeu. Assinou. Sacou. Depositou. Depositou. Depositou. Associou-se. Vendeu-se. Entregou. Sacou. Depositou. Despachou. Repreendeu. Suspendeu. Demitiu. Negou. Explorou. Desconfiou. Vigiou. Ordenou. Telefonou. Despachou. Esperou. Chegou. Vendeu. Lucrou. Lesou. Demitiu. Convocou. Elogiou. Bolinou. Estimulou. Beijou. Convidou. Saiu. Chegou. Despiu-se. Abraçou. Deitou-se. Mexeu. Gemeu. Fungou. Babou. Antecipou. Frustrou. Virou-se. Relaxou-se. Envergonhou-se. Presenteou. Saiu. Despiu-se. Dirigiu-se. Chegou. Beijou. Negou. Lamentou. Justificou-se. Dormiu. Roncou. Sonhou. Sobressaltou-se. Acordou. Preocupou-se. Temeu. Suou. Ansiou. Tentou. Despertou. Insistiu. Irritou-se. Temeu. Levantou. Apanhou. Rasgou. Engoliu. Bebeu. Rasgou. Engoliu. Bebeu. Dormiu. Dormiu. Dormiu. Acordou. Levantou-se. Aprontou-se.

MINO. Como se conjuga um empresário. In: SOUZA, Luis M. de; CARVALHO, Sérgio Waldeck de. *Compreensão e produção de textos*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 46.

Temos, aqui, um texto que, embora não apresente nenhum elemento explícito de coesão, é coerente e é considerado um texto. Assim, a coesão superficial não é uma condição necessária para a textualidade, ou seja, para que "Como se conjuga um empresário" seja um texto. Por outro lado, isso não significa que ela não seja importante em outras situações comunicativas.

Vale lembrar que um texto (oral ou escrito) é um projeto de completude, uma proposta de sentido, que só

se completa na interação, com a participação ativa do leitor (ou ouvinte). Ao escrever um texto, o autor pressupõe que seu leitor-alvo disponha de uma série de conhecimentos prévios que precisarão ser recuperados para que ocorra a compreensão. Para compreendermos o texto como projeto de completude, tomemos como exemplo o poema "Impressionista", da escritora mineira Adélia Prado:

IMPRESSIONISTA | Adélia Prado

Uma ocasião,
meu pai pintou a casa toda
de alaranjado brilhante.
Por muito tempo moramos numa casa,
como ele mesmo dizia,
constantemente amanhecendo.

PRADO, Adélia. Impressionista. In: _____. *Bagagem*. Rio de Janeiro: Record, 2012. p. 36.

Nesse poema, a autora conta com o conhecimento enciclopédico do leitor, que precisa recuperar informações sobre o movimento impressionista: um movimento artístico, surgido na França, no século XIX, cujo nome foi derivado da obra *Impressão: nascer do*

sol (1872), do pintor Claude Monet. O poema faz uso da linguagem metafórica e relaciona a expressão "constantemente amanhecendo" ao título "Impressionista", em uma relação de intertextualidade com a obra do pintor parisiense.

2.2 | Gêneros e tipos textuais

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a BNCC preveem que o ensino da Língua Portuguesa na escola esteja centrado no texto em situações reais de

comunicação e devemos, portanto, levar em consideração os gêneros textuais/discursivos, uma vez que estes são a materialização dos textos.

GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS

Como vimos, em todos os nossos atos comunicativos produzimos textos. Os PCNs consideram que todo texto é uma **realização de discursos**. Essa **materialização** se organiza em **gêneros da linguagem, também chamados de gêneros textuais ou gêneros discursivos**.

De acordo com o filósofo soviético Mikhail Bakhtin, os gêneros são "tipos relativamente estáveis de enunciados" que refletem as especificidades de cada campo da atividade humana em três elementos "indissolivelmente ligados no todo do enunciado":¹² conteúdo temático, estilo e construção composicional.

12 BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. Tradução (do francês) por Maria Emsantina Galvão G. Pereira. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 262.

Conteúdo temático

São os temas recorrentes em determinado gênero. Mais do que o assunto de um texto, o conteúdo temático se refere aos sentidos, ao propósito comunicativo, ao leque de temáticas que podem ser abordadas por

um determinado gênero. Dito de outra forma, **trata-se daquilo que se pode ou se espera que seja dito num determinado gênero.**

Estilo

O estilo está relacionado à **escolha dos recursos linguísticos (lexicais, fraseológicos e gramaticais) feita pelo autor de um texto.** Assim, os poemas e os contos, por exemplo, são mais propensos a refletir a individualidade do autor, ao passo que em uma receita médica ou em uma tabela nutricional de um alimento não se espera encontrar traços da subjetividade de quem as escreveu.

Precisamos estar atentos ao estilo, pois ele

[...] **parece ser o aspecto menos cuidado na escola e, ao mesmo tempo, o que mais traz dificuldades aos alunos.** Mesmo que os estudantes entendam qual é a função, o público e o suporte de um gênero, mesmo que conheçam sua forma composicional, na hora de escrever um texto pertencente

a esse gênero, poderão enfrentar muitos problemas com a linguagem a ser utilizada. Para ter fluência na escrita de gêneros formais, que circulam em instâncias públicas, é preciso estar familiarizado com o estilo da linguagem usada nesses gêneros.¹³

Ao analisarmos o estilo de um gênero em sala de aula, precisamos considerar: o grau de formalidade e o vocabulário recorrente em cada campo de conhecimento; as construções sintáticas mais comuns; a paragrafação e o uso dos sinais de pontuação; o tempo e o modo verbais mais recorrentes; os recursos de coesão (pronomes, sinônimos e outros recursos que utilizamos para sinalizar de que estamos falando a cada momento).

Construção composicional

A construção composicional se refere às **formas típicas de organização dos enunciados. A estrutura de um gênero está ligada aos elementos relativamente estáveis que estão presentes em todos os textos a ele pertencentes.**

Ao realizar um trabalho de produção textual com os alunos, é necessário que as tarefas de leitura e

produção realizadas os levem a compreender o funcionamento da linguagem naquele gênero específico. Assim, ao trabalharmos com a forma composicional de um gênero, precisamos levar em conta: a estrutura usual; a composição e a ordenação das partes do texto, bem como que tipo de informação aparece em cada parte; a função de cada uma dessas partes e o modo como elas se articulam.

13 COSTA VAL, Maria da Graça *et al.* *Produção escrita: trabalhando com gêneros textuais.* Caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2007. (Alfabetização e Letramento). Disponível em: <<https://goo.gl/VKhBer>>. Acesso em: 1º jul. 2018. p. 31, grifo nosso.

TIPOS TEXTUAIS

Outro conceito importante a ser compreendido por nós, professores, é o de tipo textual, que se caracteriza muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados. Em geral, **os tipos textuais abrangem as categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.**¹⁴

Ao contrário do que acontece com os gêneros, que são inúmeros, os tipos têm um número limitado. Em relação às principais características dos tipos textuais, podemos observar que:

Um elemento central na organização de textos narrativos é a sequência temporal. Já no caso de textos descritivos predominam as sequências de localização. Os textos expositivos apresentam o predomínio de sequências analíticas ou então explicitamente explicativas. Os textos argumentativos se dão pelo predomínio de sequências contrastivas explícitas. Por fim, os textos injuntivos apresentam o predomínio de sequências imperativas.¹⁵

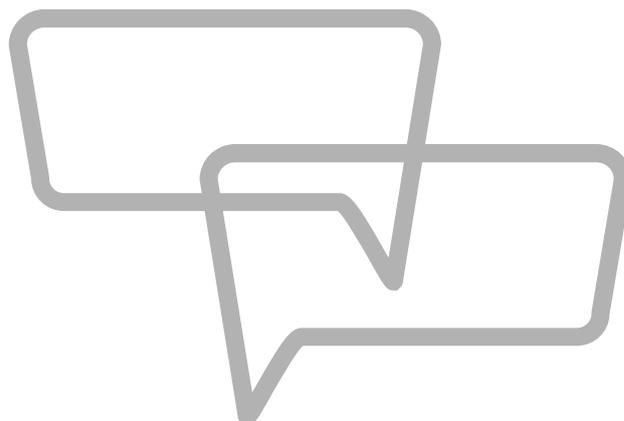
No *Glossário CEALE*, a professora Roxane Rojo reflete sobre o ensino de gêneros e tipos textuais na escola e afirma que:

Estes tipos de texto mais conhecidos – descrição, narração, dissertação/argumentação, exposição e injunção – vêm sendo ensinados e solicitados pela escola há pelo menos uma centena de anos, o que faz deles também gêneros escolares, que somente na escola circulam, para ensinar o “bem escrever”. Na escola, escrevemos narrações; na vida, lemos notícias, relatamos nosso dia, recontamos um filme, lemos romances (gêneros textuais). Na escola, redigimos uma “composição à vista de gravura” (descrição); fora dela, contamos como decoramos nosso apartamento, instruímos uma pessoa sobre como chegar a um lugar desconhecido. Na escola, dissertamos sobre um tema dado; na vida, lemos artigos de opinião, apresentamos nossa pesquisa ou relatório, escrevemos uma carta de leitor discordando de um articulista. Os gêneros de texto, portanto, não são classes gramaticais para classificar textos: são entidades da vida. Dão nome a uma “família de textos”.¹⁶

14 MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008. p. 154.

15 MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: Definição e funcionalidade: In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 29.

16 ROJO, Roxane. Gêneros e tipos textuais. In: FRADE, Isabel; COSTA VAL, Maria da Graça; BREGUNCI, Maria das Graças (Org.). *Glossário Ceale: termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores*. Belo Horizonte: FaE/UFMG, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/4igpgG>>. Acesso em: 1º jul. 2018.



3 | ETAPAS DA PRODUÇÃO TEXTUAL

O processo de escrita de um texto pode ser dividido em quatro etapas: planejamento (ou planificação), textualização, revisão e reescrita. Trata-se de um processo não linear, em que essas etapas são recursivas.

Assim, durante a textualização, por exemplo, o aluno pode também revisar seu texto e pode, ainda, rever seu planejamento.

3.1 | Planejamento

O planejamento (ou planificação) é o momento inicial da produção. **Nessa etapa, faz-se a definição: do tema (o que dizer), dos objetivos (razão para dizer), do destinatário (para quem dizer), de quem é o sujeito que escreve** (um aluno que interage com a diretora da escola, um candidato que escreve para um concurso, um amigo que envia uma carta, um candidato que apresenta propostas aos seus eleitores, etc.), **do local de publicação e do gênero em que o texto será produzido (estratégias para dizer)**. Esse momento é muito importante e não pode ser negligenciado em sala de aula para que o estudante tenha êxito em seu trabalho. A professora Maria Teresa Serafini (1995) afirma que muitos estudantes desconhecem o momento da planificação e já começam a escrever o texto, ou então ficam esperando o surgimento de uma inspiração.

É durante a planificação que o professor deve utilizar como estratégia a ativação dos conhecimentos prévios dos alunos a respeito tanto do assunto quanto do gênero e do(s) seu(s) interlocutor(es). Os textos analisados antes da escrita são de fundamental importância, pois permitem que o aluno obtenha mais informações sobre o assunto e conheça outros pontos de vista. Uma vez que a escrita é uma atividade de interação em que um autor diz algo a um leitor, é preciso ter o que dizer. “Ter o que dizer é, portanto, uma condição prévia para o êxito da atividade de escrever”.¹⁷

3.2 | Textualização

A textualização **se dá no momento em que o produtor colocará no papel (ou na tela) o que foi planejado**. É quando ele se constitui como sujeito que diz e utiliza estratégias para dizer o que tem a dizer. **Nessa etapa, ele redige o que foi concebido no planejamento**, desenvolvendo a primeira escrita do texto. A seleção das informações, a forma de organizá-las e a redação

do texto serão feitas com base nas condições de produção, isto é, nos seus objetivos, no suporte em que o texto será publicado e nas representações mentais que o escritor tem de seu leitor – quem é esse leitor, suas expectativas, que informações ele possui e a quais apoios terá acesso durante a leitura (imagens, vídeos, gráficos, tabelas, etc.).

3.3 | Revisão

A revisão é **a etapa em que se faz a leitura da primeira versão para avaliar se os objetivos comunicativos foram atendidos**, se o texto está adequado ao seu destinatário, se está de acordo com o gênero solicitado, se atende às condições de circulação, se as informações necessárias foram dispostas com clareza e se formam um todo organizado e coerente.

“É no decorrer da revisão que o aprendiz exerce a postura de um crítico de seu próprio texto, no papel de um leitor, pois percebe problemas não identificados

anteriormente e conclui que seu produto está sempre disponível para possíveis e eventuais modificações”.¹⁸

A revisão pode ser feita pelo escritor ou por uma terceira pessoa. No ambiente escolar, essa etapa pode ser feita tanto pelo aluno produtor do texto quanto por um colega ou pelo professor. Vale lembrar que, por se tratar de um processo com etapas recursivas, durante a escrita o autor lê o que escreveu, revisa, avalia, reescreve, relê e, dessa forma, seu produto pode ser visto como um texto em constante progressão, até que se chegue à versão final.

OS TIPOS DE REVISÃO FEITOS PELO PROFESSOR

A revisão ou correção de textos por parte do professor representa um momento muito importante no trabalho de produção textual e merece uma atenção especial, pois é a partir dela que os alunos farão a reescrita. Há quatro tipos de revisão que são utilizados: correção resolutiva, revisão indicativa, revisão classificatória e revisão textual interativa.

Para exemplificar os diferentes tipos de revisão, apresentamos, a seguir, a introdução de um hiperconto produzido de forma colaborativa por um grupo de quatro alunos do 8º ano do ensino fundamental. Após a apresentação do texto original (ver FIG. 1), explicitamos e exemplificamos cada um dos tipos de correção. Para isso, utilizamos a mesma produção, com o objetivo de ilustrar e mostrar as potencialidades e limitações de cada modo de revisar.

18 BALIEIRO, Luan Tarlau; MENEGASSI, Renilson José. A operação linguístico-discursiva de acréscimo na reescrita de textos de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental. *Claraboia*, Jacarezinho, v. 8, p. 30-49, jul.-dez. 2017. p. 33.

Oi estou aqui hoje, na ilha sou um das únicas dos sobreviventes e o meu nome é João eu estava fazendo uma viagem com meus amigos Carlos, Blen, Vitória, Mateus ate uma turbulência o jato caiu na agua próximo a uma ilha deserta. mais infelizmente não passava navios e helicópteros por perto e quando foram procurar se tinha mais sobreviventes ou comida mas a única coisa nós achamos sinalizador mas estava com a pólvora molhada e não conseguimos acionar então fomos fazer um abrigo para nós passarmos a noite e vitória foi fazer um abrigo e João e o Carlos foram pegar lenha para fazer e Blen e Matheus foram caçar água e comida e de madrugada nós ouvimos ondas fortes e quando fomos era pedaços do jato q tinha caído e com eles conseguimos fazer armas para se defender chegamos no acampamento fomos dormir e no meio da noite ouvimos um barulho fomos ver o que era.

Figura 1 – Texto original produzido por alunos
Fonte: coletado durante o projeto descrito em SANTOS, 2015.

Correção resolutiva

A correção resolutiva **é realizada quando o professor corrige os erros do texto, fazendo as alterações necessárias**. Nesse tipo de correção, palavras, frases e até períodos inteiros são reescritos pelo professor. A solução para os problemas encontrados é dada por ele. Isso limita que o aluno encontre outras formas de resolver os problemas identificados ou reflita sobre seus erros.

Pode-se dizer que “a maior limitação desse método é que ele mostra ao aluno uma única correção, um modelo determinado, sendo que em muitos casos várias correções são aceitáveis e correspondem a diferentes modos de expressão, todos corretos”.¹⁹

Vejam um exemplo desse tipo de correção na página a seguir.

19 SERAFINI, Maria Teresa. *Como escrever textos*. Tradução de Maria Augusta de Matos; adaptação de Ana Maria Marcondes Garcia. 7. ed. São Paulo: Globo, 1985. p. 114.

Perdidos na Ilha de Ilseperre

Oi! Estou aqui hoje, ^{em uma} ~~na~~ ilha. sou um dos únicos ~~de~~ sobreviventes e o meu nome é João.

Eu estava fazendo uma viagem com meus amigos Carlos, Alen, Vitória, Mateus, até ^{que houve} uma turbulência. O jato caiu na água, próximo a uma ilha deserta, ~~mas~~ infelizmente não passava navios e helicópteros por perto. Quando ^{fomos} fomos procurar se ^{havia} ~~tinha~~ mais sobreviventes ou comida, ~~mas~~ a única coisa ^{que} ~~que~~ achamos ^{foi um} sinalizador, mas estava com a pólvora molhada e não conseguimos acionar. Então fomos fazer um abrigo para nós passarmos a noite, e Vitória foi fazer um abrigo ^{quanto} e João e Carlos foram pegar lenha para fazer ^{uma fogueira} e Alen e Mateus foram caçar água e comida. E de madrugada, nós ouvimos ondas fortes e quando ^{fomos ver,} fomos ver pedações do jato ^{que} ~~que~~ tinha caído e com eles conseguimos fazer armas para ^{nos defendermos} se defender. Chegamos no acampamento, fomos dormir; e no meio da noite, ouvimos um barulho. ^{fomos ver o que era.}

Figura 2 – Correção resolutive
Fonte: elaboração própria.

Como se pode observar, nessa correção o próprio professor determina os caminhos e as soluções para os

erros dos estudantes, restringindo a reflexão por parte dos alunos.

Revisão indicativa

A revisão indicativa ocorre quando o professor faz marcações no texto do aluno, indicando os erros. Essas indicações podem aparecer na margem ou no corpo do texto. De acordo com a pesquisadora Eliana Ruiz, podem-se utilizar diferentes estratégias: sublinhar ou circular o trecho inadequado; fazer um X na

margem ou no corpo do texto; traçar linhas verticais, chaves ou colchetes no trecho em que aparecem os erros. Nesse tipo de revisão, **o professor “não altera o texto, somente indica o local das alterações a serem feitas pelo aluno”**.²⁰

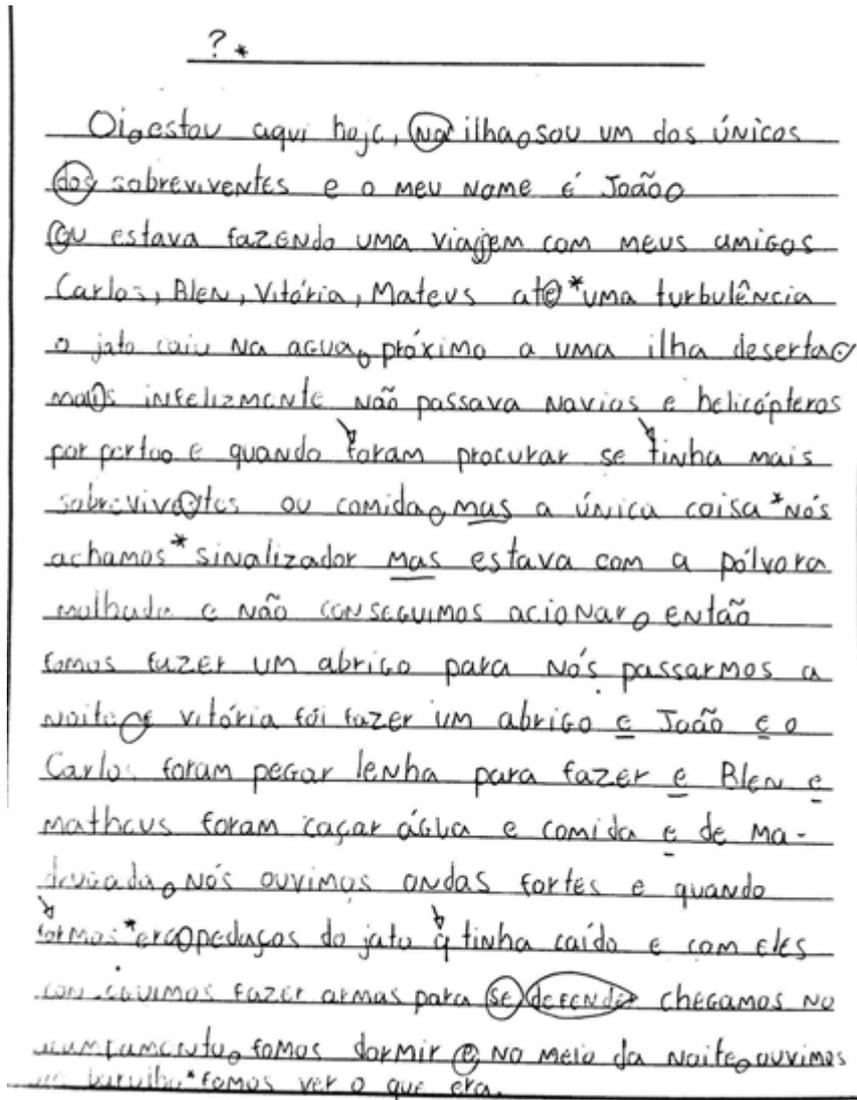


Figura 3 – Revisão indicativa
Fonte: elaboração própria.

Vemos, nesse exemplo, que o professor apenas indicou para os alunos os problemas encontrados no texto.

20 RUIZ, Eliana Maria Severino Donoio. *Como se corrige redação na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 46, grifos da autora.

Revisão classificatória

Esse tipo de revisão **consiste em fazer a identificação dos erros dos alunos por meio de uma classificação**. O professor utiliza diferentes símbolos (letras, abreviações de termos gramaticais ou outros elementos), que

podem ser colocados na margem ou no corpo do texto. Com essa classificação, que deve ser conhecida pelos alunos, chama-se a atenção do estudante, que poderá identificar cada tipo de erro e fazer as correções.

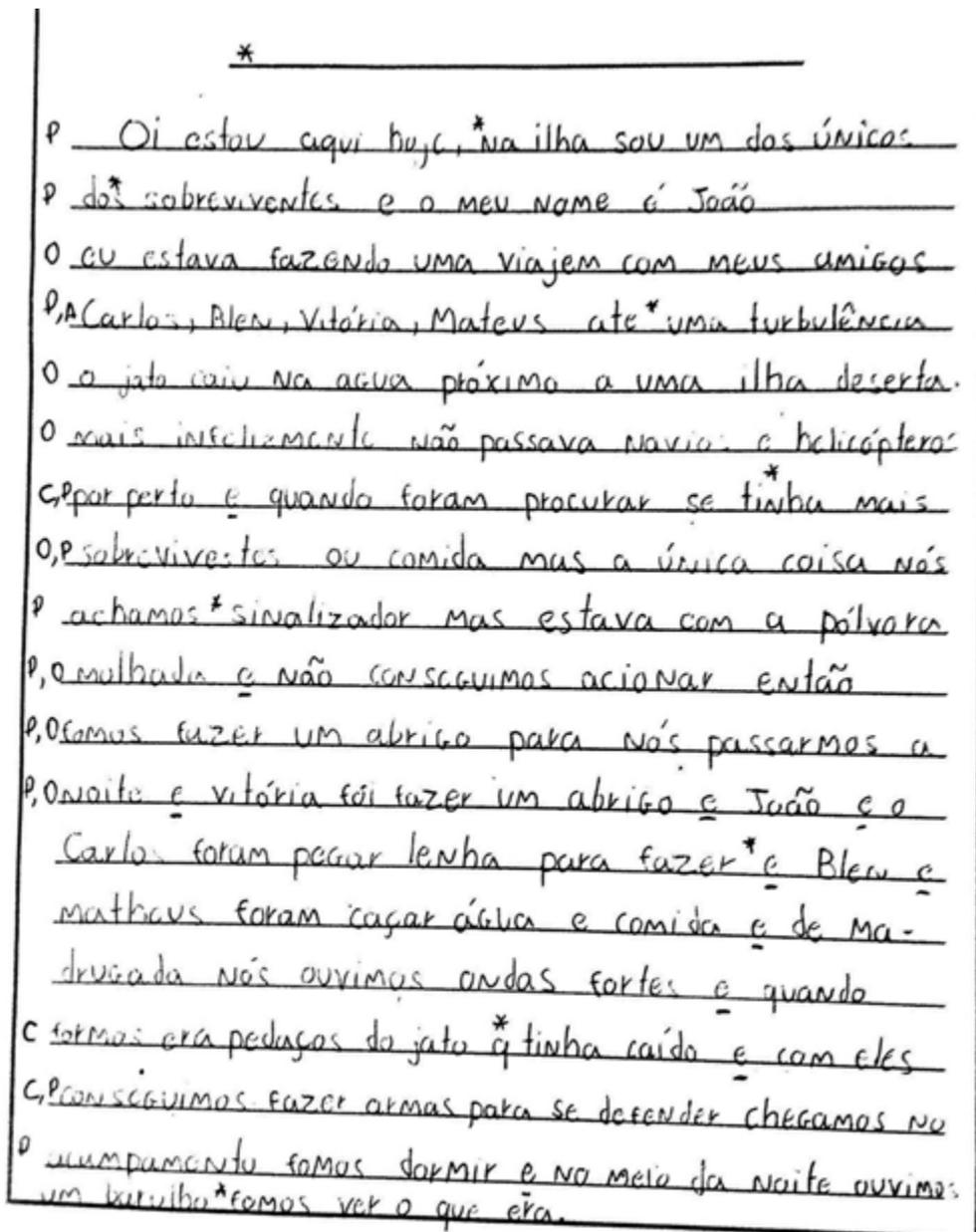


Figura 4 – Revisão classificatória
Fonte: elaboração própria.

No exemplo anterior, utilizou-se a seguinte classificação para os erros:

SÍMBOLO	SIGNIFICADO
P	Pontuação
O	Ortografia
C	Concordância
A	Acentuação
Traço embaixo da palavra	Repetição de palavras
*	Palavras ou expressões suprimidas

Para que os alunos compreendam essa revisão, é necessário que eles conheçam o código utilizado.

Revisão textual-interativa

Ocorre quando o professor escreve bilhetes, “comentários e questionamentos que dialogam com o texto e com o seu autor, podendo aparecer não só no espaço pós-texto, mas no corpo e na margem do texto”.²¹

Esses bilhetes feitos pelo professor

- apresentam-se no corpo e nas margens do texto, assim como no pós-texto, dependendo do que o professor quer apontar – um problema local ou global do texto –, pois quando estão localizados auxiliam o aluno na compreensão do problema destacado, mas quando estão no espaço posterior ao texto referem-se a problemas gerais;
- solicitam a complementação de dados que se apresentam incompletos, por meio de informações que auxiliam na melhoria da progressão temática;
- caracterizam-se como questionamentos, solicitações, sugestões e ressalvas;

- auxiliam o aluno na compreensão da finalidade da produção do gênero textual solicitado;
- apresentam-se também como elogios, servindo como estímulo à melhoria do texto, revelando o cumprimento da finalidade do gênero [...].²²

Durante o processo de revisão textual, o professor pode utilizar mais de um tipo de correção, de acordo com seus objetivos e com o perfil dos estudantes.

No texto que estamos utilizando como exemplo, temos um bilhete de revisão textual-interativa que foi escrito pelo professor no verso da produção:

21 MOTERANI, Natalia Gonçalves; MENEGASSI, Renilson José. Aspectos linguístico-discursivos na revisão textual-interativa. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 52, n. 2, p. 217-237, jul.-dez. 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/Nd7mwV>>. Acesso em: 24 jun. 2018. p. 225.

22 MOTERANI, Natalia Gonçalves; MENEGASSI, Renilson José. Aspectos linguístico-discursivos na revisão textual-interativa. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 52, n. 2, p. 217-237, jul.-dez. 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/Nd7mwV>>. Acesso em: 24 jun. 2018. p. 236.

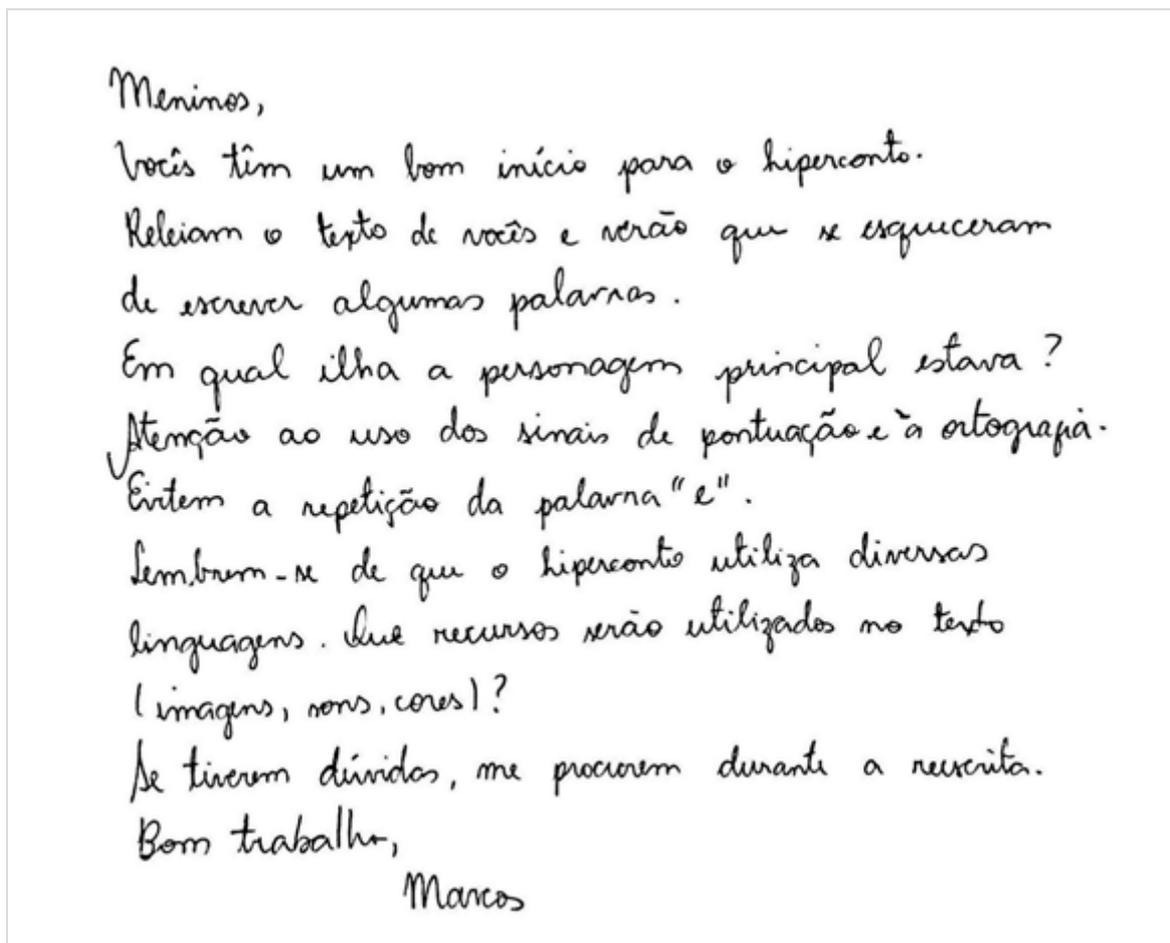


Figura 5 – Revisão textual-interativa
Fonte: elaboração própria.

Uma estratégia que pode ser utilizada pelo professor é a **combinação de mais de um tipo de revisão** – por

exemplo mesclando a revisão indicativa e textual-interativa, classificatória e textual-interativa, etc.

3.4 | Reescrita

A reescrita **é a etapa em que o aluno, após ler e identificar os problemas em sua produção, reescreve o texto, fazendo as alterações necessárias**. A reescrita deve ocorrer, também, após a revisão do professor. Depois de receber as orientações dadas, o estudante pode:

- A** | aceitar a sugestão e reformular o pedido;
- B** | aceitar a sugestão e reformular parcialmente o pedido;

C | aceitar a sugestão e ir além, apresentando outra reformulação além da sugerida;

D | apresentar reformulações além das sugeridas – estas podem ser decorrentes das sugestões ou não;

E | não aceitar as sugestões, ignorando-as conscientemente, ou não as acatar por não conseguir entender o sugerido ou por não conseguir reformular seu texto.²³

23 MENEGASSI, Renilson José. *Da revisão à reescrita: operações e níveis linguísticos na construção do texto*. 1998. 263 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 1998. p. 70.

Após aceitar as sugestões do professor, o aluno realiza algumas operações linguísticas que podem ser agrupadas em quatro tipos, conforme aponta Fabre:

A | Adição ou acréscimo: pode referir-se à adição de um elemento gráfico, acento, sinal de pontuação, palavra, uma ou mais frases.

B | Supressão: remoção sem substituir o segmento excluído. Pode abranger as diversas unidades, acento, sílaba, palavra, expressão, uma ou mais frases.

C | Substituição: supressão, seguida de substituição por um novo termo. Pode ser uma palavra, expressão, frase ou conjuntos mais amplos.

D | Deslocamento: permutação de elementos, o que leva a alterar a sua ordem no encadeamento.²⁴

Para realizar essas operações, é necessário que o aluno compreenda as orientações do professor e isso lhe permite refletir tanto sobre seus erros quanto sobre as possibilidades de escrita. Podemos afirmar, então, que a etapa da reescrita não pode ser negligenciada pelo professor, pois **“reescrever implica análise, reflexão, recriação”**.²⁵

Temos, a se, a versão final do texto que nos serviu de base para exemplificação:



QUASE MORTOS

Olá! Estou aqui, hoje, nesta ilha. Sou um dos únicos sobreviventes e meu nome é João.

Eu estava fazendo uma viagem com meus amigos, Carlos, Blen, Vitória e Mateus. Tudo corria muito bem, até que o jato passou por uma turbulência e caiu nas águas, próximo a uma ilha deserta. Por sorte, conseguimos sobreviver. Infelizmente não passavam navios e helicópteros por perto. Quando fomos procurar se havia mais sobreviventes ou comida, a única coisa que nós achamos foi um sinalizador, mas estava com a pólvora molhada e não conseguimos acionar.

Fomos então fazer um abrigo para nós passarmos a noite. Vitória foi fazer o abrigo, enquanto João e Carlos foram pegar lenha para fazer uma fogueira e Blen e Matheus foram procurar água e comida, mas nada encontraram, pois estava escuro.

Pouco tempo depois, ouvimos ondas fortes e, quando fomos à praia, vimos pedaços do jato que tinha caído, e com eles conseguimos fazer "armas" para nos defendermos. Chegamos ao "acampamento", fomos dormir e, no meio da noite, ouvimos um barulho e fomos ver o que era.

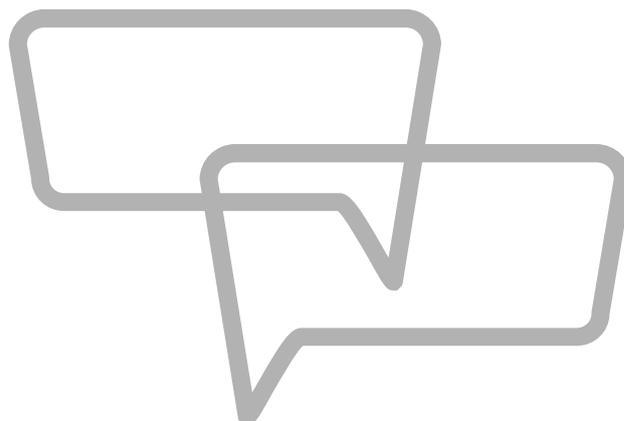
O que descobrimos fora do "acampamento"?

Havia outras pessoas na ilha Havia animais na ilha

Figura 6 – Versão final da introdução do hiperconto
Fonte: adaptado de Entre contos e hipercontos. Disponível em: <<https://goo.gl/GMJvCi>>. Acesso em: 1º jul. 2018.

24 FABRE, Claudine. Des variantes de brouillon au cours préparatoire. *Études de Linguistique Appliquée*, n. 62, p. 59-79, avr.-juin 1986. p. 69.

25 GEHRKE, Nara Augustin. Na leitura, a gênese da reconstrução de um texto. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 28, n. 4, p. 115-154, dez. 1993. p. 127.



4 | O EIXO “PRODUÇÃO DE TEXTOS” NA BNCC

Da mesma forma que na leitura, o eixo “Produção de textos” da Base Nacional Comum Curricular propõe um trabalho contextualizado da linguagem em situação de uso, por meio de circunstâncias concretas de textos que circulam nos diversos campos de atividade humana. Ou seja, deve-se buscar uma escrita de textos reais, que circularão em ambientes reais e que serão lidos por leitores reais, não se tratando, portanto, apenas de uma produção para a escola. O aluno deve produzir textos de diferentes gêneros, que serão lidos por diferentes leitores, e não apenas pelo professor.

Promover a circulação da produção dos estudantes é fundamental, pois trabalhando os gêneros textuais de forma aplicada e experimentando concretamente as distintas situações comunicativas, com suas respectivas especificidades, torna-se muito mais fácil para o estudante considerar e compreender os processos de produção, circulação e recepção dos textos; as condições de textualidade (como a intencionalidade, a situacionalidade, o grau de informatividade, etc.); a construção composicional e o estilo que caracterizam determinados gêneros. Nesse sentido, as práticas de produção de textos estão inter-relacionadas às práticas de uso e reflexão, e as complementam. “A separação dessas práticas se dá apenas para fins de organização curricular, já que em muitos casos (o que

é comum e desejável), essas práticas se interpenetram e se retroalimentam”.²⁶

A BNCC considera as práticas de escrita de textos compreendendo as seguintes dimensões:

CONSIDERAÇÃO E REFLEXÃO SOBRE AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DOS TEXTOS

Envolve tanto a reflexão sobre diferentes contextos em que os textos são produzidos e suas diferenças de estilos, formas e graus de formalidade quanto a análise de suas condições de produção e circulação – quem escreve, para quem escreve, onde e quando escreve e com que intenção escreve.

CONSTRUÇÃO DA TEXTUALIDADE

Envolve a realização de um trabalho que considere a construção composicional e o estilo de cada gênero estudado, com o objetivo de utilizar corretamente os elementos coesivos, organizar e/ou hierarquizar as informações de acordo com os propósitos comunicativos. Envolve, também, a utilização de recursos linguísticos e multissemióticos de forma adequada para alcançar os efeitos de sentido pretendidos.

26 BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: educação é a base*. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/P4PUf6>>. Acesso em: 27 jun. 2018. p. 80.

ALIMENTAÇÃO TEMÁTICA

Pressupõe a busca, leitura, avaliação, seleção e integração de informações, dados e argumentos relevantes em diversas fontes digitais e impressas confiáveis para aprofundamento adequado dos temas abordados nas produções textuais.

DIALOGIA E RELAÇÃO ENTRE TEXTOS

Envolve a orquestração de diferentes vozes discursivas no âmbito de um mesmo texto e o estabelecimento de relações de intertextualidade entre os diferentes textos.

ASPECTOS GRAMATICAIS

Envolve a utilização da ortografia, pontuação e demais regras que regem a norma-padrão, quando esta for exigida.

ESTRATÉGIAS DE PRODUÇÃO

Compreende o desenvolvimento de estratégias de planejamento, revisão, edição, reescrita/*redesign* e avaliação da adequação dos textos produzidos. Prevê, ainda, a utilização de programas para produzir e editar textos, áudios e imagens para serem integrados às produções textuais.

Qualquer trabalho de produção textual, portanto, deve considerar as **condições de produção**, circulação e recepção, com o objetivo de selecionar os **critérios**

de textualidade adequados aos propósitos comunicativos. Para garantir uma produção coerente, efetiva e adequada, tanto em relação à forma quanto ao conteúdo, é necessário ainda estar **bem alimentado e repertoriado da temática**, buscando, avaliando, selecionando e articulando informações aprofundadas do assunto abordado, promovendo dessa forma **a dialogia e a relação entre textos**, ao orquestrar as vozes discursivas e estabelecer relações intertextuais. Obviamente, deve-se ter cuidado também em relação aos **aspectos gramaticais**, adequando o texto à norma culta, quando a situação o exigir. E, nessa elaboração, podemos utilizar diversas **estratégias de produção textual** para cada uma das etapas (planejamento, textualização, revisão, edição, reescrita e avaliação), levando os alunos a compreenderem a escrita como um processo e como um trabalho. São esses os aspectos primordiais aos quais nós, professores, devemos dar especial atenção, segundo a BNCC.

Além disso, outro aspecto muito importante trazido pela normativa é a importância dos multiletramentos. O documento fala em “texto *escrito, oral e multissemiótico*”,²⁷ com diferentes finalidades e projetos enunciativos”.²⁸ Isto é, o objeto de interesse do ensino da Língua Portuguesa não é e nem deve ser apenas o texto escrito. “Já não basta mais a leitura do texto verbal escrito – é preciso colocá-lo em relação com um conjunto de outros signos ou outras modalidades da linguagem que o cercam, ou intercalam, ou impregnam”.²⁹ Por isso, deve-se oferecer ao aluno experiências de aprendizagem que o levem ao desenvolvimento da compreensão e da produção das muitas linguagens – imagens estáticas ou em movimento, sons, cores, representações visuais como infográficos, entre tantos outros. Inclusive, a BNCC incorpora ao ensino da disciplina de Língua Portuguesa novos gêneros próprios da cultura digital, como *GIFs*, memes e *podcasts*, os quais devem estar na pauta curricular do professor.

27 Textos multissemióticos representam uma informação por meio de diversas linguagens, de modo que, além do texto verbal, o leitor dispõe de outros recursos (cores, gráficos, sons, imagens, fotos, vídeos, etc.) para interpretar o que lê.

28 BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: educação é a base*. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/P4PUf6>>. Acesso em: 27 jun. 2018. p. 74, grifo nosso.

29 ROJO, Roxane. Letramentos digitais: a leitura como réplica ativa. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 46, n. 1, p. 63-78, 2007. p. 3.

5 | A ESCRITA EM AMBIENTES DIGITAIS

Pesquisadores, tanto no Brasil quanto em outros países, têm afirmado que “os ambientes digitais não trouxeram diferenças no modo como se processa a escrita”.³⁰ A produção de textos em ambientes digitais, além do letramento digital, exige as mesmas habilidades e passa pelas mesmas etapas necessárias para a escrita nos meios não digitais. Mas vale destacar que, ao desenvolver propostas de produção com o uso de tecnologias digitais, é necessário que o professor considere a multimodalidade, presente em todos os textos, e ensine seus alunos a integrarem imagens, gráficos, diagramas, animações e outros recursos multimodais em seus textos.

As diversas formas de utilização da linguagem, ampliadas e potencializadas pelas tecnologias digitais, evidenciam a necessidade de a escola trabalhar com múltiplas linguagens, desenvolvendo, assim, os multiletramentos. A escola não pode, sob pretexto algum, considerar apenas o modo verbal no processo de ensino. É preciso levar os alunos à compreensão de que “representação e imagens não são meramente formas de expressão para a divulgação de informações, ou representações naturais, mas são, acima de tudo, textos especialmente construídos que revelam as nossas

relações com a sociedade e com o que a sociedade representa”.³¹

Ao produzir textos na internet, é preciso que o aluno saiba tanto integrar diferentes linguagens – criando, assim, textos multissemióticos – quanto inserir *hiperlinks* em sua produção, gerando novos hipertextos digitais.

A internet trouxe também novas formas de circulação e publicação dos textos. Utilizando alguns programas, uma pessoa é capaz de produzir, editar e publicar seu próprio texto, com pouco ou até mesmo sem nenhum custo, democratizando as comunicações e mídias.

30 SANTOS, Marcos Celírio. *Entre contos e hipercontos: uma proposta de trabalho integrado para o desenvolvimento dos multiletramentos*. 2015. 281 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. p. 43.

31 DIONÍSIO, Angela Paiva. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, Acir Mario *et al.* (Org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Palmas (PR): Kaygangue, 2007. p. 160.

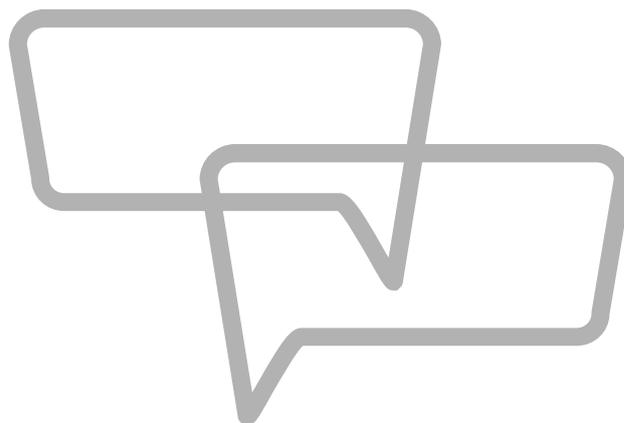
O livro *Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs* traz um rol de possibilidades de trabalhos escolares para o desenvolvimento dos multiletramentos impressos e digitais, aqui parafraseado:

- multiletramentos em impressos (jornal, revista, charges, tiras, HQs, publicidade, etc.);
- hipermídia baseada em escrita (mini e hipercontos, poemas visuais ou digitais, *blogs*, *wiki*, *fanfics*, ferramentas de escrita colaborativa, etc.);
- hipermídia baseada em áudio (*podcasts*, rádio(*blog*)s, (*fan*)clips, etc.);
- hipermídia baseada em *design* (animações, *games*, arte digital, etc.);
- hipermídia baseada em fotos (*photoshoping*, *fotologs*, animações, fotonovelas digitais, etc.);
- hipermídia baseada em vídeo (*videologs*, *remixes* e *mashups*, (*fan*)clips, etc.);
- redes sociais (Facebook, Google+, Twitter, Tumblr, etc.);
- ambientes educacionais (Ambientes Virtuais de Aprendizagem, portais, etc.).

ROJO, Roxane (Org.). *Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 9.

De acordo com a professora e pesquisadora Carla Viana Coscarelli, todo texto é um hipertexto. “Uma definição possível de hipertexto é a de que hipertextos são textos não lineares que oferecem links ou elos de ligação para outros textos, que podem inclusive ser imagens, gráficos, vídeos, animações, sons”. Assim, textos impressos e digitais são hipertextos, pois podem apresentar títulos, subtítulos, notas de rodapé, sumários e outros elementos que marcam sua não linearidade e funcionam como elos para outras obras ou mesmo para outras partes do mesmo texto. Sendo assim, falamos em hipertexto impresso e hipertexto digital.

COSCARELLI, Carla Viana. Textos e hipertextos: procurando o equilíbrio. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, v. 9, n. 3, p. 549-564, set.-dez. 2009. p. 554.



6 | ESTRATÉGIAS PARA DESENVOLVER **HABILIDADES DE ESCRITA EM SALA DE AULA**

Nesta seção, apresentamos algumas estratégias que podem ser utilizadas para auxiliar no desenvolvimento de habilidades de escrita dos alunos. As propostas

aqui descritas são flexíveis e podem ser adaptadas pelo professor, de acordo com o perfil das turmas e com o gênero que será produzido.

Lacunas coesivas

Consiste em apresentar um texto sem os elementos de articulação para que os alunos preencham as lacunas de forma adequada. Após a turma completar as lacunas, o professor verifica quais recursos foram utilizados. Em seguida, solicita que os estudantes sugiram outras possibilidades de construção. Ao final do exercício, faz-se a comparação entre escolhas feitas

pelos alunos e o texto original. Nesse tipo de atividade, os alunos têm a oportunidade de refletir sobre as diferentes possibilidades de uso das palavras que auxiliam na coesão do texto e também sobre as escolhas feitas pelo autor.

Diferentes modos de dizer

Trata-se de apresentar uma ocorrência e propor diferentes formas de dizê-la. Em seguida, apresentam-se outros fatos e solicita-se que os alunos os reescrevam de maneiras diversas. Para mostrar aos alunos a

diferença entre uma escrita mais objetiva e outra mais subjetiva, poética, podemos utilizar, por exemplo, um quadro como o que segue.

OCORRÊNCIA	OUTROS MODOS DE DIZER
“Deu-lhe uma tremenda porrada.”	“O punho se chocou contra a carne macia e a amassou até que se ouviu o osso partir.”
“O menino estava com muita sede.”	“Uma sede enorme, maior do que ele próprio, tomava-lhe agora o corpo todo.”
“Eu estava muito impressionada e peguei aquela bala que dura para sempre.”	“Eu estava boba: parecia ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas ao tomar em mãos a guloseima que representava o doce sabor do prazer eterno.”
“Minha mão se movimentava muito devagar.”	“O ponteiro das horas de um relógio se moveria mais depressa do que a minha mão.”

Distintos interlocutores

É necessário diversificar os interlocutores para quem os alunos produzem seus textos. Em vez de escrever apenas para o professor dar uma nota, os alunos podem ser convidados a produzir textos de diferentes gêneros para: um colega, alguém da família, um

amigo, a diretora da escola, um professor de outra disciplina, uma banca de concurso de redações, uma revista local, um jornal do bairro ou da cidade, um blog, uma revista, alunos de outra turma, alunos de outra escola, o autor de um livro ou de um *site*, etc.

Foco narrativo

Uma boa estratégia é solicitar que os alunos produzam textos de tipologia narrativa sob diferentes perspectivas (foco narrativo). Assim, ao relatar um pedido de namoro, por exemplo, pode-se solicitar que os alunos (individualmente ou em grupos) contem o

acontecimento sob o ponto de vista do rapaz, da moça, do pai da moça, do melhor amigo do rapaz, de uma garota que também gostava do rapaz, etc.

Retextualização

Consideramos como retextualização, aqui, as atividades de

[...] produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base, o que significa que o sujeito trabalha sobre as estratégias linguísticas, textuais e discursivas identificadas no texto-base para, então, projetá-las tendo em vista uma nova situação de interação, portanto um novo enquadre e um novo quadro de referências.³²

Na retextualização, produz-se um novo texto, com outro propósito comunicativo, ou seja, o aluno deve partir de um texto de determinado gênero e escrever outro texto, pertencente a um gênero diferente. Por exemplo: podemos partir de um caso popular e solicitar que a turma transforme o texto em uma notícia, em uma anedota, em uma crônica, em uma história em quadrinhos ou em um poema. Também podemos partir de um texto expositivo e propor que os estudantes o retextualizem, produzindo uma entrevista, um infográfico, um esquema, etc.

Final diferente

Outra estratégia desafiadora é solicitar que os alunos proponham um final diferente para um conto ou para uma fábula, por exemplo.

Continuação de um texto

Iniciar um texto pode ser uma tarefa difícil para alguns alunos. Para auxiliar os estudantes, pode-se apresentar-lhes o início de um texto (isso pode ser

feito com qualquer gênero) e solicitar que produzam o restante do texto.

Continuidade da narrativa

Muitas vezes, o leitor fica se perguntando o que terá acontecido com as personagens após o final do texto. Uma estratégia bastante instigante é solicitar que os alunos deem continuidade a uma narrativa. Assim,

após a realização de atividades de leitura de um conto ou de um romance, por exemplo, a turma pode ser desafiada a escrever novos rumos para a narrativa.

Listas de controle

Para auxiliar os alunos durante a revisão do texto, podemos apresentar-lhes uma lista de controle, que consiste em itens que devem ser observados na produção final. Assim, os alunos podem, antes de entregar a produção ao professor, conferir se as exigências do gênero produzido foram cumpridas. Precisamos ter

uma lista diferente para cada gênero, pois cada um deles apresenta uma estrutura composicional, temática e um estilo próprios.

Para o gênero conto, podemos apresentar a seguinte lista, por exemplo:

32 MATENCIO, Maria de Lourdes M. Referenciação e retextualização de textos acadêmicos. Um estudo do resumo e da resenha. In: CONGRESSO DA ABRALIN, 3., 2003. *Anais...* Rio de Janeiro: UFRJ, 2003. p. 3-4.

RELEIA SEU TEXTO E FAÇA UMA AUTOAVALIAÇÃO, OBSERVANDO OS ITENS A SEGUIR.

	Sim	Não
O título do conto é interessante? Chama a atenção do leitor? Estabelece relação com o texto?		
Na situação inicial, eu apresentei as personagens principais?		
Fiz referências ao lugar e ao tempo da narrativa?		
Descrevi os lugares e personagens?		
As palavras ou expressões que utilizei enriquecem as descrições e descrevem as emoções das personagens ao longo do texto?		
Os recursos que utilizei (imagens, figuras de linguagem, pontuação, etc.) produzem os efeitos desejados?		
Marquei corretamente as falas das personagens com travessão ou aspas?		
Utilizei os sinais de pontuação adequados no texto?		
Todas as partes do texto estão coerentes entre si?		
Os fatos narrados encaminham a narrativa para o clímax?		
Utilizei os verbos no tempo adequado? (No conto, predomina o tempo passado dos verbos.)		
Escrevi as palavras corretamente?		

Revisão e reescrita coletiva

Com o objetivo de refletir sobre as diversas possibilidades de escrita e de soluções para os problemas encontrados no texto, podemos propor a revisão e a reescrita de forma coletiva. Assim, professor e estudantes identificam os erros e, em seguida, corrigem juntos esses erros, discutindo as possíveis soluções para eles. Para realizar esse trabalho, podemos utilizar

um projetor multimídia e um editor de textos, a fim de que os alunos acompanhem o processo, fazendo as interferências que julgarem necessárias. Podemos, ainda, escrever o texto original no quadro ou em um cartaz.

Revisão e comparação de resultados

Outra estratégia que podemos utilizar é a revisão e reescrita em duplas. Cada dupla de alunos recebe um texto para ser revisado e reescrito. Inicialmente os alunos trabalham de forma individual e, após a conclusão, trocam os trabalhos, comparam e comentam

as diferentes soluções propostas para os problemas encontrados.

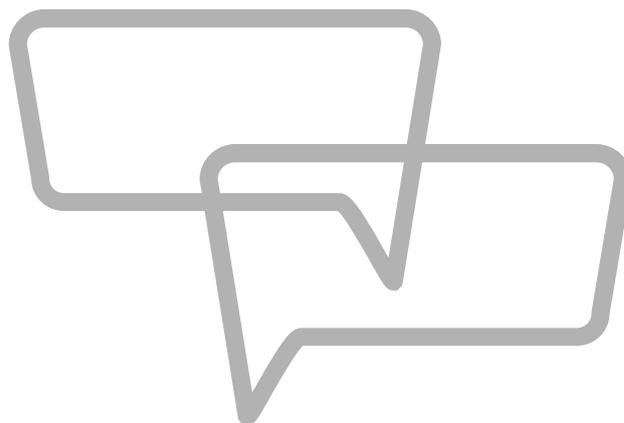
Em alguns casos, o professor pode entregar às duplas os textos já com os problemas identificados, para que os alunos façam a reescrita e comparem os resultados.



Nessas atividades de revisão e reescrita de textos inteiros ou de trechos, devemos ter o cuidado de não identificar o(s) autor(es) da(s) produção(ões). É importante conversarmos com a turma antes de iniciar esse tipo de trabalho e explicitar que as produções não serão identificadas, isto é, os nomes não serão expostos, e que nosso objetivo ao realizar esse tipo de atividade não é constranger nenhum aluno, mas possibilitar que todos reflitam e aprendam com os erros uns dos outros.

Correção de frases ambíguas ou incoerentes

Um exercício que também mobiliza diferentes habilidades de escrita é a proposição de frases ou trechos de textos incoerentes ou com ambiguidades para os alunos fazerem as correções. Essa atividade pode ser realizada com toda a turma (em um trabalho coletivo com a mediação do professor), bem como em duplas, trios ou grupos.



7 | A ESCRITA **COLABORATIVA**

Na produção de textos (impressos e digitais), é muito comum os escritores recorrerem a práticas de escrita colaborativa, processo social que envolve duas ou mais pessoas que se comunicam, negociam, compartilham conhecimentos e descobertas com um objetivo comum: produzir um texto. Trata-se, portanto, de uma prática muito antiga que tem sido atualizada em função do surgimento das tecnologias digitais e das novas estratégias e possibilidades de se compartilhar um texto.

Ao desenvolver uma atividade de escrita colaborativa com os alunos, o professor precisa estar atento a fatores que tornam complexo esse processo, tais como: o envolvimento dos integrantes de um grupo, a dificuldade (ou até mesmo a impossibilidade) de se estabelecer um consenso a respeito de determinadas decisões; a dificuldade de alguns indivíduos ou grupos de perseguir um objetivo comum; as mudanças de papéis dos integrantes durante a produção; a necessidade do uso de uma linguagem comum a todos os integrantes (é preciso evitar que o texto se torne uma “colcha de retalhos”); a complexidade dos textos e as diversas possibilidades de estratégias de escrita.

Apesar dos desafios, a escrita colaborativa pode e deve ser incorporada em sala de aula, pois, além de se tratar de algo cada vez mais usual no mundo contemporâneo, devido ao aprimoramento das ferramentas digitais, caracteriza-se como um exercício de cooperação entre os estudantes, com aprendizado mútuo, e cujos resultados podem surpreender e agradar muito a turma.

Quando dizemos que um texto é produto de uma escrita colaborativa, não estamos necessariamente afirmando que os autores estiveram presencialmente reunidos durante todo o processo. A interação entre eles pode ter ocorrido *online*, com o uso de tecnologias digitais. Não é porque cada um está em um local diferente, utilizando diferentes aparelhos e em momentos diferentes, que a escrita seja individual. O que a caracteriza é o engajamento dos integrantes em uma tarefa compartilhada de produção textual.

7.1 | Estratégias de escrita colaborativa

Para coordenar as atividades de escrita colaborativa, podem ser utilizadas quatro estratégias: escriba, escrita em sequencial, escrita em paralelo e escrita reativa.³³

A estratégia do **escriba** (FIG. 7) é utilizada quando o grupo define que um membro fará a escrita do texto. Nesse caso, tem-se um escrevente e os demais integrantes lhe transmitem suas ideias.

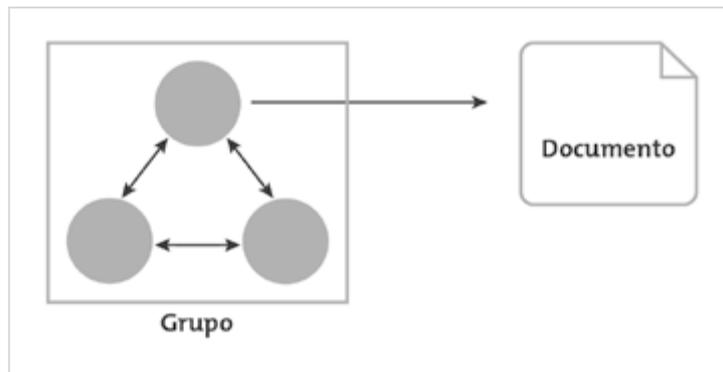


Figura 7 – Estratégia de escrita escriba
Fonte: Adaptado de LOWRY *et al.*, 2004. p. 76.

A **escrita sequencial** (FIG. 8) é aquela em que um integrante escreve uma parte do documento e, em seguida, passa-o para o próximo membro do grupo, até que o texto se complete e todos tenham dado sua contribuição. Essa é uma estratégia de organização

simples e de fácil coordenação do grupo; no entanto, deve-se ter atenção aos estilos de escrita para que o texto não se torne um mosaico.

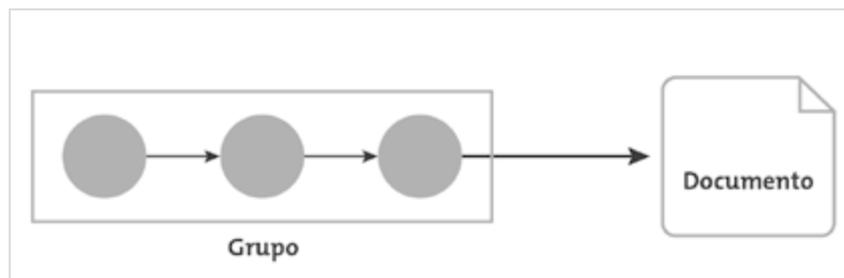


Figura 8 – Escrita sequencial
Fonte: Adaptado de LOWRY *et al.*, 2004. p. 76.

33 LOWRY, Paul Benjamin; CURTIS, Aaron; LOWRY, Michelle René. Building a Taxonomy and Nomenclature of Collaborative Writing to Improve Interdisciplinary Research and Practice. *Journal of Business Communication*, p. 66-99, 2004. Disponível em: <<https://goo.gl/JwBZ5k>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

Na **escrita em paralelo** (FIG. 9), o grupo divide o texto em seções e os membros trabalham de forma paralela. Existem dois tipos de escrita em paralelo: **escrita horizontal** e escrita por funções. Na escrita horizontal, os membros podem escrever ao mesmo tempo,

como múltiplos escritores. Essa estratégia é utilizada quando, por exemplo, cada pessoa fica responsável por escrever um capítulo de um livro. Essa estratégia é muito utilizada por estudantes ao realizarem trabalhos em grupo.

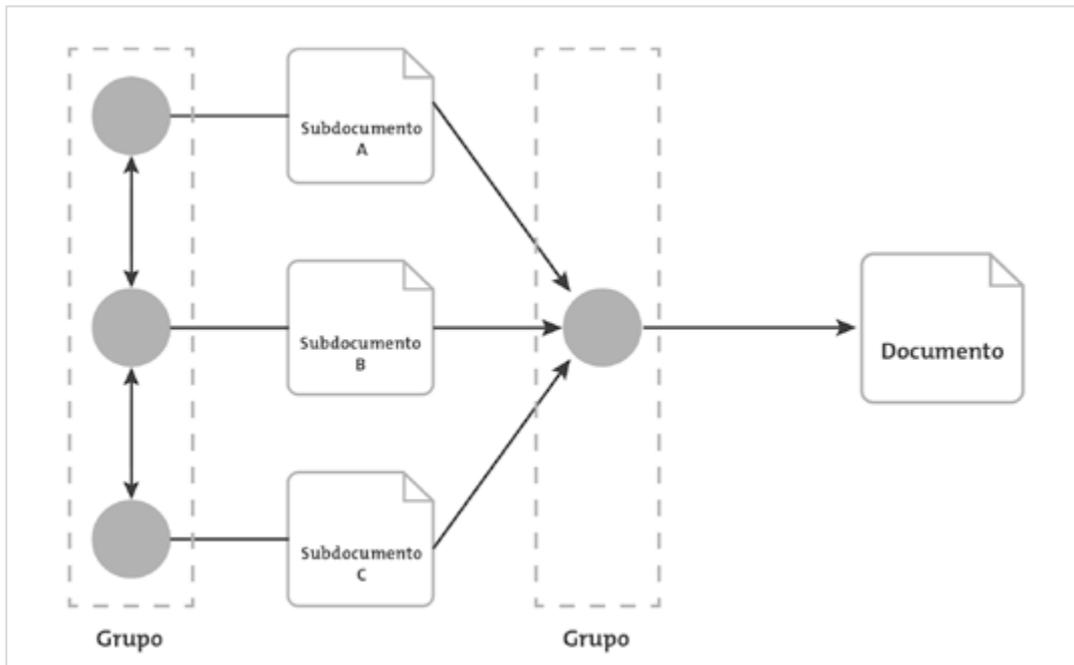


Figura 9 – Escrita paralela horizontal
Fonte: Adaptado de LOWRY *et al.*, 2004. p. 78.

Na **escrita por funções** (FIG. 10), uma tarefa específica é atribuída a cada integrante no momento do

planejamento do trabalho, de acordo com as habilidades dos participantes (escritor, revisor, editor).

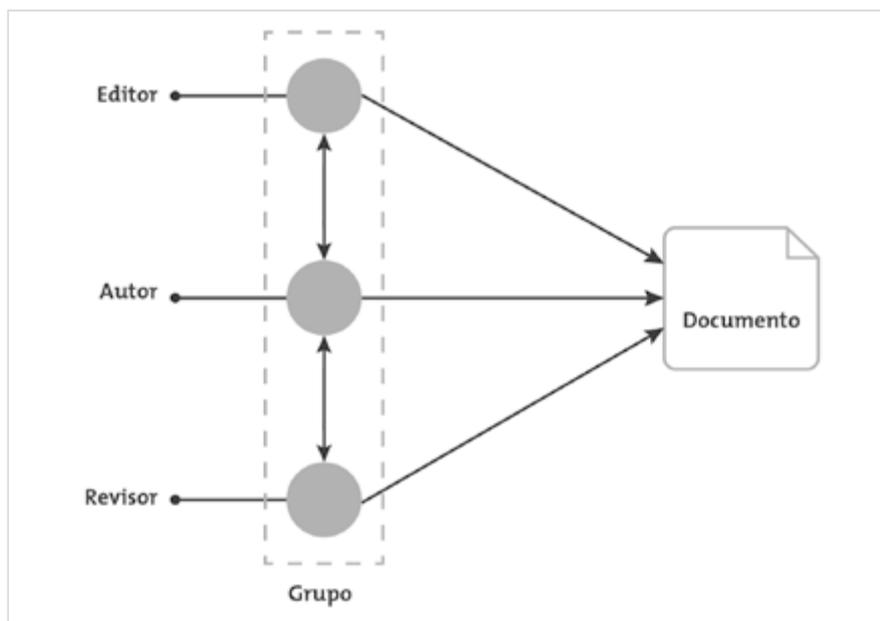


Figura 10 – Escrita paralela por funções
Fonte: Adaptado de LOWRY *et al.*, 2004. p. 79.

Na **escrita reativa** (FIG. 11), os escritores redigem um texto em tempo real, reagindo com as alterações e sugestões de cada integrante, sem que haja necessariamente um planejamento prévio ou explícita coordenação de um dos membros do grupo. Essa estratégia tem como fio condutor a reação dos membros àquilo

que está sendo escrito e pode envolver disputa, consenso, contribuições refletidas ou impensadas. Todos têm acesso ao documento ao mesmo tempo e todos podem fazer alterações. Essa estratégia é possibilitada pelas tecnologias digitais – por exemplo, pelo editor *online* Google Docs.

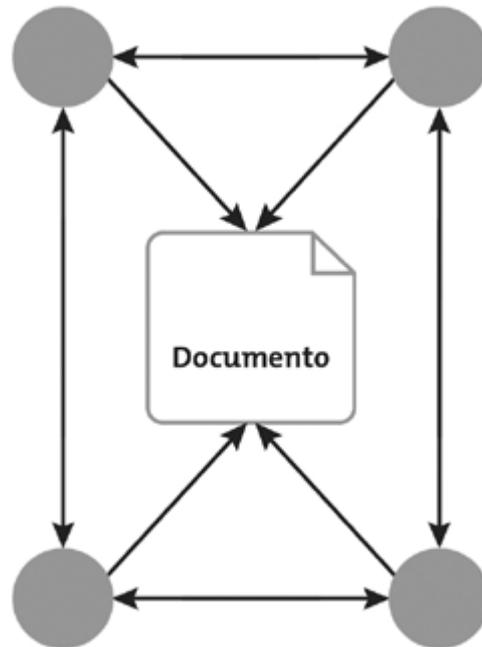


Figura 11 – Escrita reativa
Fonte: Adaptado de LOWRY *et al.*, 2004. p. 80.

7.2 | Papéis de escrita colaborativa

Os integrantes de uma equipe podem desempenhar vários papéis colaborativos. No contexto educacional, os mais comuns são: escritor, consultor, editor, revisor, líder e facilitador. Nem todos esses papéis precisam ser vislumbrados em todos os trabalhos de escrita colaborativa.

A | O papel de **escritor** é desempenhado pelo(s) estudante(s) que se responsabiliza(m) por escrever uma parte do conteúdo do texto.

B | O **consultor** geralmente é uma pessoa externa ao grupo, que fornece conteúdo, mas não tem nenhuma responsabilidade pela produção (escrita). Esse papel pode ser desempenhado por um professor, bibliotecário, etc.

C | O **editor** é o membro do grupo que fica responsável pela edição do texto e

ainda pode fazer alterações no conteúdo do documento.

D | O **revisor** é que fornece um retorno específico sobre o conteúdo do texto. Esse papel deve ser exercido tanto por algum aluno como também pelo professor.

E | O **líder** é um estudante que pode participar completamente nas atividades de escrita e revisão e lidera o grupo com ideias e processos adequados de planejamento. Em alguns grupos, de acordo com os perfis dos alunos, pode ser necessária uma negociação, de forma que em cada momento um aluno seja o líder da equipe.

F | O **facilitador** geralmente é o professor que propõe o trabalho e que conduz o grupo através de processos apropriados.

7.3 | Modos de controle do(s) documento(s)

Os modos de controle são as formas como o grupo gerencia a escrita de um texto. Há quatro modos de controle: centralizado, rotativo, independente e compartilhado.

No **controle centralizado** (FIG. 12), um aluno controla o documento durante todo o processo de escrita. Esse modo de controle pode ser útil quando se deseja manter o foco do grupo ou ainda quando os prazos para a conclusão dos trabalhos são curtos.

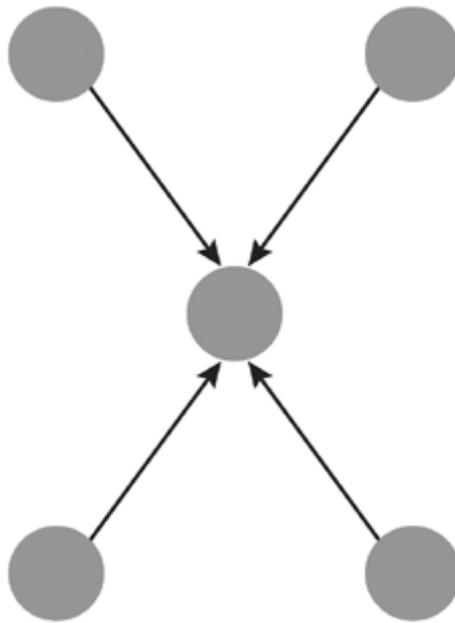


Figura 12 – Controle centralizado
Fonte: Adaptado de LOWRY *et al.*, 2004. p. 85.

No modo de **controle rotativo** (FIG. 13), um aluno de cada vez controla o documento. Nessa modalidade,

todos os membros do grupo compartilham e rodíziam poder e liderança.



Figura 13 – Controle rotativo
Fonte: Adaptado de LOWRY *et al.*, 2004. p. 86.

No **modo independente** (FIG. 14), cada estudante trabalha em uma parte separada do documento e

mantém o controle dessa parte durante todo o processo de escrita.

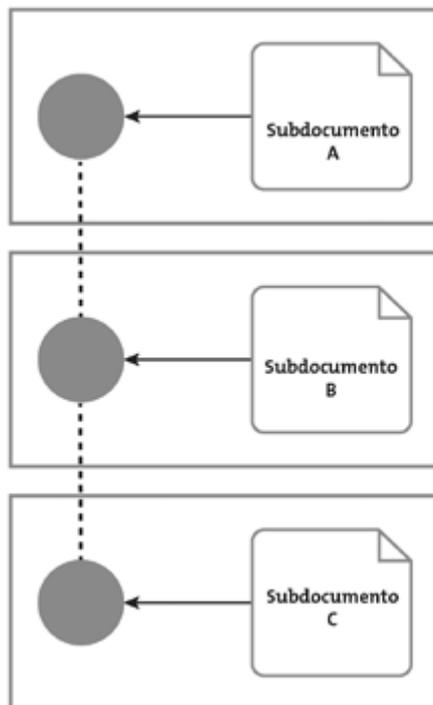


Figura 14 – Controle independente
Fonte: Adaptado de LOWRY *et al.*, 2004. p. 86.

O **controle compartilhado** (FIG. 15) é aquele em que todos os integrantes da equipe têm acesso igual e simultâneo ao documento, assim como os mesmos privilégios de escrita em todas as etapas da produção.

Esse controle é indicado para os casos em que a equipe trabalha de forma sincronizada e cujos membros se comunicam frequentemente.

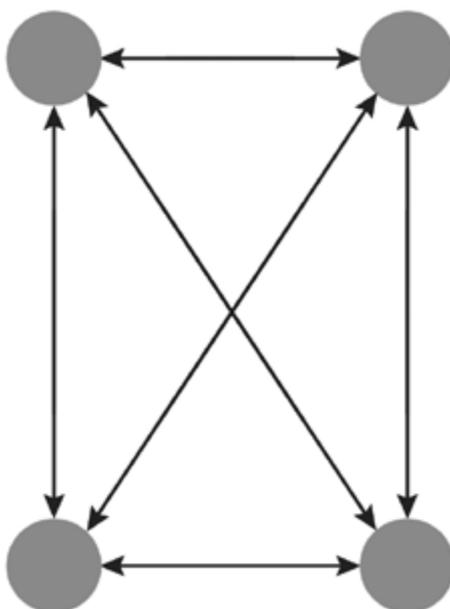


Figura 15 – Controle compartilhado
Fonte: Adaptado de LOWRY *et al.*, 2004. p. 87.

O modo de controle utilizado por uma equipe pode variar de acordo com a etapa de produção. Dessa forma, no planejamento, pode-se utilizar o controle centralizado e, nas demais etapas, o controle rotativo ou compartilhado.

Como podemos ver, são diversos os fatores que estão envolvidos no processo de produção colaborativa de textos, e precisamos conhecê-los para auxiliar e orientar nossos alunos nessa prática, que é cada vez mais comum e que se configura como mais uma dentre as diversas estratégias didáticas de trabalho com a produção textual.

8 | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. **Aula de português**: encontro & interação. São Paulo: Parábola, 2003.

BALIEIRO, Luan Tarlau; MENEGASSI, Renilson José. A operação linguístico-discursiva de acréscimo na reescrita de textos de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental. **Claraboia**, Jacarezinho, v. 8, p. 30-49, jul.-dez. 2017.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. Trad. (do francês) por Maria Emsantina Galvão G. Pereira. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/P4PUf6>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

CAVALCANTI, Jauranice Rodrigues. **Professor, leitura e escrita**. São Paulo: Saraiva, 2010.

COSCARELLI, Carla Viana. Textos e hipertextos: procurando o equilíbrio. **Linguagem em (Dis)curso**, Palhoça, v. 9, n. 3, p. 549-564, set.-dez. 2009.

COSTA VAL, Maria da Graça *et al.* **Produção escrita**: trabalhando com gêneros textuais. Caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2007. (Alfabetização e Letramento). Disponível em: <<https://goo.gl/VKhBer>>. Acesso em: 1º jul. 2018.

DIONÍSIO, Angela Paiva. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, Acir Mario *et al.* (Org.). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. Palmas (PR): Kaygangue, 2007.

FABRE, Claudine. Des variantes de brouillon au cours préparatoire. **Études de Linguistique Appliquée**, n. 62, p. 59-79, avr.-juin 1986.

GEHRKE, Nara Augustin. Na leitura, a gênese da reconstrução de um texto. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 28, n. 4, p. 115-154, dez. 1993.

GERALDI, João Wanderlay. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

GUALBERTO, Clarice Lage. **Multimodalidade em livros didáticos de língua portuguesa**: uma análise a partir da semiótica social e da gramática do *design visual*. 2016. 179 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2003.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. Front Pages: (The critical) analysis of newspaper layout. In: BELL, Allan; GARRET, Peter (Ed.). **Approaches to media discourse**. New Jersey: Blackwell, 1998. p. 186-219.

LOWRY, Paul Benjamin; CURTIS, Aaron; LOWRY, Michelle René. Building a Taxonomy and Nomenclature of Collaborative Writing to Improve Interdisciplinary Research and Practice. **Journal of Business Communication**, p. 66-99, 2004. Disponível em: <<https://goo.gl/JwBZ5k>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. Gêneros textuais: Definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MATENCIO, Maria de Lourdes M. Referenciação e retextualização de textos acadêmicos. Um estudo do resumo e da resenha. In: CONGRESSO DA ABRALIN, 3., 2003. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2003. p. 1-10.

MENDONÇA, Márcia. Texto. In: FRADE, Isabel; COSTA VAL, Maria da Graça; BREGUNCI, Maria das Graças (Org.). **Glossário Ceale: termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores**. Belo Horizonte: FaE/UFMG, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/RB8ZT7>>. Acesso em: 1º jul. 2018.

MENEGASSI, Renilson José. **Da revisão à reescrita: operações e níveis linguísticos na construção do texto**. 1998. 263 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 1998.

MOTERANI, Natalia Gonçalves; MENEGASSI, Renilson José. Aspectos linguístico-discursivos na revisão textual-interativa. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas, v. 52, n. 2, p. 217-237, jul.-dez. 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/yPS4Sg>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

ROJO, Roxane. Gêneros e tipos textuais. In: FRADE, Isabel; COSTA VAL, Maria da Graça; BREGUNCI, Maria das Graças (Org.). **Glossário Ceale: termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores**. Belo Horizonte: FaE/UFMG, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/4igpgG>>. Acesso em: 1º jul. 2018.

_____. (Org.). **Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

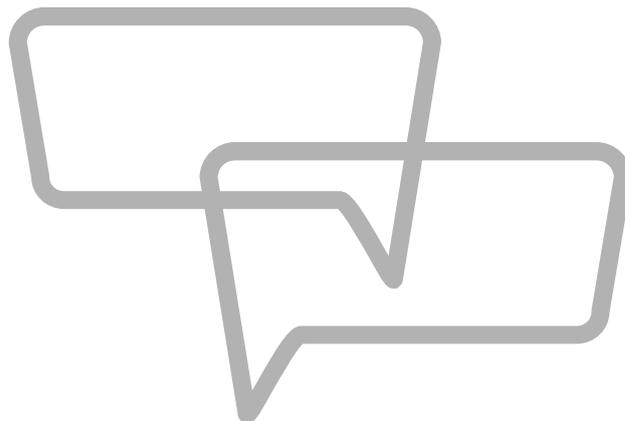
_____. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; Motta-Roth, Désirée (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005.

_____. Letramentos digitais: a leitura como réplica ativa. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 46, n. 1, p. 63-78, 2007.

RUIZ, Eliana Maria Severino Donaio. **Como se corrige redação na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SANTOS, Marcos Celírio. **Entre contos e hipercontos: uma proposta de trabalho integrado para o desenvolvimento dos multiletramentos**. 2015. 281 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

SERAFINI, Maria Teresa. **Como escrever textos**. Tradução de Maria Augusta de Matos; adaptação de Ana Maria Marcondes Garcia. 7. ed. São Paulo: Globo, 1985.



9 | SITUAÇÕES DE **APRENDIZAGEM**



Professor(a), as situações de aprendizagem que veremos a seguir são divididas da seguinte forma:

1 | TEXTO PRINCIPAL DA SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM

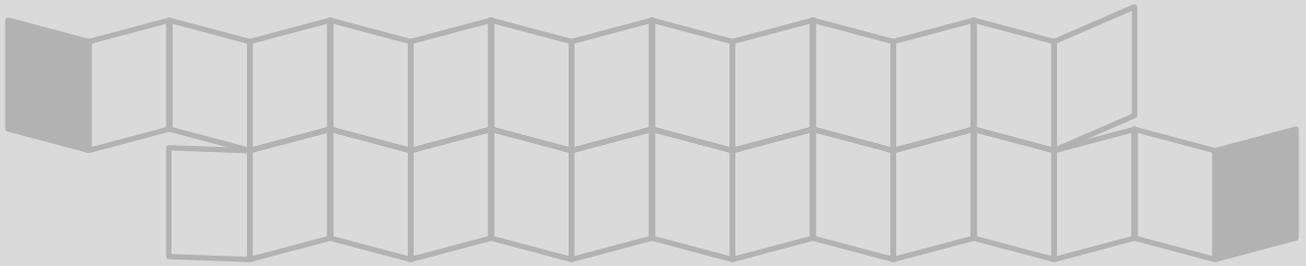
Aqui apresentamos a proposta da atividade e de que forma ela pode se dividir em aulas.

2 | MATERIAL PARA O PROFESSOR

*Aqui você encontrará um conteúdo de apoio para guiá-lo(a) na aplicação das aulas. As páginas destinadas a fotocópias ou projeção estão sinalizadas com uma **barra cinza vertical** no centro. Utilize essas páginas para compartilhar o material com a turma.*

3 | MATERIAL PARA O ALUNO

Esse conteúdo de apoio é inteiramente destinado a fotocópias para compartilhamento com a turma.



9.1 | SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1 (6º AO 9º ANOS) | **OS QUINTAIS DO MEU LUGAR**

Nesta atividade, trabalharemos com a escrita de textos de natureza descritiva. Propomos, ao final, a produção de um guia com imagens e explicações sobre a cidade de Paracatu, elaborado de forma colaborativa pela turma.

OBJETIVOS GERAIS

- ✓ Produzir colaborativamente um guia sobre a cidade de Paracatu;
- ✓ refletir sobre a comunidade a que pertencemos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Refletir sobre as diversas representações que podemos fazer do ambiente a nossa volta;
- ✓ produzir textos de natureza descritiva para a elaboração de guias turísticos;
- ✓ escrever textos colaborativamente;
- ✓ promover um ambiente de compartilhamento de experiências, produções e conhecimentos.

COMPETÊNCIAS A SEREM DESENVOLVIDAS (BNCC, 2017)

- ✓ Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.

- ✓ Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.
- ✓ Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.
- ✓ Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.
- ✓ Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital – para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.

HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

- ✓ (EF67LP23) Respeitar os turnos de fala na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula e na escola e formular perguntas coerentes e adequadas em momentos oportunos em situações de aulas, apresentação oral, seminário, etc.
- ✓ (EF69LPo7) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto de produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação –, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento, etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/alterando efeitos, ordenamentos, etc.
- ✓ (EF67LP32) Escrever palavras com correção ortográfica, obedecendo as convenções da língua escrita.
- ✓ (EF69LPo8) Revisar/editar o texto produzido – notícia, reportagem, resenha, artigo de opinião, dentre outros –, tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, características do gênero, aspectos relativos à textualidade, a relação entre as diferentes semioses, a formatação e uso adequado das ferramentas de edição (de texto, foto, áudio e vídeo, dependendo do caso) e adequação à norma culta.

TEMPO

4 aulas.

AÇÕES

- 1 | Exibição do vídeo "Paracatu", do canal *Quintal da Marianinha*, disponível em: <<https://goo.gl/3cnJz6>>. Acesso em: 1º jul. 2018.
- 2 | Discussão sobre o mural de imagens de Paracatu.
- 3 | Leitura e discussão de textos.
- 4 | Elaboração do guia sobre Paracatu.

RECURSOS DIDÁTICOS

Para a ação 1 | Projetor multimídia ou televisor e equipamento de som para exibição do vídeo enviado pela Mariana aos estudantes e para apresentação de algumas imagens e textos selecionados do *Quintal da Marianinha* (ver Material para o Professor).

Para a ação 2 | Imagens da cidade de Paracatu impressas, cada uma em meia folha de papel A4 (ver Material para o Professor) e coladas em uma cartolina. Numerar cada uma das imagens, mas não indicar o nome dos lugares que representam.

Para a ação 3 | Cópias das atividades disponíveis no Material para o Aluno.

Para a ação 4 | Imagens da cidade de Paracatu usadas na aula anterior, impressas, cada uma em meia folha de papel A4; papel A4 para a produção das descrições sobre a cidade de Paracatu; papel A4 ou cartolina branca (cortada em tamanho A4), pincel atômico, canetinha e lápis de cor (para os estudantes fazerem seus desenhos); cópias do quadro de avaliação da produção textual (ver Material para o Aluno); encadernação do guia.

CONHECENDO A ATIVIDADE

Esta atividade propõe a criação de um guia com imagens e explicações sobre a cidade de Paracatu, elaborado de forma colaborativa pela turma.



AULAS 1 E 2

CONHECENDO O QUINTAL DA MARIANINHA E PENSANDO OS QUINTAIS DE PARACATU

Nestas aulas, primeiramente assistiremos ao vídeo enviado pela Mariana sobre o *Quintal da Marianinha*, perfil de turismo e viagens da rede social Instagram.¹ Em seguida, entraremos em contato com imagens da cidade de Paracatu e as descreveremos.

Sugerimos que estas atividades sejam realizadas em aulas geminadas.

ORGANIZAÇÃO DA SALA

Sugerimos que a sala seja organizada em semicírculo, para que os estudantes possam assistir ao vídeo e ver as fotos da cidade de Paracatu que comporão o mural, bem como para facilitar a discussão e o envolvimento dos estudantes.

1 Mariana mora em Belo Horizonte. Formada em Comunicação Social, com ênfase em Publicidade e Propaganda, trabalha em uma agência de turismo e é responsável pelo *marketing* de conteúdo da agência. É uma pessoa apaixonada por viagens e tem um perfil no Instagram chamado *Quintal da Marianinha* (@quintaldamarianinha), no qual fala sobre suas viagens, posta fotos e vídeos sobre os roteiros que faz pelo mundo afora e ainda dá dicas de viagens para seus seguidores. Disponível em: <<https://www.instagram.com/quintaldamarianinha>>. Acesso em: 1º jul. 2018.

PASSO A PASSO

ANTES DA AULA

- ✓ Observe atentamente as imagens e vídeos propostos para esta situação de aprendizagem e as propostas orientadoras de trabalho.
- ✓ Faça um painel no quadro com as imagens de locais de Paracatu (ver Material para o Professor).



Professor(a), fique à vontade para selecionar outras imagens da cidade para comporem o painel.

- ✓ Separe o vídeo de Mariana para a turma (<https://bit.ly/2JhozQM>), baixando-o antecipadamente ou deixando-o pronto para acesso em sala. Lembre-se também dos materiais necessários à sua exibição – projetor multimídia ou televisor e equipamento de som.

DURANTE A AULA

- ✓ Comente com a turma que vocês assistirão a um vídeo de uma pessoa que gosta demais de conhecer os diversos lugares espalhados pelo mundo. Seu nome é Mariana. Ela viaja bastante e sempre sai em busca daqueles cantinhos que muitas vezes não constam em guias turísticos. São povoados, distritos, comunidades rurais e vilarejos que a maioria das pessoas desconhece. Ela gosta muito, além de conhecer esses lugares, de saber da vida das pessoas que ali habitam, quais são seus interesses, que comidas costumam preparar e saborear, dentre outras coisas.
- ✓ Em seguida, comente que Mariana tem um recado para a turma e gravou um vídeo contando um pouco de suas experiências com viagens, e que tem um pedido a fazer para a turma.
- ✓ Convide os estudantes a assistirem ao vídeo.
- ✓ Promova a discussão com a turma sobre os principais pontos abordados por Mariana. Convide-os, então, a fazerem juntos um guia de Paracatu para enviarem a ela.
- ✓ Peça aos estudantes que observem bem as imagens que compõem o painel e instigue-os a comentarem se conhecem os locais exibidos.
- ✓ Informe à turma que farão um pequeno exercício usando essas imagens. Peça-lhes, então, que descrevam no caderno uma das imagens dispostas no quadro, mas sem dizerem a que local se referem. Reforce que é para escreverem um pequeno texto com pistas sobre o que estão visualizando, mas que não deverão mostrar para os demais colegas. Essa atividade pode ser realizada em dupla.
- ✓ Se julgar necessário, estabeleça alguns elementos que devem constar na descrição (veja a seguir os tipos de descrição).
- ✓ Ofereça aos estudantes um exemplo, como o que se segue, acerca de uma das imagens de Paracatu constantes no painel.



A imagem escolhida por mim tem um lindo jardim, com flores coloridas. Ao fundo desse jardim, avistamos uma grande palmeira que fica bem em frente a uma construção pintada de branco e azul. Parece ser uma igreja. É um lugar tranquilo, sem pessoas ou carros à volta. O lindo azul do céu e as cores das flores se destacam e nos convidam a um passeio.

- ✓ Converse com os estudantes sobre a necessidade do respeito à produção do colega.
- ✓ Assim que os estudantes terminarem de escrever suas descrições, convide-os, um a um, a lerem seus textos, para que os demais colegas possam tentar relacioná-los à imagem a que se referem. Reforce que não poderão falar o nome do local e que o objetivo da atividade é elaborar textos que consigam apresentar uma descrição detalhada, que permita aos colegas relacionar corretamente o texto lido à imagem descrita. Nesse momento, a numeração nas fotografias auxiliará na identificação das imagens.



AULAS 3 E 4

PRODUZINDO O GUIA PARA MARIANINHA

Nestas aulas, os estudantes produzirão textos relacionados às imagens da cidade de Paracatu e os organizarão para compor um guia turístico, a ser enviado à Mariana.

ORGANIZAÇÃO DA SALA

Organize a sala de modo que os estudantes possam trabalhar individualmente ou em duplas.

PASSO A PASSO

ANTES DA AULA

- ✓ Leia atentamente e analise os textos e as propostas orientadoras de leitura e checagem de informações. Se julgar necessário, elabore mais questões para os textos lidos.
- ✓ Reproduza para os estudantes a atividade constante no Material para o Aluno.
- ✓ Disponibilize os materiais necessários para a aula: folhas A4 para os estudantes produzirem as descrições.
- ✓ Separe as imagens de Paracatu usadas na aula anterior.

DURANTE A AULA

- ✓ Inicie a aula explorando as características do gênero “guia turístico”. Para isso, faça a leitura e a realização das atividades de compreensão dos textos, constantes no Material para o Aluno.
- ✓ Na sequência, comente com a turma que, nesta aula, serão produzidos textos sobre Paracatu que comporão o guia a ser enviado à Mariana. Lembre-lhes que o objetivo é oferecer informações sobre a cidade. Assim, os textos deverão apresentar um bom detalhamento, de modo que Mariana saiba o que visitar na cidade. Reforce que eles devem buscar convencê-la de que Paracatu é realmente agradável e que possui atrativos de interesse turístico.
- ✓ Deixe que os estudantes escolham, dentre as imagens trabalhadas na atividade da aula anterior, a que irão descrever.
- ✓ Solicite que usem o seguinte roteiro – ou construa outro com a turma – para descreverem as imagens de Paracatu:
 - ✓ identificação do atrativo turístico;
 - ✓ local onde se situa;
 - ✓ quais são suas principais características – aspectos físicos e sensoriais.
- ✓ Reforce a necessidade de usarem uma linguagem clara, com vocabulário rico e variado, para tornarem o texto interessante para o leitor. Fale também que é possível usar elementos de descrição objetiva, subjetiva e sensorial.



A seguir, apresentamos uma síntese dos elementos caracterizadores dos tipos de descrição, que podem ser enfatizados com os estudantes.

DESCRIÇÃO OBJETIVA

- ✓ Descrição exata e precisa do objeto ou ser;
- ✓ maior aproximação possível da realidade;
- ✓ isenta de opiniões e duplos sentidos;
- ✓ descrição de aspectos físicos;
- ✓ utilização de uma linguagem clara, direta e realista;
- ✓ utilização de uma linguagem denotativa;
- ✓ descrição que torna o texto mais verídico.

DESCRIÇÃO SUBJETIVA

- ✓ Confere um cunho pessoal ao objeto ou ser descrito;
- ✓ transmissão de um estado de espírito e de sentimento;
- ✓ descrição de aspectos emocionais;
- ✓ utilização de uma linguagem simbólica e metafórica;

- ✓ utilização de uma linguagem conotativa;
- ✓ descrição que torna o texto mais interessante.

DESCRIÇÃO SENSORIAL

- ✓ Provoca sensações no leitor, explorando diversos sentidos.
- ✓ sensações visuais: saia vermelha, mãos enormes, tecido florido, toalha redonda...
- ✓ sensações auditivas: crianças barulhentas, casa silenciosa, ruído ensurdecedor, sibilante som das sílabas...
- ✓ sensações gustativas: resposta amarga, bolo delicioso, prazer agridoce, mar salgado...
- ✓ sensações olfativas: cheiro nauseabundo, aroma agradável, odor fétido e pestilento, roupa perfumada...
- ✓ sensações táteis: chão duro e áspero, seda macia, pele fria, tecido rugoso, etc.

Adaptado de TEXTO descritivo. *Norma Culta*, [s.d.]. Disponível em: <<https://goo.gl/tkECZh>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

- ✓ Durante a atividade, circule pela sala e vá fazendo interferências pontuais sobre os textos produzidos.
- ✓ À medida que os estudantes forem terminando suas produções, oriente-os a trocarem seus textos com o de algum colega, de modo que eles possam ler e tentar sugerir modificações e acréscimos. Sugira que usem o quadro constante no Material para o Aluno para realizarem a revisão.



Professor(a), ao revisar os textos dos estudantes, é um momento bastante oportuno para você trabalhar os tipos de revisão explorados na parte teórica deste caderno.

- ✓ Caso seja possível, ainda em sala, solicite aos estudantes que reescrevam seus textos, após as indicações apontadas por você e pelos colegas. Caso não haja tempo disponível para a reescrita, essa atividade poderá ser realizada em casa.
- ✓ Recolha os textos e providencie a encadernação do guia.



Professor(a), para tornar esta situação de produção de fato real, tente enviar o guia à Mariana. O endereço é o seguinte: Rua Itororó, 821, apto. 202, Padre Eustáquio, Belo Horizonte/MG – CEP: 30720-450. Ela certamente enviará uma resposta posteriormente à turma.

AVALIAÇÃO

Para avaliar a realização dessa atividade, observe:

- ✓ Os estudantes se envolveram durante o desenvolvimento das propostas?
- ✓ As atividades motivaram e desafiaram os estudantes?

Em relação às **descrições** das imagens de Paracatu, observe se os estudantes:

- ✓ conseguem descrever as imagens de forma que os colegas sejam capazes de fazer as associações corretas – a principal avaliação dos textos dos estudantes será feita por eles mesmos, ao tentarem identificar os locais descritos;
- ✓ usam elementos de natureza descritiva em seus textos – veja se formas, cores, imagens, dentre outros aspectos, são contemplados de maneira a apresentar um detalhamento do ambiente descrito.

Em relação à **oralidade**, observe se os estudantes:

- ✓ expressam ideias de forma clara e objetiva;
- ✓ sabem respeitar o momento da fala;
- ✓ sabem respeitar as opiniões dos colegas.

Em relação à **leitura**, observe se os estudantes:

- ✓ conseguem interpretar os textos trabalhados, atribuindo-lhes significação;
- ✓ identificam e compreendem as características do gênero textual “guia turístico”.

Em relação às **descrições produzidas**, observe se os estudantes:

- ✓ conseguem descrever as imagens apresentando um bom detalhamento, conforme os tipos de descrição trabalhados;
- ✓ expressam-se em seus textos com linguagem clara e objetiva;
- ✓ conseguem compreender e avaliar os textos dos colegas, identificando elementos e acrescentando sugestões;
- ✓ conseguem reescrever seus textos conforme as revisões realizadas.



Para analisar essas e outras questões, professor(a), é interessante ter sempre em mãos uma pauta de observações com espaço para anotações e comentários. Identifique os estudantes que possuem mais dificuldades e os aspectos sensíveis na sua aprendizagem, de modo a poder orientá-los de forma mais personalizada e trazendo propostas direcionadas ao desenvolvimento desses aspectos para a turma. Aponte também quais são os estudantes que apresentam facilidade no conteúdo e que poderiam contribuir com os colegas. Propor atividades de colaboração entre pares é uma excelente estratégia para fomentar a aprendizagem.

Lembre-se de registrar as ações e de inserir os registros no portfólio da turma.

MATERIAL PARA O PROFESSOR SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1



AULAS 1 E 2

CONHECENDO O *QUINTAL DA MARIANINHA* E PENSANDO OS QUINTAIS DE PARACATU

QUINTAL DA MARIANINHA

Todas as fotos foram retiradas do perfil *Quintal da Marianinha* e são de autoria de Mariana Tavares. Disponível em: <<https://goo.gl/HM43BM>>. Acesso em: 2 jul. 2018.





quintaldamarianinha • Sequir
Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses

quintaldamarianinha Viajantes, queridos!!! Continuamos com nossa saga nos Lençóis Maranhenses! Segundo dia de trilha, acordamos às 2h30 da madrugada com intenção de sairmos às 3h, mas um temporal acabou nos atrapalhando. Saimos com duas horas de atraso, mas com o céu ainda escuro. Seriam 25km de caminhada do Canto de Atins até Baixa Grande. Foto da primeira parte da trilha desse dia, quando o sol ainda estava nascendo... #baixagrande #cantodoatins #atins



197 curtidas

4 DE MAIO

Entrar para curtir ou comentar.



quintaldamarianinha • Sequir
Bicame De Pedra

quintaldamarianinha Boa noite, viajantes!!! Continuando as postagens em Catas Altas, apresento o Bicame de Pedra. Construído em 1792 por escravos, esse aqueduto foi construído para captar água da Serra do Caraça até Brumado, onde o ouro era extraído e lavado. Para a construção, foi gasta uma arroba de ouro, equivalente a 15kg. Vale a pena a visita! Nos próximos posts, um pouquinho mais desse lugar encantador! #catasaltas #bicamedepedra #escravos #aqueduto #ouro #arroba



246 curtidas

17 DE ABRIL

Entrar para curtir ou comentar.



quintaldamarianinha • Sequir
Parque Arqueológico de Pisac

quintaldamarianinha «No Parque Arqueológico Nacional de Pisac há agrupamentos arqueológicos como plataformas, aquedutos, caminhos associados a muralhas e fachadas, cursos de água canalizados, cemitérios e pontes. Sobre a área estão as ruínas que ocupam as colinas. O Parque de Pisac está localizado a 33 km de distância a leste da cidade de Cusco. Você consegue visitar no mesmo dia essas ruínas e também as de Ollantaytambo. Uma aula de história a céu aberto no Vale Sacrado. -----



175 curtidas

27 DE SETEMBRO DE 2017

Entrar para curtir ou comentar.





quintaldamarianinha • Sequir
Laguna Cañapa

quintaldamarianinha Parece pintura, cena de filme ou algo parecido, mas é uma foto de verdade, sem filtro ou qualquer outra edição. Uma amiga minha brincou dizendo que pareciam fotos do Discovery Channel. Realmente parecem. E pessoalmente é ainda mais bonito. Esta é a Laguna Cañapa, de água salgada, localizada em Potosí. Os vários flamingos que ficam por lá, parecem nem se importar com os curiosos. Eles têm essa coloração rosada porque se alimentam de camarões. É simplesmente



110 curtidas

5 DE ABRIL DE 2017

Entrar para curtir ou comentar. ...

110 curtidas

quintaldamarianinha Parece pintura, cena de filme ou algo parecido, mas é uma foto de verdade, sem filtro ou qualquer outra edição. Uma amiga minha brincou dizendo que pareciam fotos do Discovery Channel. Realmente parecem. E pessoalmente é ainda mais bonito. Esta é a Laguna Cañapa, de água salgada, localizada em Potosí. Os vários flamingos que ficam por lá, parecem nem se importar com os curiosos. Eles têm essa coloração rosada porque se alimentam de camarões. É simplesmente maravilhoso! Para guardar no álbum de fotos, na memória e no coração. #lagunacanapa #flamingo #bolivia #potosi #instatríp #instatravel #mochilao #mochileira #mochilando #brasileirasporai #canapalake #missaovt #ViagemeTurismo

Ver todos os 3 comentários

5 DE ABRIL DE 2017



quintaldamarianinha • Sequir
Canto Do Atins - Maranhão

quintaldamarianinha Bom diaaaa!!! Quem vê este sorriso no rosto não imagina os perrengues da viagem! Fim do primeiro dia e acabamos caminhando 11km invés de 6. Ponto de apoio na casa da Dona Luzia, com um camarão à moda delicioso nos esperando! A alimentação não estava incluída no valor do tour que fechei. O prato da saiu por R\$40,00. No final da viagem postarei todos os gastos para vocês se planejarem e também realizarem essa travessia. Os pontos de apoio não têm tanta estrutura. Precisamos tomar banho



275 curtidas

3 DE MAIO

Entrar para curtir ou comentar. ...

quintaldamarianinha Bom diaaaa!!! Quem vê este sorriso no rosto não imagina os perrengues da viagem! Fim do primeiro dia e acabamos caminhando 11km invés de 6. Ponto de apoio na casa da Dona Luzia, com um camarão à moda delicioso nos esperando! A alimentação não estava incluída no valor do tour que fechei. O prato da saiu por R\$40,00. No final da viagem postarei todos os gastos para vocês se planejarem e também realizarem essa travessia. Os pontos de apoio não têm tanta estrutura. Precisamos tomar banho gelado do lado de fora da casa, estilo BBB, de bikini e maiô! Mas pra todo mochileiro que se preze, tudo isso só vira história pra contar depois... #mochileira #mochilando #trip #travel #trekking #trilheiros #trilheirosdobrasil #trilhandotrilhas #trilha #lencoismaranhenses #maranhao #cantodoatins #atins #travessia #wanderlust #amoviajar #dicasdeviagem

Ver 1 comentário

3 DE MAIO

IMAGENS DE PARACATU – GABARITO COM O NOME DOS LOCAIS



Cachoeira São Miguel
Foto: autor desconhecido.



Cachoeira Sarana
Foto: autor desconhecido.



**Cachoeira Grande do Prata/
Cachoeira do Ascânio**
Foto: Carlos Alves.



Prefeitura Municipal
Foto: autor desconhecido.



Cine Teatro Santo Antônio
Atual Escola do Legislativo.
Foto: Edu Jung.



Cachoeira do Amor
Circuito de Cachoeiras do Prata.
Foto: Carlos Alves.



Av. Deputado Quintino Vargas
Também conhecida como
Rua dos Bancos. Foto: autor
desconhecido.



Rio Paracatu
Foto: autor desconhecido.



Sobradinho do Santana
Primeira edificação de alvenaria
de Paracatu e, reza a lenda, casa
que abrigou Dona Beja.
Foto: Paracatu Net.



Igreja do Rosário
Foto: Altemiro Olinto Cristo.



Igreja de São Sebastião do Pouso Alegre
Foto: Glaucio Henrique Chaves.



Igreja do Santana
Foto: Alberto Alves.



Museu Histórico Municipal de Paracatu
Foto: Alberto Alves.



Chafariz de Traiana
Foto: Carlos Alves.



Casa onde nasceu Afonso Arinos
Foto: Paracatu Net.



Centro histórico (1)
Foto: Udelton da Paixão.



Centro histórico (2)
À esquerda, Casa de Cultura.
Foto: Carlos Alves.



Casario
Foto: Samuel Tedinho.



Praça JK
Vista a partir da Matriz de Santo Antônio. Foto: autor desconhecido.



Vista aérea da Igreja Matriz de Santo Antônio
Foto: autor desconhecido.

PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCÓPIAS DESTA PÁGINA OU UTILIZE-A PARA PROJEÇÃO.

IMAGENS DE PARACATU - TAMANHO CARTÃO-POSTAL





PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCÓPIAS DESTA PÁGINA OU UTILIZE-A PARA PROJEÇÃO.

PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCÓPIAS DESTA PÁGINA OU UTILIZE-A PARA PROJEÇÃO.





PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCÓPIAS DESTA PÁGINA OU UTILIZE-A PARA PROJEÇÃO.

PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCÓPIAS DESTA PÁGINA OU UTILIZE-A PARA PROJEÇÃO.





PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCÓPIAS DESTA PÁGINA OU UTILIZE-A PARA PROJEÇÃO.

PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCÓPIAS DESTA PÁGINA OU UTILIZE-A PARA PROJEÇÃO.





PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCÓPIAS DESTA PÁGINA OU UTILIZE-A PARA PROJEÇÃO.

PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCÓPIAS DESTA PÁGINA OU UTILIZE-A PARA PROJEÇÃO.





PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCÓPIAS DESTA PÁGINA OU UTILIZE-A PARA PROJEÇÃO.

AULAS 3 E 4

PRODUZINDO O GUIA PARA MARIANINHA

ROTEIRO DE LEITURA | **EXPLORANDO O GÊNERO GUIA TURÍSTICO**

ANTES DA LEITURA

- ✓ Proponha aos estudantes as seguintes perguntas:

1 | Vocês já viram algum guia turístico?

2 | Qual é a intenção de um guia turístico?

3 | Em que situação vocês leram esse gênero textual?

4 | Onde podemos encontrar textos desse gênero?

- ✓ Converse com os estudantes:

“Hoje vamos conhecer uma parte de um guia turístico da cidade de Belo Horizonte. Alguém conhece a capital mineira? O que podemos dizer a respeito dela?”

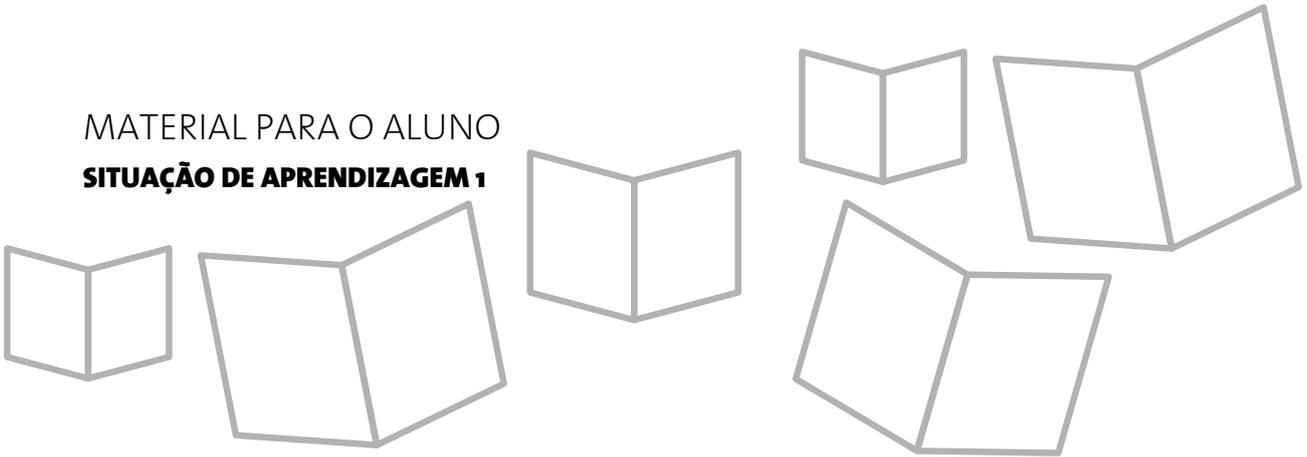
EXPLORANDO O GUIA BELOTUR

- ✓ Distribua para os estudantes a atividade sobre o Guia Belotur.
- ✓ Solicite que leiam silenciosamente os textos.

APÓS A LEITURA

- ✓ Peça para os estudantes responderem às perguntas propostas.
- ✓ Faça a correção das atividades.

MATERIAL PARA O ALUNO
SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1



AULAS 3 E 4

PRODUZINDO O GUIA PARA MARIANINHA

ATIVIDADE DE LEITURA | EXPLORANDO O GÊNERO GUIA TURÍSTICO

Os textos a seguir fazem parte do Guia Belotur de Turismo (guia turístico da cidade de Belo Horizonte).
 Leia-os atentamente:

JEITO MINEIRO DE SER | *Guia Belotur*

JEITO MINEIRO DE SER

Um olho na modernidade, outro na tradição. Um pé na tranquilidade, outro na boemia. Um passo no asfalto, outro na estrada de terra. MetrÓpole que mistura modernidade com hábitos de cidade do interior, Belo Horizonte é famosa por sua hospitalidade. As pessoas adoram sair, conhecer gente nova, receber bem. E a capital brasileira dos botecos tem opções para todos os gostos: restaurantes internacionais, cafés, pubs, boates, choperias, bares com música ao vivo. E, em volta, belas cidades históricas, montanhas e cachoeiras. Belo Horizonte vai ficar para sempre na sua memória. E você, em nosso coração.

IGREJA SÃO FRANCISCO DE ASSIS | *Guia Belotur*



1 | IGREJA SÃO FRANCISCO DE ASSIS | Av. Otacílio Negrão de Lima, 3.000, Pampulha | Tel.: (31) 3427-1644 | 3ª a sáb., das 8 às 17h; dom. das 9 às 14h | Taxa de entrada (dom. às 9h30 Missa – entrada franca) | Proibido tirar fotos no interior da igreja | Ônibus: 5106 Bandeirantes/Olhos D'Água. Parada: Av. Afonso Pena entre a Av. Amazonas e R. São Paulo, lado ímpar.

No mundo inteiro, não existe igreja igual a essa. Em linhas curvas, em tons azuis, é totalmente revestida por azulejos e painéis de Candido Portinari, que retratam a Via Sacra e a imagem de São Francisco. Considerada uma das grandes obras de Niemeyer e Portinari, a Igrejinha da Pampulha é emoldurada pela Lagoa e pelos belos jardins de Burle Marx.

PARQUE ECOLÓGICO DA PAMPULHA | *Guia Belotur*



2 | Av. Otacílio Negrão de Lima, 6.061, Pampulha | Tel.: (31) 3277.7439 | www.pbh.gov.br/fundacaozoobotanica | 3ª a 5ª (grupos agendados), 6ª a dom. e feriados (público em geral) das 8h30 às 17h | Ônibus: 3302A Nova Pampulha/Via Itamarati. Parada: R. dos Guaranis entre R. Carijós e R. Tamóios, lado par.

É difícil resistir à tentação de passear pelos 300 mil metros quadrados de área verde do Parque Ecológico Promotor Francisco Lins do Rego. Construído às margens da Lagoa da Pampulha, o parque é mais um espaço de educação, pesquisa e lazer da cidade. Nele são cultivadas espécies arbóreas representativas de três biomas brasileiros: Mata Atlântica, Cerrado e Floresta Amazônica. O lugar é perfeito para praticar esportes, brincar ao ar livre ou ver o tempo passar.

Adaptado de PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. *Guia Belotur*. Belo Horizonte: PBH, 2014. p. 29, 37. Disponível em: <<https://goo.gl/cqzC8Y>>. Acesso em: 3 jul. 2018.

Após a leitura, responda em seu caderno às perguntas a seguir.

1 | Qual é o objetivo de cada um dos textos?

2 | Justifique o título atribuído ao texto "Jeito mineiro de ser", tendo em vista as informações nele presentes.

3 | Leia o seguinte trecho retirado do texto "Igreja São Francisco de Assis":

4 | Que informações são oferecidas sobre a igreja no trecho a seguir?

IGREJA SÃO FRANCISCO DE ASSIS | Av. Otacílio Negrão de Lima, 3.000, Pampulha | Tel.: (31) 3427-1644 | 3ª a sáb., das 8 às 17h; dom. das 9 às 14h | Taxa de entrada (dom. às 9h30 Missa – entrada franca) | Proibido tirar fotos no interior da igreja | Ônibus: 5106 Bandeirantes/Olhos D'Água. Parada: Av. Afonso Pena entre a Av. Amazonas e R. São Paulo, lado ímpar.

5 | Retire, dos textos lidos, exemplos de:

- A** | descrição de aspectos físicos dos locais retratados;
- B** | utilização de linguagem clara e realista;
- C** | transmissão de um estado de espírito e de sentimento;
- D** | elementos que qualificam o espaço descrito.

6 | A partir da leitura dos textos, comente para que são produzidos os guias turísticos e a que público costumam se dirigir.

QUADRO DE AVALIAÇÃO DA PRODUÇÃO TEXTUAL

AUTOR:

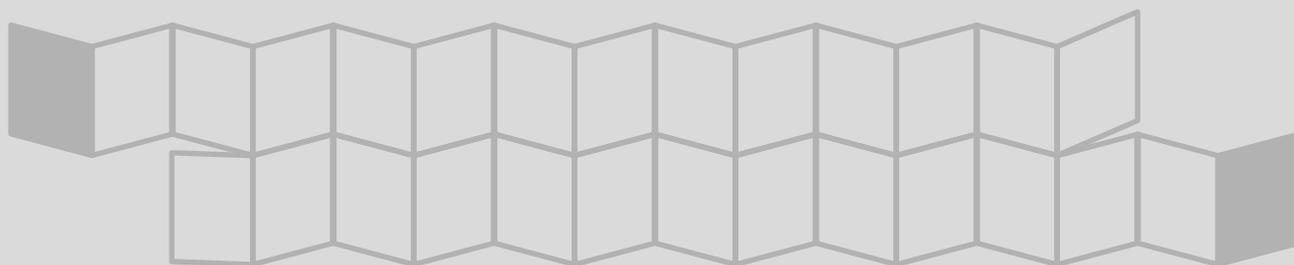
TÍTULO:

REVISOR:

DATA:

Considere os seguintes elementos ao realizar a revisão do texto de seu colega:

ITENS AVALIADOS	SIM	NÃO	COMENTÁRIOS
O texto segue as regras do gênero guia turístico?			
A linguagem está clara?			
Há problemas de ortografia?			
As frases estão bem estruturadas?			
Há um bom detalhamento do ambiente descrito? Veja se formas, cores, sensações, dentre outros aspectos, são contemplados.			
Descrevem-se os aspectos físicos do local retratado?			
O autor recorre à descrição subjetiva e/ou sensorial para enriquecer os elementos que qualificam o ambiente retratado?			
As ilustrações são coerentes com o texto verbal?			
A partir da descrição realizada, você sente vontade de visitar o local indicado?			
Que parte do texto mais lhe chamou a atenção?			
Que sugestões você pode fazer ao autor para que ele melhore seu texto?			



9.2 | SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 2 (6º AO 9º ANOS) | **DIÁRIO: REGISTROS DE UMA VIDA**

Nesta atividade, faremos a leitura e produziremos textos do gênero diário ficcional.

OBJETIVOS GERAIS

- ✓ Ler textos do gênero diário (pessoal e ficcional);
- ✓ produzir um diário ficcional.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Refletir sobre as diferentes formas de registrar nossas vivências;
- ✓ elaborar textos narrativos em primeira pessoa;
- ✓ compartilhar a produção de diários ficcionais com os colegas;
- ✓ promover um ambiente de compartilhamento de experiências, produções e conhecimentos.

COMPETÊNCIAS A SEREM DESENVOLVIDAS (BNCC, 2017)

- ✓ Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
- ✓ Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.

- ✓ Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.
- ✓ Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.
- ✓ Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital – para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
- ✓ Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

- ✓ (EF67LP23) Respeitar os turnos de fala na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula e na escola e formular perguntas coerentes e adequadas em momentos oportunos em situações de aulas, apresentação oral, seminário, etc.
- ✓ (EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haikai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.
- ✓ (EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto de produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação –, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento, etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/alterando efeitos, ordenamentos, etc.
- ✓ (EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo.
- ✓ (EF67LP30) Criar narrativas ficcionais, tais como contos populares, contos de suspense, mistério, terror, humor, narrativas de enigma, crônicas, histórias em quadrinhos, dentre outros, que utilizem cenários e personagens realistas ou de fantasia, observando os elementos da estrutura narrativa próprios ao

gênero pretendido, tais como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, utilizando tempos verbais adequados à narração de fatos passados, empregando conhecimentos sobre diferentes modos de se iniciar uma história e de inserir os discursos direto e indireto.

- ✓ (EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades, etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário.
- ✓ (EF67LP32) Escrever palavras com correção ortográfica, obedecendo as convenções da língua escrita.
- ✓ (EF69LPo8) Revisar/editar o texto produzido – notícia, reportagem, resenha, artigo de opinião, dentre outros –, tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, características do gênero, aspectos relativos à textualidade, a relação entre as diferentes semioses, a formatação e uso adequado das ferramentas de edição (de texto, foto, áudio e vídeo, dependendo do caso) e adequação à norma culta.

TEMPO

4 aulas.



Professor(a), dependendo do envolvimento da turma e da produtividade dos alunos, é possível que estas atividades demandem mais um horário.

AÇÕES

- 1 |** Exibição dos vídeos "Diário pessoal" e "Carolina Maria de Jesus: filha fala sobre vida e obra da escritora".
- 2 |** Leitura e discussão de textos.
- 3 |** Produção de textos do gênero diário.
- 4 |** Produção de um painel com os diários produzidos.

RECURSOS DIDÁTICOS

Para a ação 1 | Projetor multimídia ou televisor e equipamento de som.

Para a ação 2 | Cópias dos textos e atividades de leitura disponibilizados no Material para o Aluno.

Para a ação 3 | Cópias da proposta de produção textual; cópias do quadro de avaliação da produção textual; folhas de papel A4.

Para a ação 4 | Papel *kraft*, pincel atômico, tesoura, fita adesiva, canetinha, lápis de cor, papel A4, cola.

CONHECENDO A ATIVIDADE

Esta atividade propõe a leitura e a produção de diários ficcionais.



AULA 1

A LUTA DE CADA DIA REGISTRADA EM DIÁRIOS

Nesta aula, leremos textos do gênero diário pessoal e assistiremos a dois vídeos: "Diário pessoal" e "Carolina Maria de Jesus: filha fala sobre vida e obra da escritora".

ORGANIZAÇÃO DA SALA

Sugerimos que a sala seja organizada em semicírculo, para que os alunos possam assistir aos vídeos e participar das discussões sobre os textos lidos.

PASSO A PASSO

ANTES DA AULA

- ✓ Leia atentamente e analise os textos e as propostas orientadoras de leitura e checagem de informações. Se julgar necessário, elabore mais questões para os textos que serão lidos.
- ✓ Reproduza para os alunos os textos do Material para o Aluno e/ou outros de sua escolha.
- ✓ Prepare os equipamentos que serão necessários para assistir aos vídeos com a turma – projetor multimídia ou televisor e equipamento de som.

DURANTE A AULA

- ✓ Inicie a aula conversando com os alunos sobre as diversas formas de fazer registros do que acontece em nosso dia a dia. Pergunte a eles que tipos de registros eles conhecem.
- ✓ Após as respostas dos alunos, apresente o tema da aula: diário pessoal.
- ✓ Convide-os a assistirem ao vídeo "Diário pessoal", disponível em: <<https://bit.ly/2uxpvxO>>. Acesso em: 2 jul. 2018.
- ✓ Converse com os alunos sobre a personagem retratada e faça-lhes perguntas sobre o estilo de vida dela, sua classe social, as atividades que ela realiza, etc.
- ✓ Pergunte aos alunos como seria o registro de um homem ou mulher pobre que passa por muitas dificuldades financeiras.
- ✓ Incentive a participação dos alunos.
- ✓ Na sequência, convide-os a assistirem a um segundo vídeo, "Carolina Maria de Jesus: filha fala sobre vida e obra da escritora", que mostra outra realidade (disponível em: <<https://bit.ly/2m1ERIF>>. Acesso em: 2 jul. 2018.
- ✓ Pergunte se os alunos ficaram curiosos para conhecer a história de Carolina Maria de Jesus e convide-os a ler um trecho de seu livro *Quarto de despejo* (ver Material para o Aluno).
- ✓ Após a discussão do texto, pergunte aos alunos se eles já leram algum diário e proponha a leitura de outros textos (ver Material para o Aluno).



AULA 2

DIÁRIOS FICCIONAIS

Nesta aula, leremos textos do gênero diário ficcional.

ORGANIZAÇÃO DA SALA

Sugerimos que a sala seja organizada em grupos de quatro ou cinco alunos, formando seis grupos no total.

PASSO A PASSO

ANTES DA AULA

- ✓ Leia atentamente e analise os textos e as propostas orientadoras de leitura e checagem de informações. Se julgar necessário, elabore mais questões para os textos que serão lidos.
- ✓ Reproduza para a turma os textos do Material para o Aluno e/ou outros de sua escolha.

DURANTE A AULA

- ✓ Relembre com os alunos o tema discutido na aula anterior e as características do gênero diário.
- ✓ Convide a turma para ler alguns exemplos selecionados, disponíveis no Material para o Aluno.
- ✓ Distribua os textos de forma que cada trecho seja lido por três grupos e oriente os alunos a lerem os textos e discutirem as questões.
- ✓ Faça a correção coletivamente, promovendo um debate com a turma sobre as questões levantadas e explorando as características do gênero textual trabalhado.



AULAS 3 E 4

PRODUZINDO DIÁRIOS FICCIONAIS

Nestas aulas, produziremos e compartilharemos diários ficcionais.

ORGANIZAÇÃO DA SALA

Sugerimos que a sala seja organizada em duplas.

PASSO A PASSO

ANTES DA AULA

- ✓ Leia atentamente e analise a proposta de produção textual. Se julgar necessário, prepare materiais adicionais para apoiar os estudantes nessa ação.
- ✓ Reproduza cópias para os alunos da proposta de produção textual e do quadro de avaliação, disponíveis no Material para o Aluno.
- ✓ Prepare previamente um painel com o título “Diários ficcionais da turma [inserir nome]”.

DURANTE A AULA

- ✓ Inicie o trabalho lembrando com os alunos as aulas anteriores e as características do gênero diário.
- ✓ Apresente aos alunos a proposta de produção textual (ver Material para o Aluno).
- ✓ Após a produção textual, oriente os alunos a trocarem o texto com um colega, que deverá lê-lo e avaliá-lo de acordo com os critérios constantes no quadro de avaliação.
- ✓ Feitas as revisões, oriente os alunos a fazerem a reescrita dos diários. Em seguida, monte um painel fora da sala de aula para que outros alunos possam ler as produções da turma.



Professor(a), se preferir, você e seus alunos poderão encadernar os diários e deixá-los na biblioteca.

AVALIAÇÃO

Para avaliar a realização dessa situação de aprendizagem, observe:

- ✓ Os alunos se envolveram durante o desenvolvimento das atividades?
- ✓ As atividades motivaram e desafiaram os estudantes?

Em relação à **leitura**, observe se os alunos:

- ✓ conseguem interpretar os textos trabalhados, atribuindo-lhes significação;
- ✓ identificam e compreendem as características do gênero textual diário.

Em relação à **oralidade**, observe se os alunos:

- ✓ expressam ideias de forma clara e objetiva;
- ✓ sabem respeitar o momento da fala;
- ✓ sabem respeitar as opiniões dos colegas.

Em relação à **produção textual**, observe se os alunos:

- ✓ compreendem e seguem a proposta de produção;

- ✓ compreendem e utilizam os elementos do gênero diário ficcional;
- ✓ redigem o texto em primeira pessoa;
- ✓ expressam-se em seus textos com linguagem clara e objetiva;
- ✓ conseguem compreender e avaliar os textos dos colegas, identificando elementos e acrescentando sugestões;
- ✓ conseguem reescrever seus textos conforme as revisões realizadas.



Para analisar essas e outras questões, professor(a), é interessante ter sempre em mãos uma pauta de observações com espaço para anotações e comentários. Identifique os alunos que possuem mais dificuldades e os aspectos sensíveis na sua aprendizagem, de modo a poder orientá-los de forma mais personalizada e trazendo propostas direcionadas ao desenvolvimento desses aspectos para a turma. Aponte também quais são os estudantes que apresentam facilidade no conteúdo e que poderiam contribuir com os colegas. Propor atividades de colaboração entre pares é uma excelente estratégia para fomentar a aprendizagem.

Lembre-se de registrar as ações e de inserir os registros no portfólio da turma.

MATERIAL PARA O PROFESSOR
SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 2



AULA 1

A LUTA DE CADA DIA REGISTRADA EM DIÁRIOS

DIÁRIOS BIOGRÁFICOS

ROTEIRO DE LEITURA | **QUARTO DE DESPEJO** | *Carolina Maria de Jesus*

ANTES DA LEITURA

- ✓ Relembre com os estudantes a referência feita, no vídeo, ao título do livro: *Quarto de despejo*.

O título do livro pode ser visto como uma metáfora que relaciona a favela do Canindé à sua posição na cidade de São Paulo. No vídeo, Vera Eunice, filha da escritora, faz referência ao título, afirmando que a favela se tornou um “quarto de despejo”, pois foi o lugar onde os pobres foram “despejados”.

- ✓ Oriente os estudantes a observarem o estilo de escrita e a ortografia da autora.

APÓS A LEITURA

- ✓ Pergunte aos estudantes:

1 | O que vocês acharam do texto?

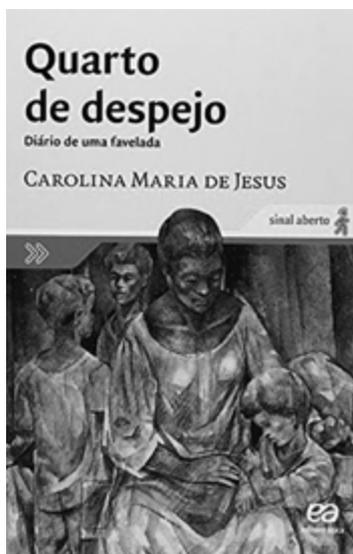
2 | Que características da vida na favela estão presentes no trecho lido?

3 | Que sentimentos a leitura desse trecho desperta em vocês?

4 | O que vocês observam em relação ao estilo de escrita e à ortografia da autora? Como o seu modo de escrever se relaciona à sua condição social?

5 | O trecho lido despertou a curiosidade para conhecer o restante do livro?

CONHECENDO UM POUCO SOBRE A AUTORA



CAROLINA MARIA DE JESUS (1914-1977) foi uma escritora brasileira, considerada uma das primeiras e mais destacadas escritoras negras do país. É autora do livro autobiográfico *Quarto de despejo: diário de uma favelada*.

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento, no interior de Minas Gerais, no dia 14 de março de 1914. Neta de escravos e filha de uma lavadeira analfabeta, cresceu em uma família com mais sete irmãos. Recebeu o incentivo e a ajuda de Maria Leite Monteiro de Barros, uma das freguesas de sua mãe, para frequentar a escola. Com 7 anos, ingressou no colégio Allan Kardec, onde cursou a primeira e a segunda série do ensino fundamental. Apesar do pouco tempo na escola, Carolina logo desenvolveu o gosto pela leitura e escrita.

Em 1924, em busca de oportunidades, sua família mudou-se para Lageado, onde trabalharam como lavradores em uma fazenda. Em 1927 retornaram para Sacramento. Em 1930 foram morar em Franca, São Paulo, onde Carolina trabalhou como lavradora e em seguida como empregada doméstica. Com 23 anos, perdeu sua mãe e foi para a capital, onde empregou-se como faxineira na Santa Casa e em seguida como empregada doméstica.

Morando em uma favela, durante a noite trabalhava como catadora de papel. Lia tudo que recolhia e guardava as revistas que encontrava. Estava sempre escrevendo o seu dia a dia. Em 1941, sonhando em ser escritora, foi até a redação do jornal *Folha da Manhã* com um poema que escreveu em louvor a Getúlio Vargas. No dia 24 de fevereiro, seu poema e sua foto foram publicados no jornal. Continuou levando regularmente seus poemas para a redação do jornal e foi apelidada de **A Poetisa Negra**, sendo cada vez mais admirada pelos leitores.

Em 1948, mudou-se para a favela do Canindé. Nos anos seguintes, Carolina foi mãe de três filhos, frutos de relacionamentos diferentes. Em 1958, o repórter do jornal *Folha da Noite* Audálio Dantas foi designado para fazer uma reportagem sobre a favela do Canindé e, por acaso, uma das casas que visitou foi a de Carolina Maria de Jesus, que lhe mostrou seu diário, surpreendendo o repórter, que ficou maravilhado com a sua história.

Em 1960, foi finalmente publicado o livro autobiográfico *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, com edição de Audálio Dantas. Com tiragem de 10 mil exemplares, só na noite de autógrafos foram vendidos seiscentos livros.

Com o sucesso das vendas, Carolina deixou a favela e pouco depois comprou uma casa no Alto de Santana. Apesar de ter um livro transformado em *best-seller*, ela não se beneficiou com o sucesso e não demorou muito a voltar à sua condição de catadora de papel. Em 1969, mudou-se com os filhos para um sítio no bairro de Parelheiros, em São Paulo, época em que foi praticamente esquecida pelo mercado editorial.

Carolina Maria de Jesus faleceu em São Paulo, no dia 13 de fevereiro de 1977.

Adaptado de FRAZÃO, Dilva. Biografia de Carolina Maria de Jesus. 26 ago. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/5EGnaX>>. Acesso em: 7 jul. 2018.

ROTEIRO DE LEITURA | **O DIÁRIO DE ZLATA** | *Zlata Filipovic*

ANTES DA LEITURA

✓ Pergunte aos estudantes:

- 1** | Vocês já ouviram falar sobre diários de pessoas que viveram durante alguma guerra?
- 2** | Como vocês acham que seria um diário escrito durante uma guerra? Que assuntos seriam tratados em um diário desse tipo?
- 3** | O texto que vamos ler foi retirado do livro *O diário de Zlata: a vida de uma menina na guerra*. Zlata começou seu diário um pouco antes de seu aniversário de 11 anos. Oito meses depois, iniciou-se uma guerra na Bósnia-Herzegovina. Trata-se, portanto, de um diário que retrata a vida de uma menina que tinha uma vida normal, mas que foi fortemente marcada pelo terror da Guerra da ex-Iugoslávia, ou Guerra da Bósnia. Alguém já ouviu falar na Guerra da Bósnia?

A Guerra da Bósnia aconteceu entre 1992 e 1995, durante o processo de fragmentação da antiga Iugoslávia. Esse foi o maior conflito ocorrido em solo europeu depois da Segunda Guerra Mundial e foi responsável pela morte de aproximadamente 100 mil pessoas.

A Guerra da Bósnia foi consequência da intolerância causada por diferenças étnicas e religiosas que existiam historicamente na região. Os ressentimentos existentes entre os diferentes grupos que habitavam a Bósnia foram construídos ao longo da história e remontam à fundação da Iugoslávia no começo do século XX.

SILVA, Daniel Neves. Guerra da Bósnia e a fragmentação da Iugoslávia. *Mundo Educação*, [s.d.]. Disponível em: <<https://goo.gl/ydAFoq>>. Acesso em: 7 jul. 2018.

- ✓ Distribua os textos aos estudantes e oriente-os a observar, durante a leitura, as diferenças entre as emoções transmitidas e os assuntos tratados por Zlata em 13 de outubro de 1991 (antes da guerra) e em 29 de junho de 1992 (durante a guerra).

APÓS A LEITURA

✓ Pergunte aos estudantes:

- 1** | O que vocês acharam do texto?
 - 2** | Que características da vida durante a guerra estão presentes no trecho lido?
 - 3** | Que sentimentos a leitura desse trecho despertou em vocês?
 - 4** | Que diferenças vocês observaram entre os assuntos tratados por Zlata em 13 de outubro de 1991 (antes da guerra) e em 29 de junho de 1992 (durante a guerra)?
 - 5** | O trecho lido despertou a curiosidade para conhecer o restante do livro?
- ✓ Peça que os estudantes relacionem o texto de Carolina Maria de Jesus com o de Zlata Filipovic. O objetivo dessa pergunta é levar os alunos a refletirem sobre os estilos de escrita e a perceberem que, nos dois casos, temos relatos de pessoas que lutam por sua sobrevivência (a guerra contra a pobreza e a discriminação, no primeiro texto, e a vida de uma garota que vê seus compatriotas lutarem para se manterem vivos, no segundo texto).

CONHECENDO UM POUCO SOBRE A AUTORA

Numa voz ao mesmo tempo inocente e sábia, Zlata Filipovic despertou a consciência do mundo. Em setembro de 1991, pouco antes de completar 11 anos, ela começou a escrever um diário.

A paz reinava em Sarajevo e sua vida era a de uma menina inteligente e despreocupada. Amigos, esquis novos, notas na escola, *top models* e a MTV são os primeiros assuntos sobre os quais ela escreve em seu diário. Mas um dia ela vê na televisão as bombas caindo em Dubrovnik. Horrorizada, não acredita que o mesmo possa acontecer em Sarajevo. Quando acontece, o tom do diário muda por completo.

Ainda no início da guerra ela narra os acontecimentos do dia a dia a Mimmy (nome que ela deu a seu diário, em homenagem a um peixinho seu que morreu): “UMA CARNIFICINA! UM MASSACRE! UM HORROR! UMA ABOMINAÇÃO! SANGUE! GRITOS! CHOROS! DESESPERO!”. Assistimos ao mundo de uma criança sendo permeado cada vez mais pela violência externa. Zlata vê-se confinada em seu apartamento, e a família passa as noites no porão do vizinho, sob uma chuva de bombas.

A escola é fechada, não há água, luz ou gás. Falta comida. Os lugares que ela ama vão sendo destruídos. Alguns de seus amigos são mortos, outros são feridos.

“A guerra não tem nada de humano”, ela escreve em uma de suas anotações. Com uma coragem imbatível, Zlata conserva o que pode de sua existência anterior, e continua a estudar piano, a procurar livros para ler, a festejar ocasiões especiais – registrando tudo nas páginas desse diário extraordinário.

Zlata Filipovic nasceu em 3 de dezembro de 1980, em Sarajevo. Escreveu seu diário ao longo de dois anos, de setembro de 1991 a outubro de 1993. Originalmente publicado em servo-croata pela Unicef, hoje o diário de Zlata está sendo editado no mundo inteiro. Ela e seus pais receberam permissão para deixar Sarajevo pouco antes do Natal de 1993. Depois de viver temporariamente em Paris, Zlata mudou-se para a Irlanda. Em 2006, editou, ao lado de Melanie Challenger, a coletânea de diários de guerra *Vozes roubadas* (Companhia das Letras, 2008).



Adaptado de FILIPOVIĆ, Zlata. *O diário de Zlata: a vida de uma menina na guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. Orelha do livro.



AULA 2

DIÁRIOS FICCIONAIS

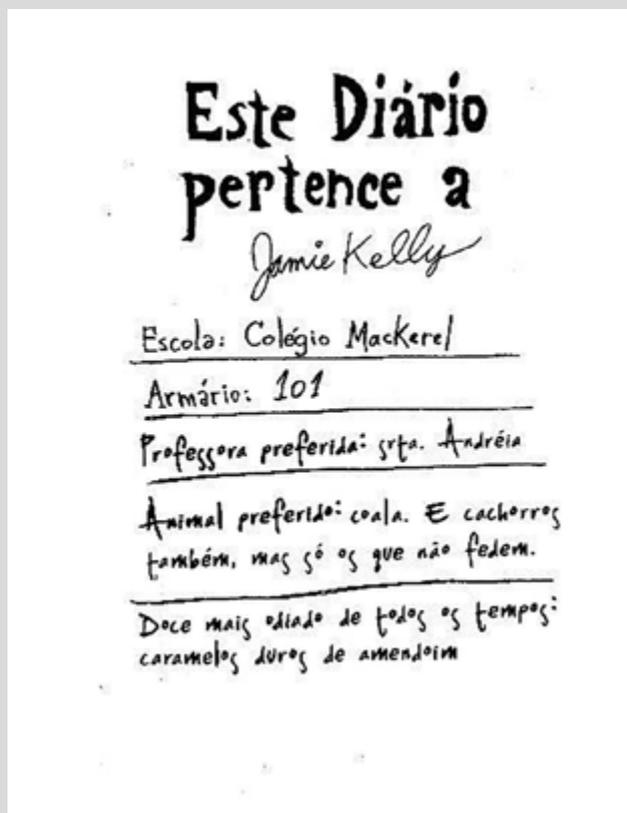
ROTEIRO DE LEITURA | **QUERIDO DIÁRIO OTÁRIO** | *Jim Benton* |
DIÁRIO DE UM BANANA | *Jeff Kinney*

ANTES DA LEITURA

- ✓ Antes de entregar aos estudantes as atividades relacionadas aos diários ficcionais (*Querido diário otário* e *Diário de um banana*), explore o tema previamente perguntando-lhes:

Alguém já leu ou ouviu falar nos livros *Querido diário otário* e *Diário de um banana*?

- ✓ Em caso afirmativo, pergunte o que eles sabem sobre os livros.
- ✓ Projete na parede a capa de *Querido diário otário*, peça que observem a imagem e leia com eles o título e o nome do autor (Jim Benton).
- ✓ Em seguida, informe à turma que eles lerão as duas primeiras páginas do livro.
- ✓ Projete a primeira imagem:



✓ Pergunte aos estudantes:

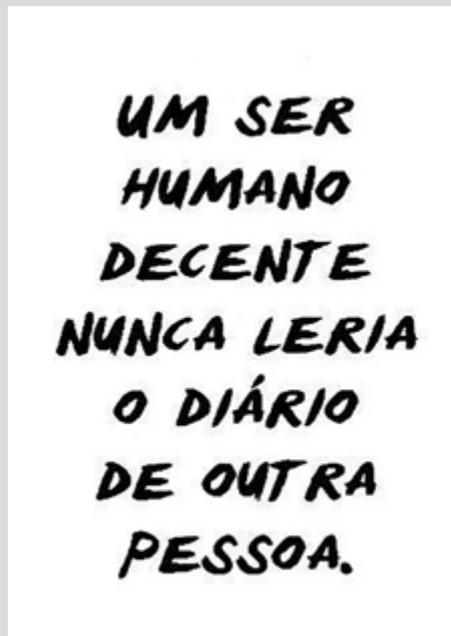
1 | Vocês se lembram do nome do autor? Se eles não se lembrarem, volte a exibir a capa do livro.

2 | A quem pertence o diário?

3 | O nome do autor é Jim Benton e o diário pertence a Jamie Kelly, uma adolescente que precisa lidar com diversos dilemas, dentre eles: a mãe de Jamie cozinha muito mal e em sua sala há uma garota loira, linda e insuportável, chamada Angelina. O que essas informações podem nos dizer sobre esse diário?

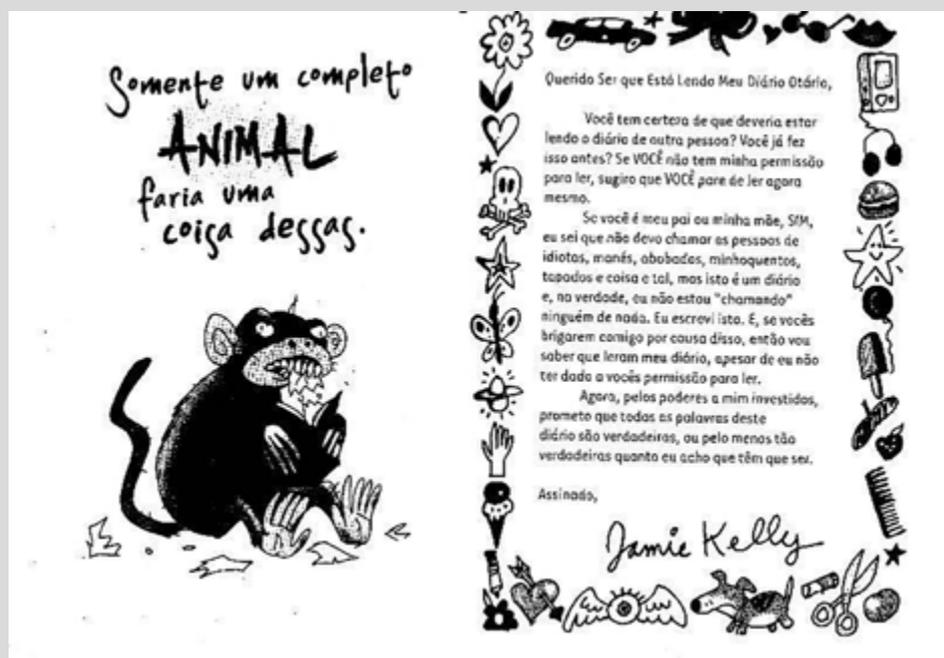
4 | Em sua opinião, esse diário é real ou ficcional?

✓ Mostre aos estudantes a segunda imagem e em seguida pergunte:



1 | A quem a dona do diário se dirige nessa página?

✓ Mostre e leia com os estudantes a terceira imagem:





Para facilitar a leitura, temos a seguir a transcrição do texto da imagem:

Querido Ser que Está Lendo Meu Diário Otário,

Você tem certeza que deveria estar lendo o diário de outra pessoa? Você já fez isso antes? Se VOCÊ não tem minha permissão para ler, sugiro que VOCÊ pare de ler agora mesmo.

Se você é meu pai ou minha mãe, SIM, eu sei que não devo chamar as pessoas de idiotas, manés, abobadas, minhoquentas, tapadas e coisa e tal, mas isto é um diário e, na verdade, não estou “chamando” ninguém de nada. Eu escrevi isto. E, se vocês brigarem comigo por causa disso, então vou saber que leram meu diário, apesar de eu não ter dado a vocês permissão para ler.

Agora, pelos poderes a mim investidos, prometo que todas as palavras deste diário são verdadeiras, ou pelo menos tão verdadeiras quanto eu acho que têm que ser.

Assinado,
Jamie Kelly

- ✓ Por que Jamie Kelly escreve para seu leitor que ele não deveria estar lendo seu diário?
- ✓ Que efeitos essas páginas geram no leitor: interesse? Curiosidade? Desinteresse? Indiferença?

EXPLORANDO O GÊNERO DIÁRIO FICCIONAL

- ✓ Divididos em seis grupos, entregue aos estudantes dos três primeiros as atividades relativas ao texto *Querido diário otário* e, aos três últimos, as atividades do *Diário de um banana*.
- ✓ Peça aos estudantes que leiam atentamente os trechos entregues e respondam às perguntas propostas.
- ✓ Durante a atividade, circule pela sala e vá fazendo interferências pontuais sobre as atividades realizadas pelos grupos, verificando como está se desenvolvendo a compreensão dos textos.

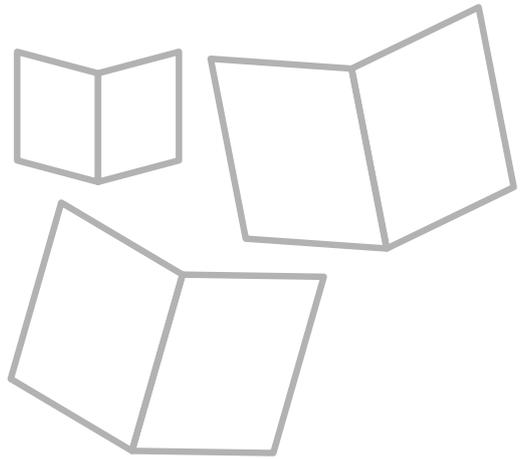
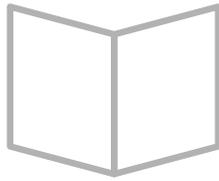
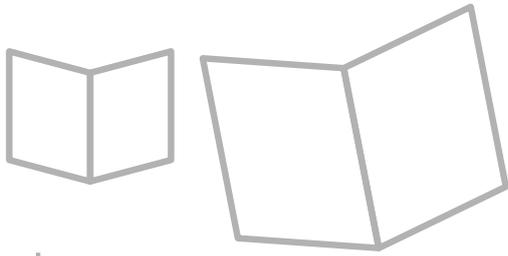
DEPOIS DA LEITURA

- ✓ Leia uma pergunta de cada vez e peça a um estudante de cada grupo para compartilhar sua resposta. Esclareça que, embora as perguntas sejam as mesmas, como havia dois textos distintos na classe, as respostas serão diferentes.
- ✓ Peça para os estudantes responderem às perguntas propostas e incentive a participação de todos. Aproveite esse momento para explorar bem o gênero diário ficcional.



Professor(a), sugerimos o trabalho em grupo com textos diferentes; no entanto, caso você prefira, poderá trabalhar com menos textos. Nesse caso, sugerimos que você selecione, para as atividades desta situação de aprendizagem, pelo menos um texto ficcional e um real para que os estudantes tenham contato com os dois tipos de diário.

MATERIAL PARA O ALUNO
SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 2



AULA 1

A LUTA DE CADA DIA REGISTRADA EM DIÁRIOS

ATIVIDADE DE LEITURA 1

Leia atentamente o texto a seguir.

QUARTO DE DESPEJO | *Carolina Maria de Jesus*

15 de julho de 1955

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar.

Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi em 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne. 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se.

Passei o dia indisposta. Percebi que estava resfriada. A noite o peito doía-me. Comecei tossir. Resolvi não sair a noite para catar papel. Procurei meu filho João José. Ele estava na rua Felisberto de Carvalho, perto do mercadinho. O ônibus atirou um garoto na calçada e a turba afluiu-se. Ele estava no núcleo. Dei-lhe uns tapas e em cinco minutos ele chegou em casa.

Ablui as crianças, aleitei-as e abluí-me e aleitei-me. Esperei até as 11 horas um certo alguém. Ele não veio. Tomei um melhoral e deitei-me novamente. Quando despertei o astro rei deslizava no espaço. A minha filha Vera Eunice dizia: – Vai buscar água mamãe!

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 1993. (Sinal Aberto). Trecho disponível em: <<https://goo.gl/4N5Eic>>. Acesso em: 16 jul. 2018.

GLOSSÁRIO

Abluir: limpar-se, lavar-se com o auxílio da água.

Afluir: correr para ou chegar a; confluir, convergir; acorrer em grande quantidade a.

Cruzeiro: cédula, moeda, unidade monetária do Brasil nos períodos de novembro de 1942 a fevereiro de 1967; de maio de 1970 a fevereiro de 1986; e novamente instituído a partir de março de 1990, vigorando até julho de 1993.

Turba: grande número de pessoas; multidão; populacho.

ATIVIDADE DE LEITURA 2

O texto que vamos ler foi retirado do livro *O diário de Zlata: a vida de uma menina na guerra*. Zlata começou seu diário um pouco antes de seu aniversário de 11 anos. Oito meses depois, iniciou-se uma guerra na Bósnia-Herzegovina. Trata-se, portanto, de um diário que retrata a vida de uma menina que tinha uma vida normal, mas que foi fortemente marcada pelo terror da Guerra da ex-Iugoslávia, ou Guerra da Bósnia. A seguir, temos dois trechos do livro de Zlata: o primeiro foi escrito antes de a guerra começar e o segundo, durante a guerra.

O DIÁRIO DE ZLATA: A VIDA DE UMA MENINA NA GUERRA | Zlata Filipovic

Domingo, 13 de outubro de 1991

Foi ótimo lá em Crnotina. Acho nossa casa (realmente ela é fora de série) e toda a natureza ao redor cada vez mais bonitas. A gente colheu pera, maçã, nozes, desenhamos um pequeno esquilo roubando nozes sorratamente, de noite fizemos grelhados. [...] Vovó nos fez um *strudel* de maçã. Colhi folhas de todos os tipos para nosso herbário e brinquei com Ati. O outono já chegou com tudo. Devagar mas decidido, ele colore a natureza com seu pincel. As folhas amarelam, avermelham, caem. Os dias são mais curtos, faz mais frio. Que bela estação é o outono! Na verdade todas as estações têm seus encantos, só que na cidade eu não me dou conta disso. Só desfruto a natureza e sua beleza em Crnotina. Lá a natureza tem cheiro bom, me acaricia, me chama para me embalar em seus braços. Descansei bastante em sua companhia, desfrutando suas belezas.

[...]

Segunda Feira, 29 de junho de 1992

Dear Mimmy,

NÃO AGUENTO MAIS TIROS DE CANHÃO! NÃO AGUENTO MAIS GRANADAS CAINDO! NEM MORTOS! NEM DESESPERO! NEM FOME! NEM INFELICIDADE! NEM MEDO!

Minha vida é isso!

Não se pode criticar uma estudante inocente de onze anos de idade por estar vivendo! Uma estudante que não tem mais escola, que não tem mais nenhuma alegria, nenhuma emoção de estudante. Uma criança que não brinca mais, que ficou sem amigas, sem sol, sem pássaros, sem natureza, sem frutas, sem chocolates, sem balas, só com um pouquinho de leite em pó. Uma criança que, em resumo, não tem mais infância. Uma criança da guerra. Agora percebo mesmo que estou no meio da guerra, que sou testemunha de uma guerra suja e nojenta. Eu e também as milhares de outras crianças desta cidade que está sendo destruída, que chora, que se lamenta, que espera um socorro que não virá. Meus Deus, será que algum dia isso vai chegar ao fim, será que vou poder voltar a ser estudante, voltar a ser uma criança feliz por ser criança? Ouvi dizer que a infância é a época mais linda da vida. Eu estava feliz por viver minha infância, mas essa guerra me tomou tudo. Por quê? Estou triste. Estou com vontade de chorar. Estou chorando.

FILIPOVIC, Zlata. *O diário de Zlata: a vida de uma menina na guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.



AULA 2

DIÁRIOS FICCIONAIS

ATIVIDADE DE LEITURA - GRUPOS 1, 2 E 3

Leia atentamente o texto a seguir.

QUERIDO DIÁRIO OTÁRIO | *Jim Benton*

Segunda-feira, 9

Querido Diário Otário,

Os visitantes do Colégio Muito Distante chegaram hoje. Certo, o colégio fica a poucos quilômetros daqui, mas mesmo assim. Eu tive um contato de primeiro grau com um deles hoje e, **excelentemente**, a Angelina também.

Foi assim: estávamos na aula de Inglês e o sr. Evans estava falando aquela baboseira sobre **entender-culturas-atravs-da-escrita** e começou a dar uma aula sobre haikai.

Um haikai é um tipo de poema japonês com três linhas, sendo que a primeira linha tem cinco sílabas, a segunda sete e a terceira cinco, o que é uma coisa bem legal de saber, no caso de estar inspirado para escrever um lindo poema, mas não estar a fim de desperdiçar mais que 17 sílabas com ele.

Enfim, o professor leu alguns haicais para nós, e eu acho que eles são bonitinhos. A maioria era sobre flores e passarinhos. Então ele pediu que cada um escrevesse um haikai, mas nos deu apenas alguns minutos. Não achei muito justo, mas ele nos obrigou a ler os haicais em voz alta.

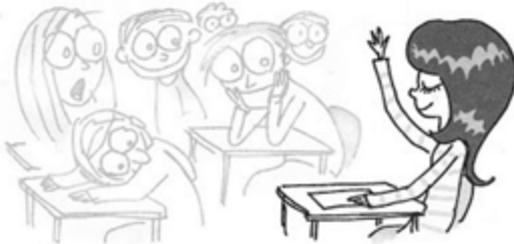
Enfim, o meu era assim:

Cinco sílabas.
E agora mais sete.
E cinco. Que tal?



Quando o sr. Evans fica bravo, ele bombeia sangue extra através do rosto e aquela veia enorme que ele tem na testa pula. A veia pulou algumas vezes na minha direção e então ele chamou a Angelina. Este, infelizmente, era o haicai dela:

Doce música
Suave, bela como
Plumas a voar.



Ela ganhou alguns aplausos, é claro, porque até os gases do intestino da Angelina mereciam aplausos.

Mas, antes que pudessem erguer uma enorme estátua dourada em homenagem à excelência do haicai da Angelina, uma menina lá no fundo da sala — uma em quem eu não tinha reparado até então — ergueu a mão. Ela era uma das alunas do Colégio Wodehouse. E o sr. Evans disse:
— Fale, **Celine**.

É isso mesmo, Diário Otário: **Celine**. Um nome francês, o que significa que é 25% mais atrativo do que qualquer nome em outra língua, como Barney.

E, acredite: ela é **mais bonita** que a Angelina. **MUITO MAIS BONITA!** E ela nem conta com a injusta vantagem do cabelo loiro. O cabelo da **Celine** é preto. É preto, brilhante e macio como se fosse a mistura de um cachorrinho com um unicórnio. Preto, é claro.



Ok, esse animal acabou não sendo tão bonitinho quanto eu imaginei que seria. Enfim, a Celine tem lindos cabelos pretos franceses. E esse foi o haicai dela:

Belo sabiá,
Seu cocô no meu capô
Só trouxe fedor.

O haicai da **Celine** ganhou aplausos e risadas. Acho que ela estava mirando o ataque direto na Angelina, porque enquanto lia a última linha ela olhou direto para a Angelina e sorriu — mas não foi um sorriso gentil. Foi mais ou menos como o sorriso que uma linda fada lenhadora daria antes de ligar sua motosserra em direção a uma árvore loira.

E assim foi como se o haicai da Angelina tivesse sido eliminado da face da Terra, tão fácil quanto seria eliminar a Angelina com um trem.



Logo depois da aula, nós encontramos a **Celine** no corredor. A mesmerizante beleza dela fazia com que os meninos rodopiassem atrás dela como pequenas folhinhas pegas por um furacão de pura feminilidade.



— Belo haicai, **Celine** — disse a Isabella.
É eu, meigamente, acrescente:
— Legal mesmo. Queria que o meu tivesse sido tão legal.

A Isabella desnecessariamente comentou:
— É, Jamie, o seu foi simplesmente horrível.
Eu bem que pensei em uma resposta que ia fazer com que a Isabella percebesse o quanto o comentário dela foi desnecessário, mas, como a resposta demorou umas duas horas para aparecer, achei que nem valia mais a pena.
Mas era uma resposta muito boa!

Esse texto que você acabou de ler foi retirado do livro *Querido diário otário: é melhor fingir que isso nunca aconteceu*, escrito por Jim Benton. Tendo em vista essas informações, responda:

- 1** | Qual é o objetivo deste diário?
- 2** | Por que é importante colocar a data em um diário?
- 3** | Um texto pode ser escrito em primeira pessoa (“eu”/“nós”) ou em terceira pessoa (“ele”/“ela”, “eles”/“elas”). Responda:
 - A** | Em que pessoa o texto do diário é escrito?
 - B** | Quem é essa pessoa que escreve o diário e qual sua idade aproximada?
 - C** | Que características podemos perceber por meio das ações dessa pessoa?
 - D** | A quem essa pessoa se dirige?
 - E** | Sobre o que essa pessoa fala?



AULA 2

DIÁRIOS FICCIONAIS

ATIVIDADE DE LEITURA - GRUPOS 4, 5 E 6

Leia atentamente o texto a seguir.

DIÁRIO DE UM BANANA | Jeff Kinney

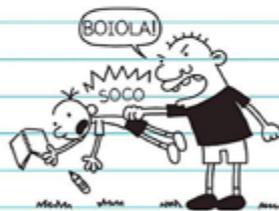
SETEMBRO

Terça-feira

Em primeiro lugar, quero esclarecer uma coisa: isto é um LIVRO DE MEMÓRIAS, não um diário.

Eu sei o que diz na capa, mas, quando a mamãe saiu para comprar essa coisa, eu disse ESPECIFICAMENTE que queria um caderno sem a palavra "diário" escrita nele.

ótimo. Tudo que eu preciso é que um idiota me pegue com este livro e entenda errado.

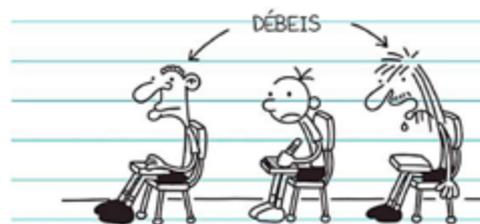


A outra coisa que eu quero esclarecer agora mesmo é que isso foi ideia da minha MÃE, não minha. Mas se ela acha que eu vou escrever meus "sentimentos" aqui ou coisa do tipo, ela está louca. Então, só não espere que eu seja todo "Querido Diário" isso, "Querido Diário" aquilo.

A única razão de eu ter aceitado isso é porque imagino que, mais para a frente, quando eu for rico e famoso, vou ter coisas melhores para fazer do que ficar respondendo a perguntas bestas o dia inteiro. Daí este livro vai vir a calhar.



Como eu disse, um dia vou ser famoso, mas por enquanto estou preso no ensino fundamental com uma cambada de débeis.



Hoje é o primeiro dia de aula, e agora só estamos esperando que o professor acabe logo de decidir quem senta onde. Então, pensei que podia escrever neste livro para passar o tempo.

Aliás, deixe-me lhe dar um bom conselho. No primeiro dia de aula, você tem que tomar cuidado onde senta. Você entra na classe, joga suas coisas em qualquer carteira e, quando vê, o professor está dizendo:



Assim, nesta classe, acabei com o Chris Hosey na minha frente e o Lionel James atrás.

4

Só quero dizer aqui que eu acho o ensino fundamental a ideia mais estúpida já inventada. Você tem garotos como eu que ainda não deram aquele disparo no crescimento misturados com esses gorilas que têm de se barbear duas vezes por dia.



E depois se perguntam por que tem tanto valentão no ensino fundamental.

Se fosse por mim, os anos letivos se baseariam na altura e não na idade. Mas, por outro lado, acho que garotos como o Chirag Gupta ainda estariam no primeiro ano se fosse assim.



3

KINNEY, Jeff. *Diário de um banana*. Tradução de Alexandre Boide. São Paulo: V&R, 2008. v. 1: Um romance em quadrinhos, p. 1-4.

O texto que você acabou de ler foi retirado do livro *Diário de um banana*, escrito por Jeff Kinney. Tendo em vista essas informações, responda:

- 1 | Qual é o objetivo desse diário?
- 2 | Por que é importante colocar a data em um diário?
- 3 | Um texto pode ser escrito em primeira pessoa (“eu”/“nós”) ou em terceira pessoa (“ele”/“ela”, “eles”/“elas”). Responda:
 - A | Em que pessoa o texto do diário é escrito?
 - B | Quem é essa pessoa que escreve o diário e qual sua idade aproximada?
 - C | Que características podemos perceber por meio das ações dessa pessoa?
 - D | A quem essa pessoa se dirige?
 - E | Sobre o que essa pessoa fala?



AULAS 3 E 4

PRODUZINDO DIÁRIOS FICCIONAIS

PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Escreva um diário ficcional, que será lido e revisado por um colega de sala. A versão final de seu texto fará parte de um painel que poderá ser lido pelos outros estudantes da escola.

Antes de iniciar sua escrita, lembre as principais características desse gênero e, em seguida, planeje seu texto, seguindo as orientações.



O diário ficcional, diferente do diário pessoal, destina-se a um público e tem como propósito o entretenimento, a leitura pelo prazer. É escrito por um autor que cria uma personagem que vive e conta sua história de ficção. O texto, portanto, é narrado em primeira pessoa. As características da personagem podem ser percebidas tanto pelas descrições que ela faz de si mesma quanto por suas ações. Um recurso muito utilizado nos diários de ficção são os desenhos feitos pela personagem, que dão leveza e contribuem para gerar humor no texto.

PLANEJE SEU TEXTO

- ✓ Quem será a personagem que você vai criar? Pode ser um menino, uma menina, um(a) adolescente ou até mesmo um animal ou um ser imaginário (como um ET, um gnomo, uma personagem de um jogo, etc.).
- ✓ Quais serão as características físicas dessa personagem?
- ✓ Quais serão suas características psicológicas?
- ✓ Quem são as pessoas com quem ela convive (pais, amigos, professores, etc.)?
- ✓ Quais são seus medos, seus sonhos?
- ✓ Quais são seus gostos (comidas, músicas, filmes, séries, etc.)?
- ✓ O que a deixa irritada?
- ✓ O que a deixa feliz?

ESCREVA SEU TEXTO

- ✓ Após o planejamento, coloque seu plano em prática e escreva seu texto. Lembre-se dos elementos básicos que compõem um diário: data, vocativo (a forma como a personagem chama o diário), o relato e a despedida. Faça pelo menos uma ilustração em seu texto.

RELEIA E REVISE SEU TEXTO

- ✓ Releia seu texto e veja se você seguiu todas as orientações dadas acima. Em seguida, peça para um colega ler seu texto e avaliá-lo para você. Você também deverá ler e avaliar a produção de um colega, preenchendo a ficha que lhe será entregue pelo professor.

QUADRO DE AVALIAÇÃO DA PRODUÇÃO TEXTUAL

AUTOR:

TÍTULO:

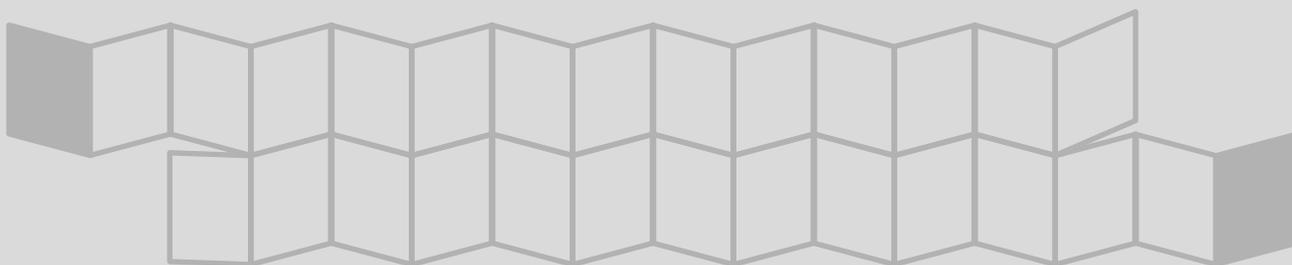
REVISOR:

DATA:

Considere os seguintes elementos ao realizar a revisão do texto de seu colega:

ITENS AVALIADOS	SIM	NÃO	COMENTÁRIOS
Apresenta despedida?			
As ilustrações são coerentes com o texto verbal?			
O texto é um diário ficcional?			
Apresenta data?			
Apresenta uma saudação?			
Relata algum acontecimento do dia?			
Descreve as pessoas e situações?			
Características da personagem estão explicitamente descritas no texto?			
Apresenta comentários do narrador sobre seus gostos, medos, coisas que irritam, etc.?			
Está escrito em primeira pessoa?			
Que parte do texto mais lhe chamou a atenção?			
Que sugestões você pode fazer ao autor para que ele melhore seu texto?			





9.3 | SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 3 (6º AO 9º ANOS) | **BRINCADEIRAS DE ONTEM E DE HOJE**

Nesta atividade, entraremos em contato com a obra do artista plástico Ivan Cruz e trabalharemos com textos de natureza instrucional, tendo em vista a produção de um manual com regras de jogos/brincadeiras.

OBJETIVOS GERAIS

- ✓ Elaborar um manual de regras de jogo com o tema “brincadeiras de ontem e de hoje”.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Refletir sobre brincadeiras do passado e do presente;
- ✓ conhecer as características do gênero regras de jogo;
- ✓ produzir e revisar textos de forma colaborativa;
- ✓ promover um ambiente de compartilhamento de experiências, produções e conhecimentos.

COMPETÊNCIAS A SEREM DESENVOLVIDAS (BNCC, 2017)

- ✓ Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
- ✓ Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura

letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.

- ✓ Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.
- ✓ Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.
- ✓ Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital – para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.

HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

- ✓ (EF67LP23) Respeitar os turnos de fala na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula e na escola e formular perguntas coerentes e adequadas em momentos oportunos em situações de aulas, apresentação oral, seminário, etc.
- ✓ (EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura, literatura infanto-juvenil –, contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações, etc., gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de audiobooks de textos literários diversos ou de podcasts de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais e ler e/ou declamar poemas diversos, tanto de forma livre quanto de forma fixa (como quadras, sonetos, liras, haicais, etc.), empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão.
- ✓ (EF69LPo7) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto de produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação –, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento, etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/alterando efeitos, ordenamentos, etc.
- ✓ (EF67LP32) Escrever palavras com correção ortográfica, obedecendo as convenções da língua escrita.
- ✓ (EF69LPo8) Revisar/editar o texto produzido – notícia, reportagem, resenha, artigo de opinião, dentre outros –, tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, características do gênero, aspectos relativos à textualidade, a relação entre as diferentes semioses, a formatação

e uso adequado das ferramentas de edição (de texto, foto, áudio e vídeo, dependendo do caso) e adequação à norma culta.

- ✓ (EF67LP37) Analisar, em diferentes textos, os efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos linguístico-discursivos de prescrição, causalidade, sequências descritivas e expositivas e ordenação de eventos.

TEMPO

4 aulas.

Sugerimos que estas atividades sejam realizadas em aulas geminadas.

AÇÕES

- 1** | Discussão baseada em painel com telas do artista plástico Ivan Cruz.
- 2** | Reprodução da música "Bola de meia, bola de gude", de Milton Nascimento, disponível em: <<https://goo.gl/mjeAWi>>. Acesso em: 2 jul. 2018.
- 3** | Leitura e discussão de textos.
- 4** | Elaboração das regras do jogo Adedanha/Stop de maneira colaborativa, seguida do jogo.
- 5** | Produção de manual com regras de jogos.

RECURSOS DIDÁTICOS

Para a ação 1 | Imagens impressas das telas de Ivan Cruz (ver Material para o Professor).

Para a ação 2 | Aparelho de som para reproduzir a música "Bola de meia, bola de gude".

Para a ação 3 | Cópias da atividade de leitura disponibilizada no Material para o Aluno.

Para a ação 4 | Regras do jogo Adedanha/Stop (disponíveis no Material para o Professor – será necessário apenas uma cópia); folhas A4 para realização do jogo.

Para a ação 5 | Roteiro para a elaboração das regras do jogo; cópias do formulário para revisão textual; folhas A4 para a produção dos textos.

CONHECENDO A ATIVIDADE

Esta atividade propõe o trabalho com textos de natureza instrucional e prevê a produção de um manual com regras de jogos.



AULAS 1 E 2

BRINCADEIRAS DE ONTEM E DE HOJE

Nestas aulas, conheceremos algumas telas do artista Ivan Cruz, analisaremos um texto e participaremos de uma brincadeira.

ORGANIZAÇÃO DA SALA

Sugerimos que a sala seja organizada em semicírculo para facilitar a discussão e o envolvimento dos estudantes.

PASSO A PASSO

ANTES DA AULA

- ✓ Leia atentamente e analise os textos e as propostas orientadoras de leitura e checagem de informações. Se julgar necessário, elabore mais questões para o texto que será lido.
- ✓ Faça um painel com as imagens das telas de Ivan Cruz (ver Material para o Professor) no quadro ou em uma das paredes da sala.
- ✓ Providencie aparelho de som para reprodução da música "Bola de meia, bola de gude".
- ✓ Reproduza para os estudantes a atividade do Material para o Aluno.

DURANTE A AULA

- ✓ Inicie a aula conversando com os estudantes sobre as imagens que compõem o painel. Peça-lhes que as observem bem e comente com a turma que são de autoria de um artista brasileiro chamado Ivan Cruz. Conte um pouco da história do artista e, principalmente, sobre a forma como, em suas pinturas, buscou retratar brinquedos e brincadeiras de infância. No Material para o Professor, consta a biografia de Ivan Cruz para consulta.
- ✓ Em seguida, pergunte-lhes se conseguem identificar, nas imagens, brincadeiras que conhecem e já brincaram na infância ou até mesmo brincam ainda hoje.



Professor(a), elabore uma lista no quadro com as brincadeiras que os estudantes conhecem e outra das que eles desconhecem.

- ✓ Proponha a seguinte reflexão: por que os rostos das crianças não aparecem nas telas com detalhes?
- ✓ Escreva no quadro e apresente à turma a seguinte frase de Ivan Cruz:

"A criança que não brinca não é feliz. E ao adulto que quando criança não brincou, falta-lhe um pedaço no coração" (Ivan Cruz).
- ✓ Depois de dar aos estudantes algum tempo para ler e refletir, questione:
 - Vocês concordam com essa frase? Por quê?
 - O que significa "faltar um pedaço no coração"?
- ✓ Convide os estudantes, então, a escutarem a música "Bola de meia, bola de gude".
- ✓ Na sequência, proponha a leitura e a realização da atividade constante no Material para o Aluno.
- ✓ Finalizado o trabalho de exploração da atividade, verifique com os estudantes que jogos eles costumam jogar. Pergunte, em seguida, se conhecem e se já jogaram Adedanha/Stop, caso o jogo não tenha sido mencionado pela turma.

- ✓ Retome com eles as regras do jogo (há um passo a passo com as regras no Material para o Professor).
- ✓ Peça que um estudante vá ao quadro e registre as regras de acordo com as discussões feitas na turma. Siga o roteiro sugerido no Material para o Aluno quanto aos tópicos que devem constar no texto.
- ✓ Convide a turma a jogar.
- ✓ Finalize a aula dizendo aos estudantes que, no próximo encontro, vocês se organizarão para elaborar um manual com regras de jogo baseado nas pinturas de Ivan Cruz, para ser encaminhado aos professores de Educação Física da escola. Caso considere pertinente, já divida a turma em grupos e deixe que escolham a brincadeira que será explorada por cada um.



AULAS 3 E 4

PRODUZINDO AS REGRAS DO JOGO

Nestas aulas, trabalharemos em grupos e elaboraremos as regras a partir de uma brincadeira retratada nas telas de Ivan Cruz.

ORGANIZAÇÃO DA SALA

Sugerimos que os estudantes estejam organizados em duplas ou em grupos.

PASSO A PASSO

ANTES DA AULA

- ✓ Leia atentamente e analise as imagens das telas de Ivan Cruz e o roteiro para a elaboração das regras do jogo. Se julgar necessário, prepare materiais adicionais para apoiar os estudantes nessa ação.
- ✓ Tire cópias do roteiro a ser entregue aos grupos para a elaboração das regras do jogo, disponível no Material para o Aluno.
- ✓ Separe as imagens das telas de Ivan Cruz usadas para compor o painel na aula anterior e entregue-as aos grupos.



Professor(a), caso prefira, em vez de entregar as imagens das telas de Ivan Cruz, peça aos estudantes que façam sua própria releitura das imagens. Nesse caso, distribua folhas em branco, lápis de cor, canetinhas e pincéis. Os alunos poderão, também, ilustrar como ocorre a brincadeira à medida que forem escrevendo as regras.

- ✓ Providencie cópias do quadro de avaliação da produção textual, disponível no Material para o Aluno.

DURANTE A AULA

- ✓ Inicie a aula apresentando aos estudantes o objetivo a ser alcançado: produzir um texto com as regras de uma brincadeira retratada nas telas de Ivan Cruz.

- ✓ Entregue aos estudantes uma cópia do roteiro a ser seguido para elaborarem as regras do jogo. Leia com eles o roteiro.

Após o trabalho com o texto, solicite que produzam as regras referentes à brincadeira escolhida pelo grupo. Reforce que devem explorar cada tópico presente no roteiro para a apresentação do passo a passo do jogo.

- ✓ Diga-lhes que é possível acrescentar mais tópicos ao roteiro de regras do jogo, caso sintam necessidade.



Professor(a), se você tiver optado por usar as imagens das telas de Ivan Cruz, entregue a cada grupo uma cópia da página que contenha a brincadeira selecionada.

- ✓ Reforce a importância de serem claros e precisos em sua produção.
- ✓ Após o término das produções, solicite que os estudantes troquem os textos entre os grupos e que leiam as produções dos colegas, avaliando-as conforme o quadro que lhes será entregue (ver Material para o Aluno).
- ✓ Oriente-os a passarem os textos a limpo.
- ✓ Se possível, elabore junto com a turma um pequeno texto introdutório ao manual.
- ✓ Negocie a ordem em que aparecerão as regras dos jogos.
- ✓ Recolha os textos e providencie a encadernação do manual.



Professor(a), no momento em que os estudantes estiverem produzindo os textos, circule pela sala e faça as interferências que julgar necessárias, tendo em vista os procedimentos de revisão de textos abordados na parte teórica deste material. Procure sempre propiciar o diálogo com os estudantes sobre o que escreveram.

Tente fazer a entrega do manual aos professores de Educação Física em um momento especialmente dedicado a essa tarefa. Uma opção seria convidá-los a participarem de uma aula e então seria possível, inclusive, que cada grupo apresentasse as regras por eles elaboradas.

Uma variação possível seria convidar os professores de Educação Física da escola a organizarem uma manhã/tarde de jogos com as crianças, envolvendo as brincadeiras do manual.

AVALIAÇÃO

Para avaliar a realização desta situação de aprendizagem, observe:

- ✓ Os estudantes se envolveram durante o desenvolvimento das atividades?
- ✓ As atividades motivaram e desafiaram os estudantes?

Em relação à **leitura**, observe se os estudantes:

- ✓ conseguem interpretar os textos trabalhados, atribuindo-lhes significação.

Em relação à **oralidade**, observe se os estudantes:

- ✓ expressam ideias de forma clara e objetiva;
- ✓ sabem respeitar o momento da fala;
- ✓ sabem respeitar as opiniões dos colegas.

Em relação à **produção textual**, observe se os estudantes:

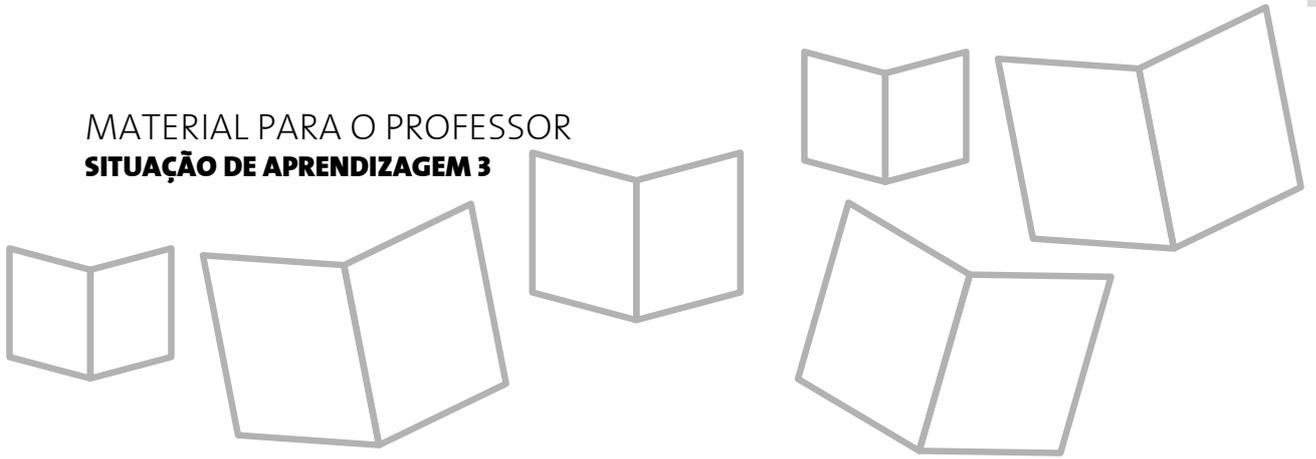
- ✓ conseguem elaborar, em escrita colaborativa, as regras do jogo Adedanha;
- ✓ organizam as regras do jogo de acordo com as características do gênero;
- ✓ são claros e conseguem apresentar com detalhes as informações referentes à brincadeira abordada;
- ✓ observam a ordem das ações em uma sequência correta;
- ✓ conseguem compreender e avaliar os textos dos colegas, identificando elementos e acrescentando sugestões;
- ✓ conseguem reescrever seus textos conforme as revisões realizadas.



Para analisar essas e outras questões, professor(a), é interessante ter sempre em mãos uma pauta de observações com espaço para anotações e comentários. Identifique os estudantes que possuem mais dificuldades e os aspectos sensíveis na sua aprendizagem, de modo a poder orientá-los de forma mais personalizada e trazendo propostas direcionadas ao desenvolvimento desses aspectos para a turma. Aponte também quais são os estudantes que apresentam facilidade no conteúdo e que poderiam contribuir com os colegas. Propor atividades de colaboração entre pares é uma excelente estratégia para fomentar a aprendizagem.

Lembre-se de registrar as ações e de inserir os registros no portfólio da turma.

MATERIAL PARA O PROFESSOR
SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 3



AULAS 1 E 2

BRINCADEIRAS DE ONTEM E DE HOJE

TELAS DO ARTISTA PLÁSTICO IVAN CRUZ

Para mais imagens, acesse o *site* do artista: <www.ivancruz.com.br/galeria>.

BAFO



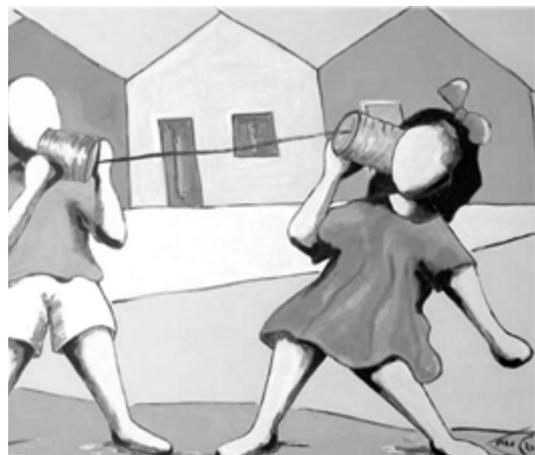
AMARELINHA



BOLA DE GUDE



TELEFONE DE LATA



PIÃO



BAMBOLÊ



SOLTANDO PIPA



ROLANDO ARO



IOIÔ



PUXANDO LATA



PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCÓPIAS DESTA PÁGINA OU UTILIZE-A PARA PROJEÇÃO.

PULANDO CORDA



PERNA DE PAU E PÉ DE LATA



PULANDO CARNIÇA



JOGANDO FINCA



PIQUE-ESCONDE



JOGANDO BOLA



CORRIDA DE ROLIMÃ



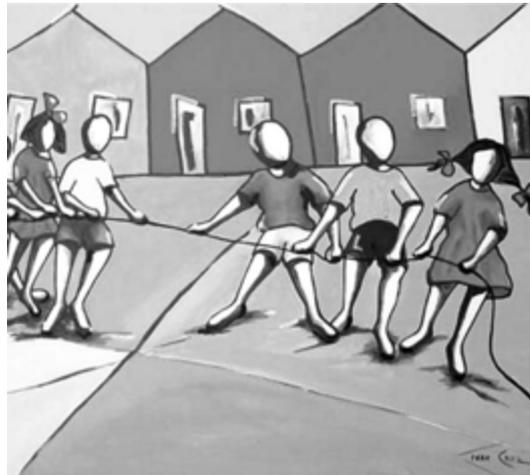
CABRA CEGA



CAMA DE GATO



CABO DE GUERRA



PÉ DE LATA



BRINCANDO DE RODA



PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCÓPIAS DESTA PÁGINA OU UTILIZE-A PARA PROJEÇÃO.

BARQUINHO DE PAPEL



AVIÃOZINHO DE PAPEL



AMARELINHA E BONECA



PASSA TRÊS



ARAPUCA



MARIMBA



JOGANDO ZEPE



CURRUPINHA



JOGANDO TRIÂNGULO



BALANÇO



CONHECENDO UM POUCO SOBRE O ARTISTA

O artista plástico IVAN CRUZ nasceu em 1947, no Rio de Janeiro, e mudou-se para Cabo Frio em 1978. Formado pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ele organizou, em 1990, a mostra com a temática que se tornou sua assinatura: as brincadeiras de infância.

Ivan Cruz já reproduziu em seus quadros em acrílico e cores vivas mais de cem jogos infantis, como crianças jogando bolinha de gude e pião, soltando pipa, pulando corda, amarelinha e carniça (o jogo que, em fila, salta-se por sobre o corpo de quem está à sua frente). Suas pinturas foram parar em camisetas, ímãs de geladeira e jogo da memória. Em 1999, a empresa Telemar reproduziu oito telas de Cruz em seus cartões telefônicos.



As exposições de Cruz reúnem não só quadros, mas brinquedos, oficinas lúdicas e de confecção de brinquedos e contadores de história. Tudo nasceu da nostalgia e do espírito jovem do artista. “A criança que não brinca não é feliz. E ao adulto que nunca brincou, falta um pedaço no coração”, destaca.

As exposições de Cruz reúnem não só quadros, mas brinquedos, oficinas lúdicas e de confecção de brinquedos e contadores de história. Tudo nasceu da nostalgia e do espírito jovem do artista. “A criança que não brinca não é feliz. E ao adulto que nunca brincou, falta um pedaço no coração”, destaca.

Ele propõe um sentido pedagógico para suas obras. “Resgatar o lúdico, a imaginação, pode incentivar o desenvolvimento real das crianças. Elas vivem confinadas em *playgrounds* e ao computador, desacostumadas com o convívio coletivo e com o desenvolvimento motor proporcionado pelas velhas brincadeiras”, teoriza.

Ivan Cruz também faz esculturas das brincadeiras em bronze patinado, comercializadas em um *site*. Em 2013, produziu obras em tamanho natural (cerca de 1,20 m), que ambientam a Praça Américo Vespúcio, em Cabo Frio. Na Praça Castelo Branco, em Arraial do Cabo, está instalada a escultura *Pulando carniça*. Suas crianças brincando podem ser apreciadas ainda na Galeria Errol Flynn, em Belo Horizonte (MG), na Funarte, no Museu Nacional de Belas Artes e no Museu da República, no Rio de Janeiro.

Adaptado de MAPA DE CULTURA RJ. Ivan Cruz. [201?].

Disponível em: <<https://goo.gl/eyZYdq>>. Acesso em: 2 jul. 2018.



AULAS 3 E 4

PRODUZINDO AS REGRAS DO JOGO

REGRAS DO JOGO ADEDANHA/STOP

Jogo: Adedanha/Stop

Componentes: no mínimo, duas pessoas.

Idade indicada: não há uma idade especificamente indicada. É preciso, porém, que o jogador domine o código escrito.

Onde jogar: área aberta ou fechada, onde seja possível que os participantes fiquem sentados e tenham facilidade para escrever. Podem brincar sentados em volta de uma mesa ou mesmo no chão.

Materiais necessários: folhas de papel e lápis ou caneta.

Como jogar:

Esta brincadeira tem como objetivo testar os conhecimentos gerais e específicos dos jogadores. Permite que desenvolvam a prática da escrita, o raciocínio, a memorização e a rapidez.

- ✓ Os jogadores precisarão fazer um quadro em que devem constar categorias ou temas que serão explorados na brincadeira, como no exemplo da página seguinte.
- ✓ Com os temas definidos, será sorteada uma letra e inicia-se uma rodada.



Dica: Para escolher a letra a ser usada na brincadeira, pode-se fazer um sorteio (escreva cada letra do alfabeto, ponha em um saquinho e retire uma) ou conta-se nos dedos dos participantes, que indicarão um número aleatório com seus dedos após dizer: “A-de-daaaa-nha”.

Os jogadores estarão reunidos em duplas ou trios e terão um tempo determinado para preencherem as colunas com a letra sorteada.

- ✓ Assim que um grupo terminar de completar os temas que souber, poderá pedir “STOP!” (“PARE!”). Nesse momento, todos os outros jogadores não poderão escrever mais nada.
- ✓ Os nomes colocados nas colunas devem ser comparados entre os grupos. Os representantes de cada grupo podem ir falando suas respostas para os demais ouvirem.
- ✓ Se algum grupo escrever uma palavra igual à dos outros grupos, todos ganham 5 pontos. Se algum grupo escreveu uma palavra que ninguém tenha preenchido igual, ganha 10 pontos. E, por fim, se algum grupo escreveu uma palavra de um tema que ninguém tenha preenchido com nenhuma palavra, ganha 15 pontos.



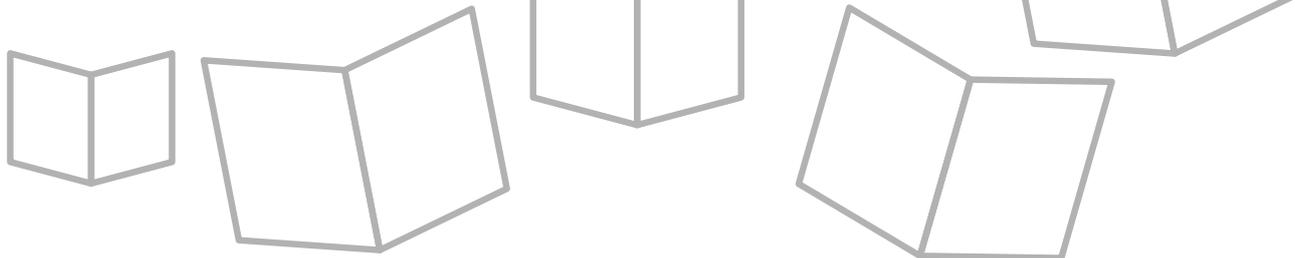
A validade da resposta para cada tema poderá ser conferida por você, professor(a), de modo coletivo, ou pelos próprios grupos.

- ✓ O processo é repetido até atingir um número de rodadas definido.
- ✓ Os pontos de cada rodada devem ser somados e anotados. Ao fim das rodadas, somam-se todos os pontos. Ganha o grupo que fizer mais pontos.

Adaptado de ADEDONHA BRASIL. O que é Adedonha?! [s.d.]. Disponível em: <<https://goo.gl/dnVMGC>> e de MONTEIRO, Fabricio. Adedonha. *Jogo do Brincar*, [s.d.]. Disponível em: <<https://goo.gl/8Yg7TL>>. Acesso em: 6 jul. 2018.

MATERIAL PARA O ALUNO

SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 3



AULAS 1 E 2

BRINCADEIRAS DE ONTEM E DE HOJE

ATIVIDADE DE LEITURA

A seguir, reproduzimos a letra da música "Bola de meia, bola de gude".
Escute novamente a música e leia atentamente o texto.

BOLA DE MEIA, BOLA DE GUDE | Milton Nascimento

*COMPOSIÇÃO: Fernando Brant (Fernando Rocha Brant)
Milton Nascimento (Milton Silva Campos do Nascimento)*

Há um menino, há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto balança
Ele vem pra me dar a mão

Há um passado no meu presente
Um sol bem quente lá no meu quintal
Toda vez que a bruxa me assombra
O menino me dá a mão

E me fala de coisas bonitas
Que eu acredito que não deixarão de existir
Amizade, palavra, respeito
Caráter, bondade, alegria e amor
Pois não posso, não devo, não quero
Viver como toda essa gente insiste em viver
E não posso aceitar sossegado
Qualquer sacanagem ser coisa normal

Bola de meia, bola de gude
O solidário não quer solidão
Toda vez que a tristeza me alcança
O menino me dá a mão
Há um menino, há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto fraqueja
Ele vem pra me dar a mão

NASCIMENTO, Milton. Bola de meia, bola de gude. Videoclipe disponível em: <<https://goo.gl/mjeAWi>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

Após a leitura, responda em seu caderno às perguntas a seguir.

- 1** | Caracterize o eu lírico desse texto.
- 2** | O eu lírico do texto afirma ter um menino – um moleque morando sempre em seu coração – que aflora em situações específicas. Aponte que situações são essas. Elas representam momentos de força ou de fraqueza do eu lírico? O que representa, em cada uma dessas situações, o fato de o menino lhe dar a mão?
- 3** | Pode-se afirmar que o eu lírico concorda com o mundo a sua volta? Justifique com passagens do texto.
- 4** | Justifique o título do texto.
- 5** | Explique o sentido do trecho “Há um passado no meu presente”.
- 6** | Que valores o eu lírico do texto valoriza?
- 7** | A seguir, há um trecho da música "O Menino Maluquinho", também de Milton Nascimento:

*O tempo do Menino Maluquinho
É um tempo que existe só na infância*

*Mas ele é eterno em todos nós
Ele gruda feito chiclete, feito esperança*

Responda: Como esse trecho dialoga com a letra da música "Bola de meia, bola de gude"? Comente.

- 8** | Você concorda que esse tempo “gruda em nós feito chiclete, feito esperança”? Comente.



AULAS 3 E 4

PRODUZINDO AS REGRAS DO JOGO

ROTEIRO PARA A ELABORAÇÃO DAS REGRAS DO JOGO

Caro(a) estudante, as regras referentes à brincadeira escolhida por seu grupo devem conter os seguintes tópicos:

ELEMENTOS A SEREM OBSERVADOS	COMENTÁRIOS
JOGO/BRINCADEIRA	<i>Indique o nome do jogo/brincadeira:</i>
PARTICIPANTES	<i>Informe quantos participantes podem fazer parte – indique se há número mínimo e máximo:</i>
ONDE JOGAR	<i>Indique onde pode acontecer o jogo/brincadeira:</i>
MATERIAIS NECESSÁRIOS	<i>Informe os materiais necessários para que ocorra o jogo/brincadeira:</i>
DESCRIÇÃO DE COMO JOGAR	<i>Nesta parte, você deve detalhar o passo a passo de como ocorre o jogo/brincadeira. Pode utilizar ilustrações junto às explicações, para facilitar o entendimento por parte do leitor:</i>

Fique à vontade para acrescentar novos tópicos, caso considere necessário.

QUADRO DE AVALIAÇÃO DA PRODUÇÃO TEXTUAL

AUTOR:

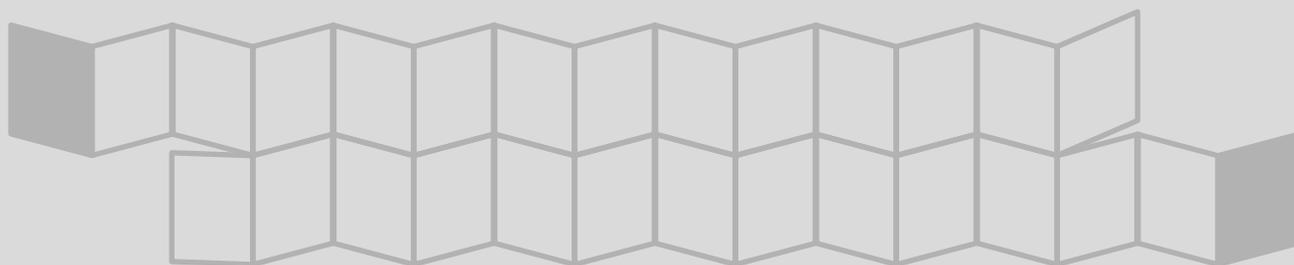
TÍTULO:

REVISOR:

DATA:

Considere os seguintes elementos ao realizar a revisão do texto de seu colega:

ITENS AVALIADOS	SIM	NÃO	COMENTÁRIOS
As orientações do roteiro foram seguidas pelo autor do texto (número de participantes, idade indicada, onde jogar, materiais necessários, etc.)?			
A linguagem está clara?			
As regras do jogo foram bem detalhadas?			
Há problemas de ortografia?			
As frases estão bem estruturadas?			
As ilustrações são coerentes com o texto verbal?			
Uma pessoa que lesse essas regras conseguiria aprender a brincadeira?			
Que parte do texto mais lhe chamou a atenção?			
Que sugestões você pode fazer ao autor para que ele melhore seu texto?			



9.4 | SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 4 (6º AO 9º ANOS) | **HISTÓRIAS E LENDAS DO MEU LUGAR**

Nesta atividade, trabalharemos com a retextualização de histórias e lendas de Paracatu, tendo em vista a produção de histórias em quadrinhos (HQs).

OBJETIVOS GERAIS

- ✓ Desenvolver a habilidade de escrever textos a partir de outros textos;
- ✓ conhecer e resgatar histórias e lendas que fazem parte da cultura popular de Paracatu;
- ✓ desenvolver os multiletramentos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Propiciar a discussão sobre histórias e lendas de Paracatu;
- ✓ explorar as características dos seguintes gêneros textuais: lendas e histórias em quadrinhos;
- ✓ desenvolver habilidades de produção de textos multissemióticos;
- ✓ produzir histórias em quadrinhos a partir de histórias e lendas de Paracatu;
- ✓ promover uma exposição de quadrinhos elaborados pelos alunos.

COMPETÊNCIAS A SEREM DESENVOLVIDAS (BNCC, 2017)

- ✓ Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.

- ✓ Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.
- ✓ Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.
- ✓ Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.
- ✓ Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital – para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
- ✓ Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

- ✓ (EF67LP23) Respeitar os turnos de fala na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula e na escola e formular perguntas coerentes e adequadas em momentos oportunos em situações de aulas, apresentação oral, seminário, etc.
- ✓ (EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances infanto-juvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.
- ✓ (EF67LP30) Criar narrativas ficcionais, tais como contos populares, contos de suspense, mistério, terror, humor, narrativas de enigma, crônicas, histórias em quadrinhos, dentre outros, que utilizem cenários e personagens realistas ou de fantasia, observando os elementos da estrutura narrativa próprios ao gênero pretendido, tais como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, utilizando tempos verbais adequados à narração de fatos passados, empregando conhecimentos sobre diferentes modos de se iniciar uma história e de inserir os discursos direto e indireto.
- ✓ (EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades, etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário.
- ✓ (EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco

narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo.

- ✓ (EF69LPo7) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto de produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação –, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento, etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/alterando efeitos, ordenamentos, etc.
- ✓ (EF69LPo8) Revisar/editar o texto produzido – notícia, reportagem, resenha, artigo de opinião, dentre outros –, tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, características do gênero, aspectos relativos à textualidade, a relação entre as diferentes semioses, a formatação e uso adequado das ferramentas de edição (de texto, foto, áudio e vídeo, dependendo do caso) e adequação à norma culta.

TEMPO

4 aulas.

Sugerimos que estas atividades sejam realizadas em aulas geminadas.

AÇÕES

1 | Leitura e análise de textos.

2 | Produção de história em quadrinhos sobre alguma história ou lenda de Paracatu.

RECURSOS DIDÁTICOS

Para a ação 1 | Cópias dos textos e atividades de leitura disponibilizados no Material para o Aluno (ou outros que o professor selecionar); projetor multimídia ou televisor para a exibição da HQ a ser trabalhada.

Para a ação 2 | Cópias da proposta de produção textual; folhas de papel A4, lápis, caneta e lápis de cor.

Varição da ação 2: computadores com acesso à internet para a produção das HQs.

CONHECENDO A ATIVIDADE

Esta atividade propõe a leitura e discussão de textos, a fim de explorar as características dos gêneros textuais lenda contemporânea e história em quadrinhos. Por fim, propõe a produção de HQs, que poderão ser feitas à mão ou com a utilização de *sites* educativos específicos para esse fim.



AULAS 1 E 2

HISTÓRIAS E LENDAS DO MEU LUGAR

Nestas aulas, leremos uma lenda e uma história em quadrinhos, tendo em vista a sistematização das características desses gêneros.

ORGANIZAÇÃO DA SALA

Sugerimos que a sala seja organizada em semicírculo para facilitar a discussão e o envolvimento dos alunos.

PASSO A PASSO

ANTES DA AULA

- ✓ Leia atentamente e analise os textos e as propostas orientadoras de leitura e checagem de informações. Se julgar necessário, elabore mais questões para os textos.
- ✓ Reproduza para os alunos os textos do Material para o Aluno e/ou outros a sua escolha.
- ✓ Providencie projetor multimídia ou televisor para exibir a história em quadrinhos.
- ✓ Caso considere oportuno, faça também cópias do bilhete endereçado à família, disponível no Material para o Professor.

DURANTE A AULA

- ✓ Converse com os alunos sobre o tema central dos textos que serão lidos: histórias e lendas de Paracatu.
- ✓ Pergunte-lhes se conhecem alguma lenda ou história marcante de Paracatu envolvendo seus moradores. Incentive-os a contá-la.
- ✓ Na sequência, proponha a leitura do texto "Eu vi... no Beco dos Mal Casados".
- ✓ Leia e discuta com os alunos as questões relacionadas ao texto.
- ✓ Ao término da atividade, proponha à turma a organização de uma exposição de HQs utilizando como tema histórias e lendas de Paracatu.
- ✓ Apresente-lhes, então, a edição n. 1 do Gibi Turma do Ourinho, com *A História de Paracatu*, e aproveite para explorar as características do gênero HQ.



Professor(a), sugerimos que você projete a história em quadrinhos para leitura coletiva com a turma, uma vez que já não há exemplares disponíveis da HQ para distribuição na Casa de Cultura de Paracatu.

- ✓ Ao término da aula, indique como tarefa de casa para a próxima aula uma pesquisa sobre histórias e lendas de Paracatu. Oriente os alunos a conversarem com seus pais e familiares, ou mesmo a buscarem na internet histórias ou lendas que envolvam moradores da cidade de Paracatu. Peça-lhes

que tragam essas informações para a próxima aula por escrito, em forma de narrativa, pois serão utilizadas para a produção das histórias em quadrinhos. Enfatize que é importante detalharem bem os dados: nomes das pessoas envolvidas, suas características, onde as ações aconteceram, como eram os lugares, quando ocorreram, dentre outras informações.

- ✓ Caso considere interessante, envie à família dos alunos um bilhete, conforme sugestão no Material para o Professor.



AULAS 3 E 4

DA TRADIÇÃO ORAL PARA AS HQs

Nestas aulas, produziremos HQs com histórias e lendas de Paracatu.

ORGANIZAÇÃO DA SALA

Sugerimos que os alunos estejam organizados em duplas para a realização desta atividade.

PASSO A PASSO

ANTES DA AULA

- ✓ Leia atentamente e analise a proposta de produção textual. Se julgar necessário, prepare materiais adicionais para apoiar os estudantes nessa ação.
- ✓ Providencie folhas de papel A4, lápis, caneta e lápis de cor.

Varição da ação 2: computadores com acesso à internet para a produção das HQs.



Professor(a), você pode propor a produção das histórias em quadrinhos no computador. Para isso, oriente os alunos a acessarem o site <www.pixton.com/br>. Esse site possibilita a criação online de HQs.

DURANTE A AULA

- ✓ Promova um momento de debate com a turma, de forma que as histórias e lendas que pesquisaram como tarefa de casa possam ser compartilhadas. Havendo coincidência de histórias, estimule os alunos a confrontarem os dados, a fim de verificarem os pontos comuns e até mesmo os divergentes.
- ✓ Em seguida, divida os grupos de trabalho e reveja algumas características do gênero história em quadrinhos.



Professor(a), se for necessário, retome com os alunos os tipos de balões, vinhetas, onomatopeias, metáforas visuais e outras características do gênero HQ. Veja algumas dicas no Material para o Professor.

- ✓ Apresente aos alunos a tarefa de produção textual (ver Material para o Aluno).
- ✓ Após a conclusão dos trabalhos, combine com os alunos como será a exposição que organizarão na escola, para que os demais estudantes tenham acesso às histórias produzidas.

AVALIAÇÃO

Para avaliar a realização desta situação de aprendizagem, observe:

- ✓ Os alunos se envolveram durante o desenvolvimento das atividades?
- ✓ As atividades motivaram e desafiaram os estudantes?

Em relação à **leitura**, observe se os alunos:

- ✓ conseguem interpretar os textos trabalhados, atribuindo-lhes significação;
- ✓ identificam e compreendem as características dos gêneros lenda e história em quadrinhos.

Em relação à **oralidade**, observe os alunos:

- ✓ expressam ideias de forma clara e objetiva;
- ✓ sabem respeitar o momento da fala;
- ✓ sabem respeitar as opiniões dos colegas.

Em relação à **produção das histórias em quadrinhos**, observe se os alunos:

- ✓ apresentam a retextualização de uma lenda ou história de Paracatu pesquisada;
- ✓ utilizam corretamente os diferentes tipos de balões;
- ✓ organizam a história em quadrinhos de forma coerente;
- ✓ utilizam metáforas visuais para representar movimentos, etc;
- ✓ narram os fatos em sequência temporal;
- ✓ expressam-se em seus textos com linguagem clara e objetiva;
- ✓ conseguem reescrever seus textos conforme as revisões realizadas.



Para analisar essas e outras questões, professor(a), é interessante ter sempre em mãos uma pauta de observações com espaço para anotações e comentários. Identifique os alunos que possuem mais dificuldades e os aspectos sensíveis na sua aprendizagem, de modo a poder orientá-los de forma mais personalizada e trazendo propostas direcionadas ao desenvolvimento desses aspectos para a turma. Aponte também quais são os estudantes que apresentam facilidade no conteúdo e que poderiam contribuir com os colegas. Propor atividades de colaboração entre pares é uma excelente estratégia para fomentar a aprendizagem.

Lembre-se de registrar as ações e de inserir os registros no portfólio da turma.

MATERIAL PARA O PROFESSOR

SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 4



AULAS 1 E 2

HISTÓRIAS E LENDAS DO MEU LUGAR

ROTEIRO DE LEITURA | **EU VI... NO BECO DOS MAL CASADOS** | *Coraci da Silva Neiva Batista*

ANTES DA LEITURA

- ✓ Comente com os alunos que Paracatu é uma cidade bicentenária que ainda conserva alguns becos. Muitos deles foram fechados, outros viraram ruas. E a denominação dada a eles, de forma geral, era bastante espirituosa e feita pelo povo.
- ✓ Retome alguns nomes de becos de Paracatu: Beco do Cisco, do Chafariz, de Siá Amélia, de Siô Quim, de Siô Prisco, Sem Saída, Dos Mal Casados, do Ranulfo e tantos outros.
- ✓ Comente com a turma que vocês lerão um texto que traz uma lenda sobre o Beco dos Mal Casados. Aproveite para perguntar o que entendem por lenda.

Retome as características do gênero: narrativas transmitidas oralmente pelas pessoas com o objetivo de explicar acontecimentos misteriosos, em que há uma mistura de fatos reais com imaginários. Usam fatos reais e históricos para dar suporte às histórias, mas junto com eles envolvem a imaginação. Contadas de boca em boca, de geração em geração, as lendas vão sendo transformadas. Sofrem alterações ao longo do tempo, por serem repassadas oralmente e receberem a impressão e interpretação daqueles que a propagam.

DURANTE A LEITURA

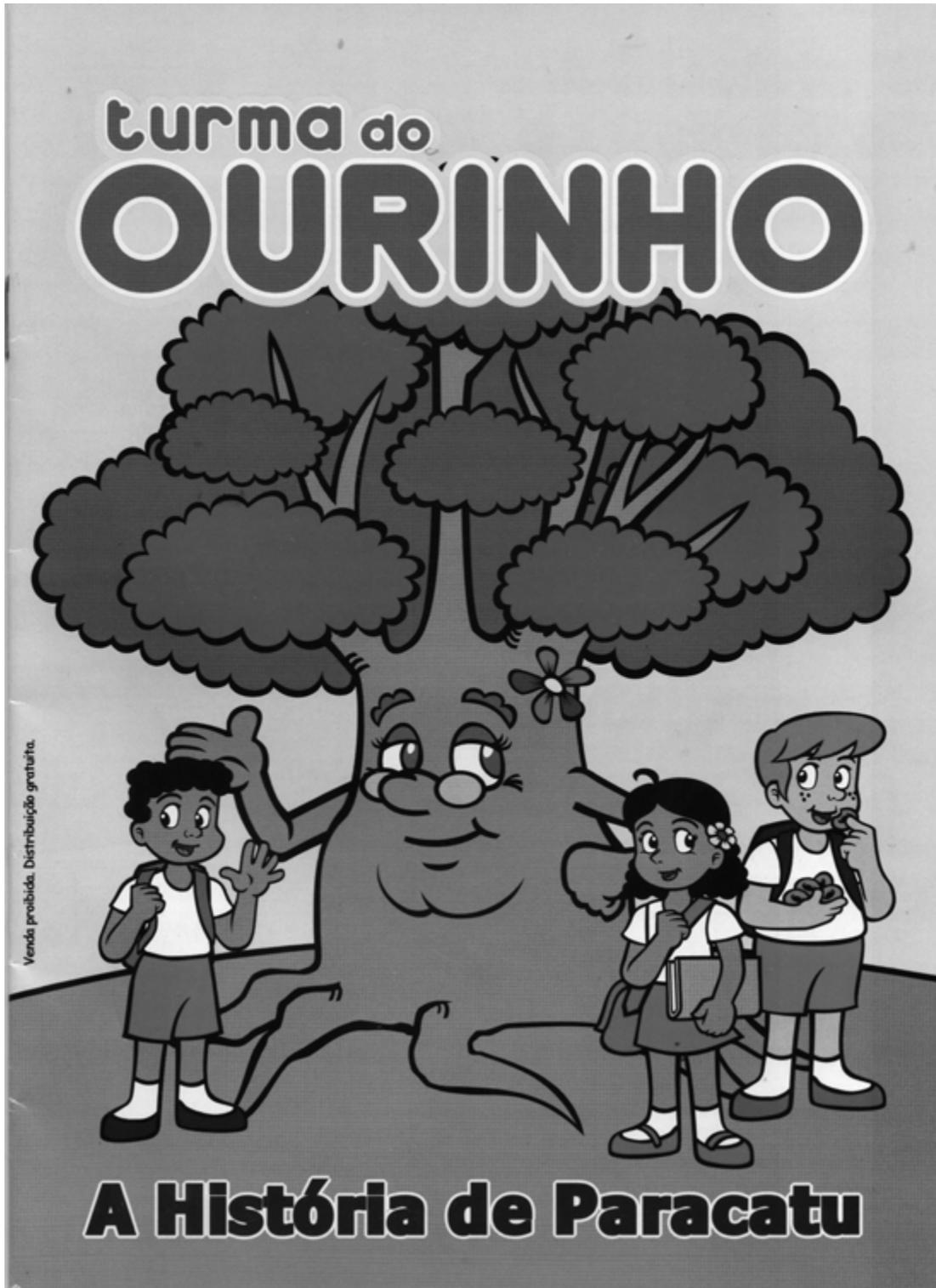
- ✓ Peça que os alunos leiam silenciosamente o texto.
- ✓ Faça, em seguida, a leitura oral e dramatizada do texto.

APÓS A LEITURA

- ✓ Peça que os alunos realizem as atividades de análise do texto. Percorra os grupos para observar a realização da tarefa, esclarecer dúvidas e verificar a compreensão do texto.
- ✓ Ao término da atividade de interpretação, leia uma pergunta de cada vez e peça que os alunos a respondam oralmente, promovendo um debate sobre as questões apresentadas.

TURMA DO OURINHO EM: A HISTÓRIA DE PARACATU | Prefeitura Municipal e Secretaria Municipal de Cultura de Paracatu

PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCÓPIAS DESTA PÁGINA OU UTILIZE-A PARA PROJEÇÃO.





Gibi Turma Do Ourinho - Paracatu/MG

A Prefeitura Municipal de Paracatu, através da Secretaria Municipal de Cultura, tem a satisfação de apresentar a você a Turma do Ourinho em "A História de Paracatu".

A Turma do Ourinho traz de maneira divertida e interativa a história da cidade. As personagens Dona Barriguda, Ourinho, Carlos e Mariana, vão levá-lo para uma viagem aos diversos momentos da história do Arraial de São Luís e Sant'Anna das Minas do Paracatu até a Vila Paracatu do Príncipe. Aproveite a revista para saber mais sobre sua cidade e compartilhe suas descobertas com seus amigos.

Boa Leitura e até a próxima aventura dessa turma.

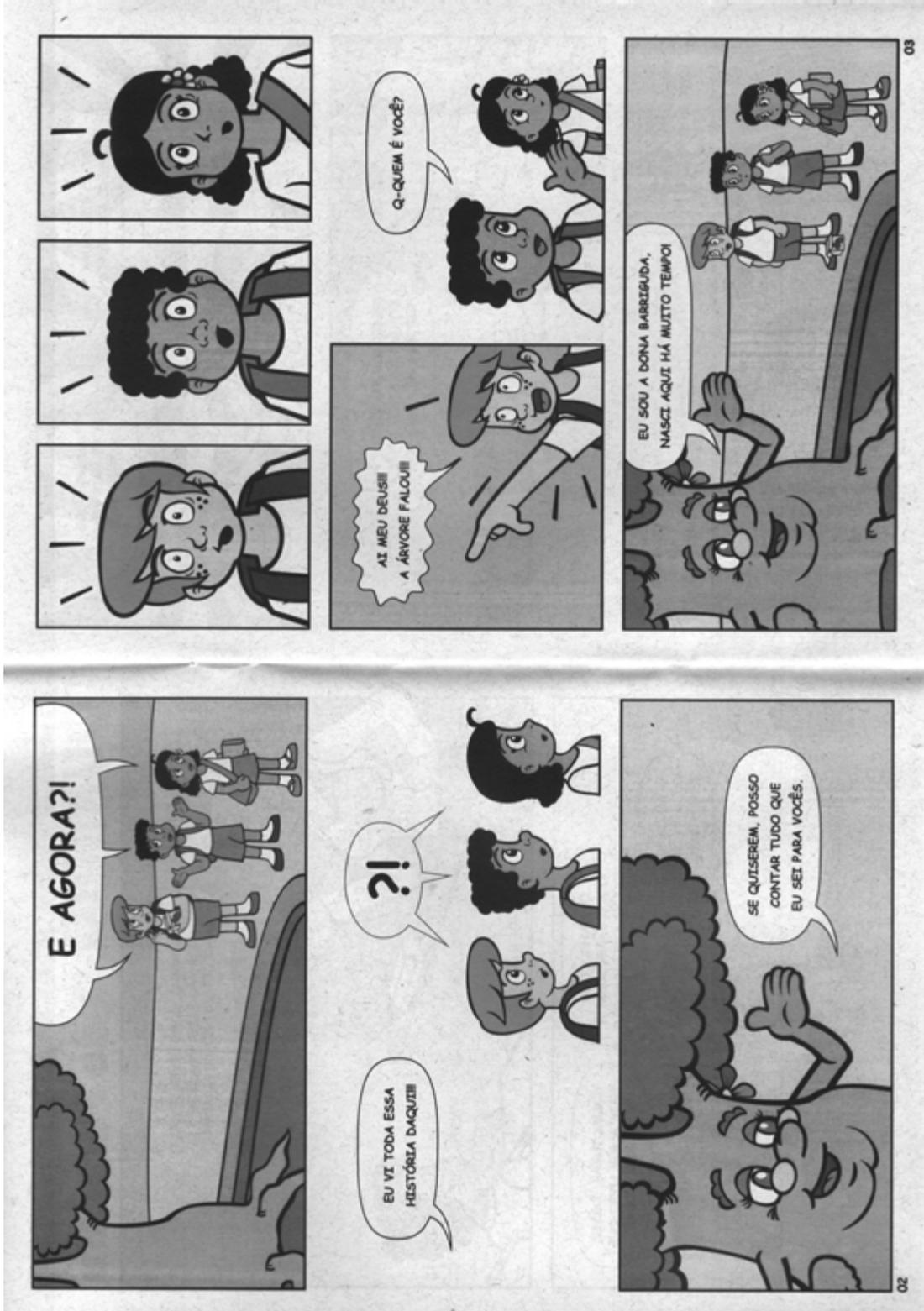
Realização
Prefeitura Municipal de Paracatu e Secretaria Municipal de Cultura

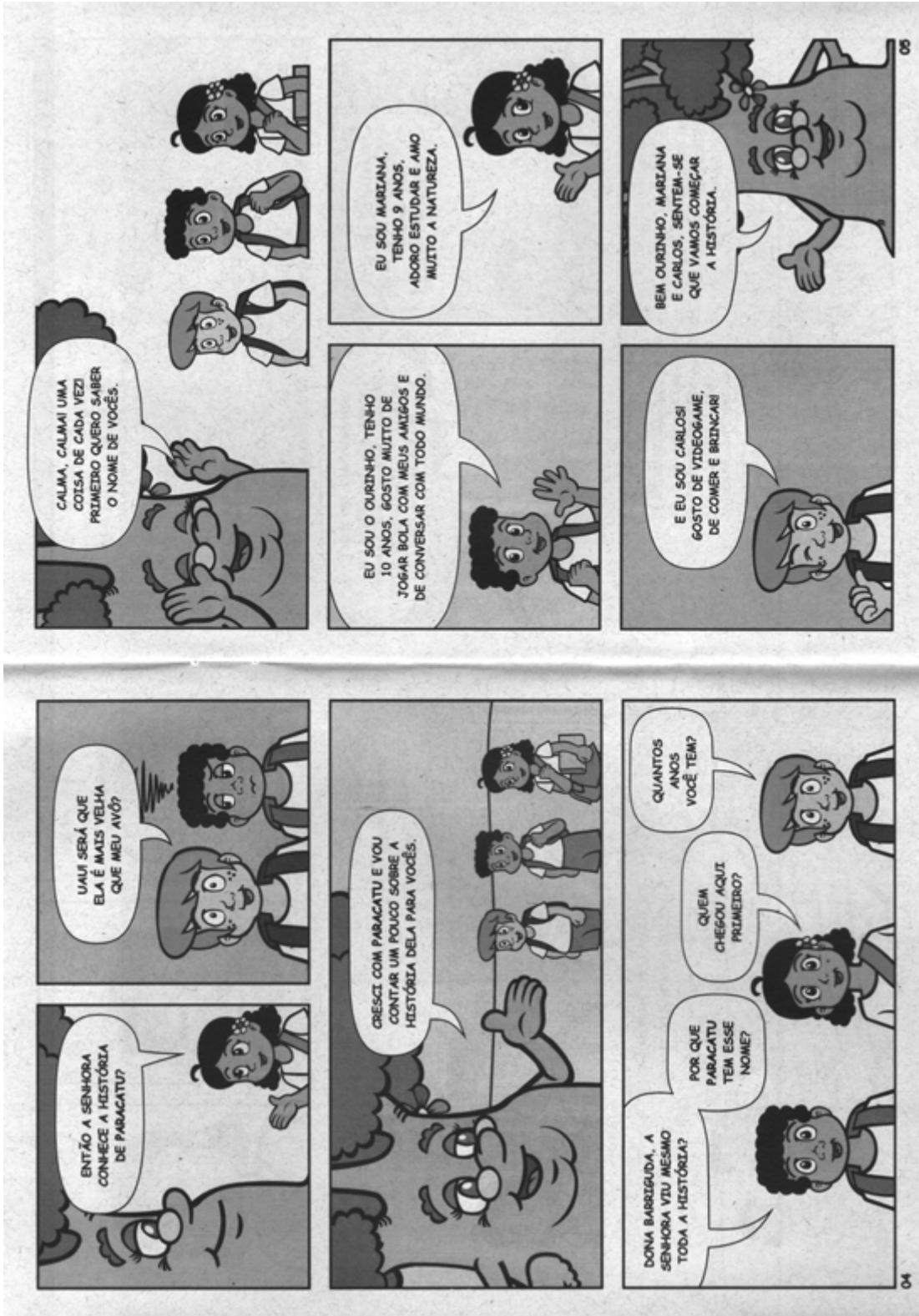
Historiadora Responsável
Terezinha de Jesus Santana Guimarães

Concepção, Projeto Gráfico e Ilustração
Dream Up Filmes

Edição: 01 - Tiragem: 10.000

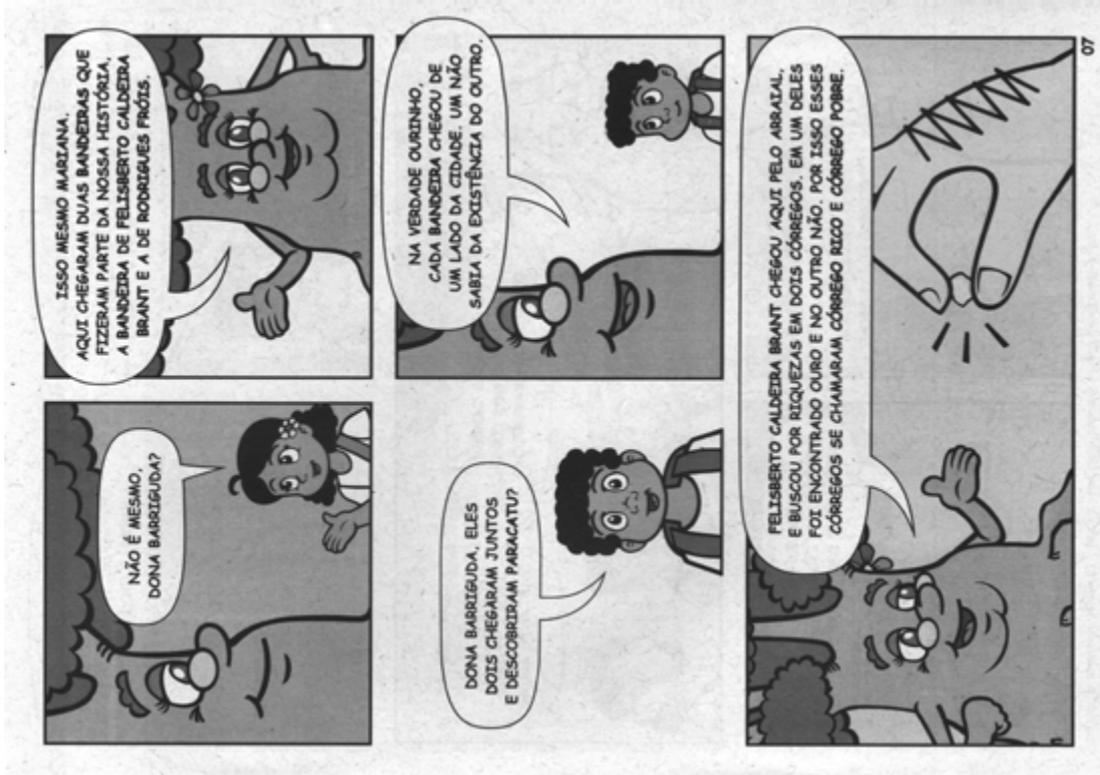
PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCÓPIAS DESTA PÁGINA OU UTILIZE-A PARA PROJEÇÃO.

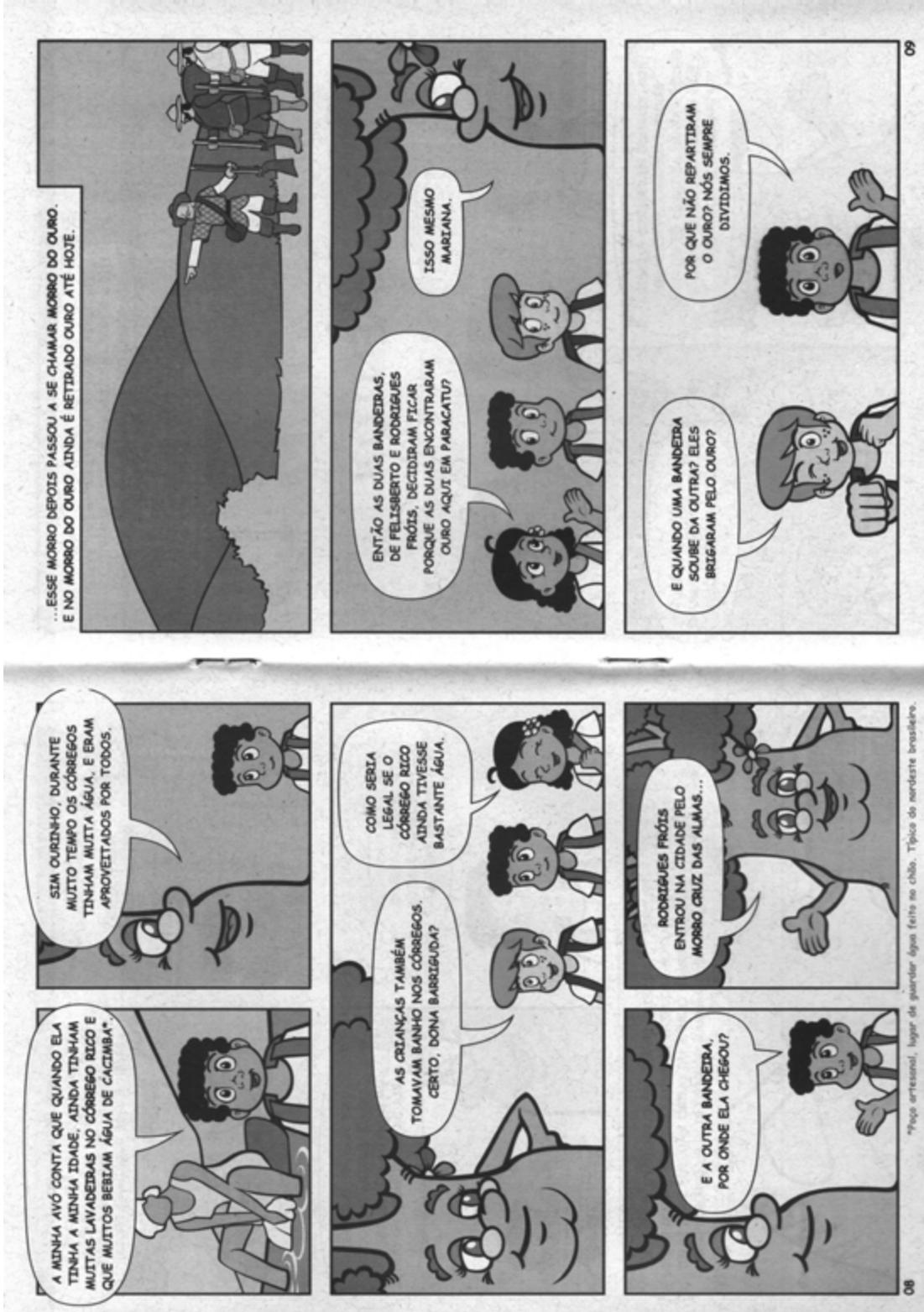




PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCOPIAS DESTA PÁGINA OU UTILIZE-A PARA PROJEÇÃO.

PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCOPIAS DESTA PÁGINA OU UTILIZE-A PARA PROJEÇÃO.





PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCOPIAS DESTA PÁGINA OU UTILIZE-A PARA PROJEÇÃO.

PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCOPIAS DESTA PÁGINA OU UTILIZE-A PARA PROJEÇÃO.

10

BEM TURMA, QUANDO AS BANDEIRAS SE ENCONTRARAM TAMBÉM NÃO QUISERAM TER CONFLITOS, DAÍ DECIDIRAM POR RESOLVER TUDO COM UM CASAMENTO.

CASAMENTO?!

SIM, QUANDO FELISBERTO CALDEIRA BRANT E RODRIGUES FRÓIS SE ENCONTRARAM, AO INVÉS DE BRIGAREM, ELAS DECIDIRAM UNIR AS FAMÍLIAS ATRAVÉS DE UM CASAMENTO.

MAS QUEM SE CASOU? FELISBERTO CALDEIRA BRANT OU RODRIGUES FRÓIS?

QUE LINDO, OS DOIS QUERIAM O AMOR DA HELENA COMO NUM CONTO DE FADAS!

CARLOS, DOIS IRMÃOS DE FELISBERTO, QUERIAM SE CASAR COM HELENA, UMA IRMÃ DE RODRIGUES FRÓIS. ENTÃO ELA ESCOLHEU O MAIS VELHO DOS IRMÃOS.

A HELENA SE CASOU COM O IRMÃO MAIS VELHO, JOAQUIM, E COM ISSO AS DUAS BANDEIRAS CONTINUARAM A MINERAR O OURO.

E LOGO A NOTÍCIA SE ESPALHOU E COMEÇARAM A VER PESSOAS DE DIVERSOS LUGARES PARA O ARRATAL DE SÃO LUIZ E SANT'ANNA DAS MINAS DO PARACATU.

Anual de São Luiz e Sant'Anna das Minas do Paracatu

LOGO DEPOIS FELISBERTO CALDEIRA BRANT INFORMOU A COROA PORTUGUESA, QUE AQUI HAVIA OURO.

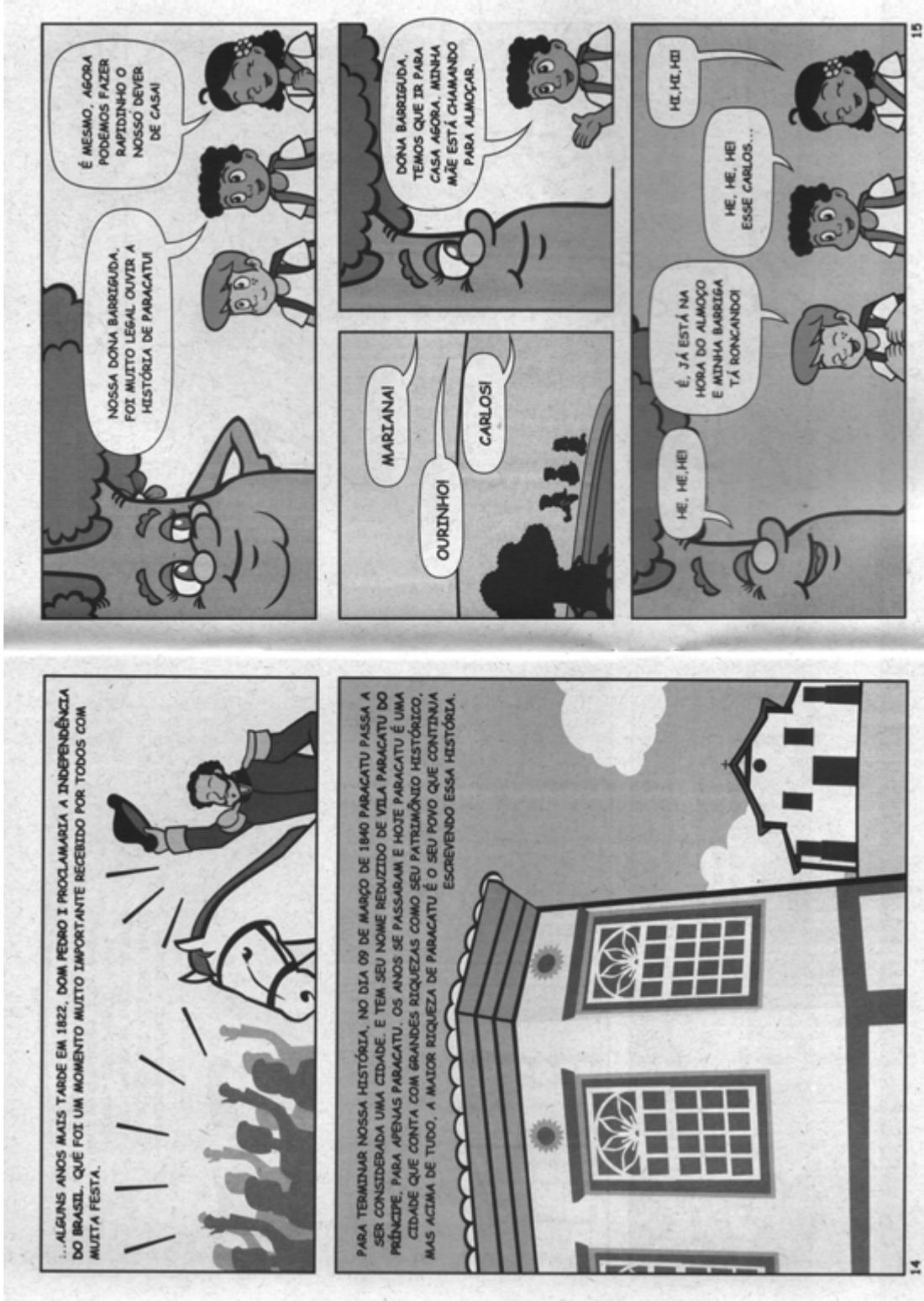
DONA BARRIGUDA POR QUE ELAS TIVERAM QUE INFORMAR A COROA DE PORTUGAL?

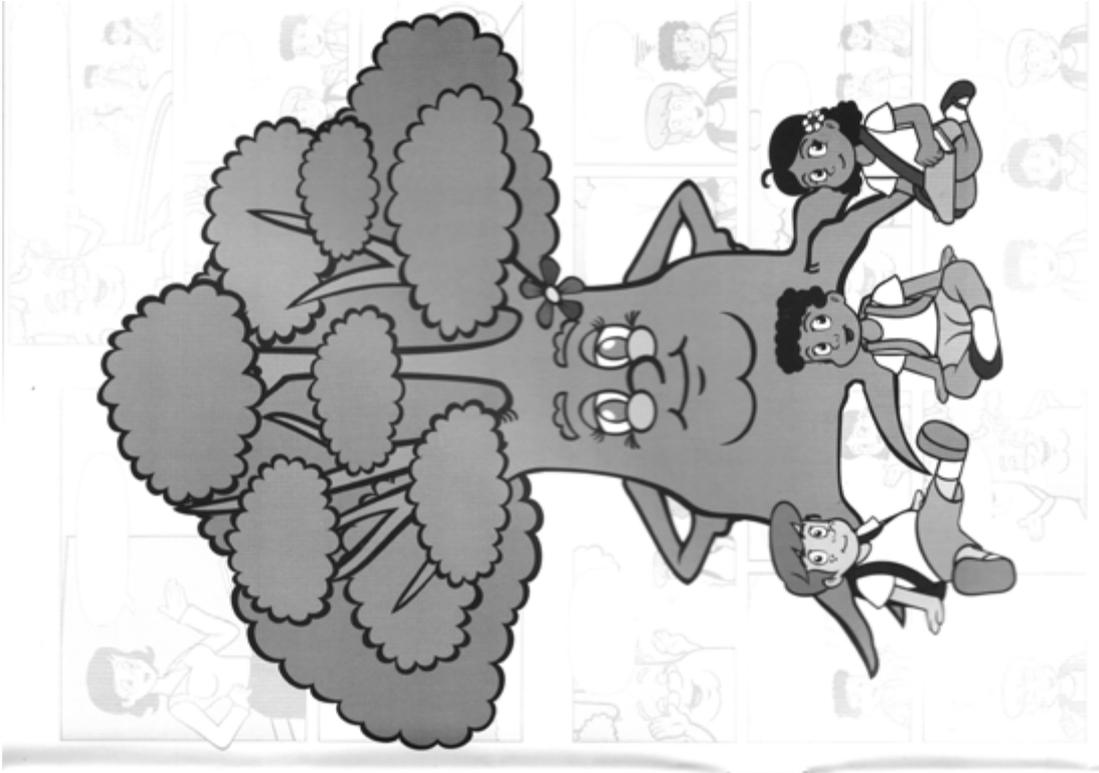
11



PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCOPIAS DESTA PÁGINA OU UTILIZE-A PARA PROJEÇÃO.

PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCÓPIAS DESTA PÁGINA OU UTILIZE-A PARA PROJEÇÃO.





PROFESSOR(A), FAÇA FOTOCOPIAS DESTA PÁGINA OU UTILIZE-A PARA PROJEÇÃO.

EXPLORANDO O GÊNERO HISTÓRIA EM QUADRINHOS

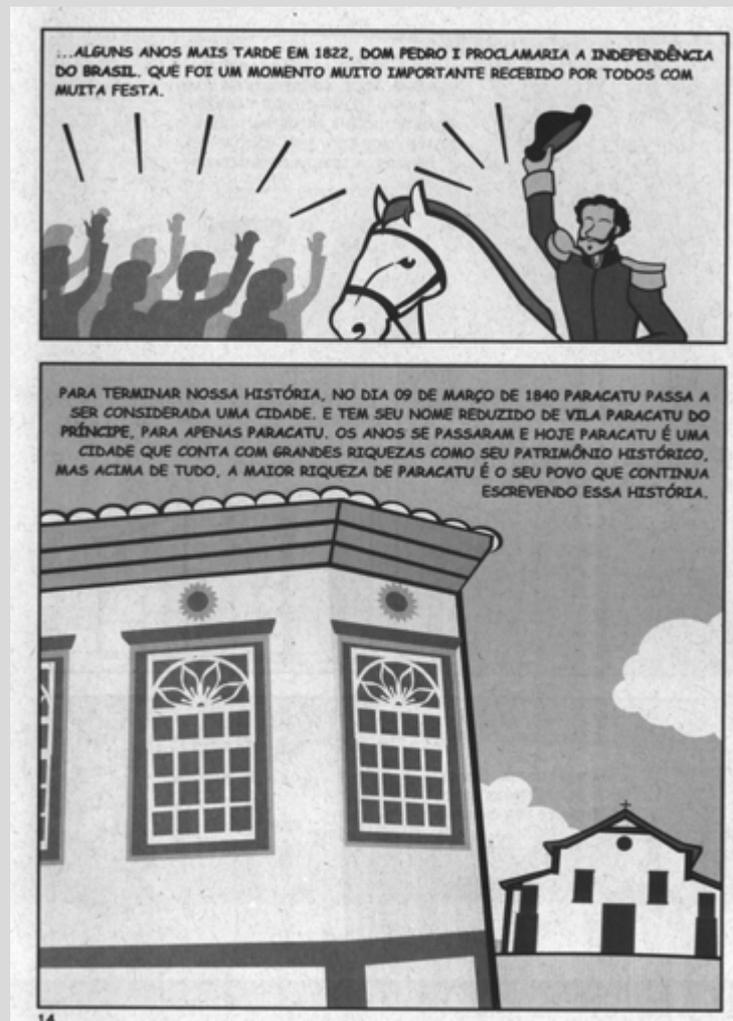


Professor(a), se o gênero história em quadrinhos ainda não tiver sido estudado com a turma, é importante utilizar outras histórias e apresentar algumas características desse gênero, uma vez que os alunos produzirão uma HQ ao final dessa situação de aprendizagem. Se na biblioteca da escola não houver exemplares de revistinhas, você poderá utilizar a internet para baixar textos e trabalhar com os alunos. O site turmadamonica.uol.com.br/quadrinhos disponibiliza histórias e tirinhas para baixar ou imprimir.

A seguir, constam algumas características do gênero.

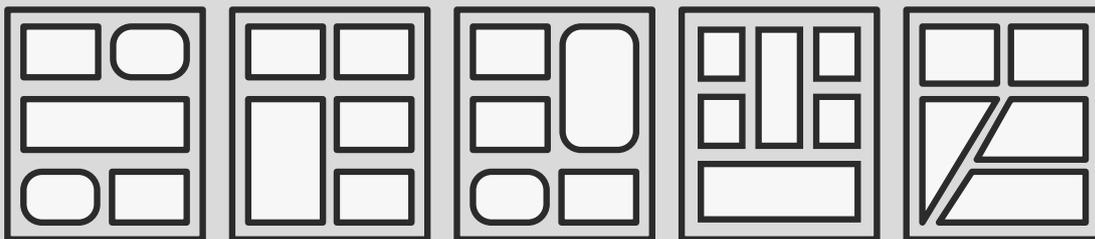
O QUE TEM NOS QUADRINHOS?

LEGENDAS | São informações em linguagem verbal que geralmente aparecem na parte superior de uma vinheta, contendo a voz do narrador.



PREFEITURA MUNICIPAL DE PARACATU; SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA DE PARACATU. *Turma do Ourinho em: A história De Paracatu.* Paracatu: Prefeitura Municipal de Paracatu / Secretaria Municipal de Cultura de Paracatu, 2015.

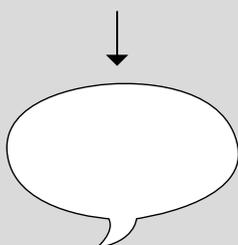
VINHETAS OU QUADROS | São os espaços em que se dão as ações da HQ. Podem conter desenhos e/ou textos.



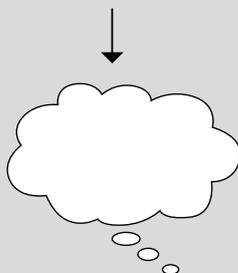
Adaptado de OLIVEIRA, Anacláudia de. Como são as HQs? 29 jul. 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/y3jhrA>>. Acesso em: 25 maio 2018.

BALÕES | São os locais em que ficam as falas ou pensamentos das personagens. O traço que delinea o balão obedece a algumas normas de expressão. Veja a seguir as mais comuns.

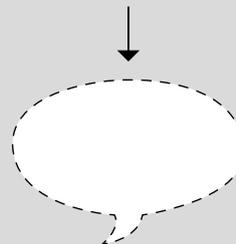
Fala comum: uma linha contínua, com ponta direcional simples. O balão pode ter formato oval, retangular, ou outros.



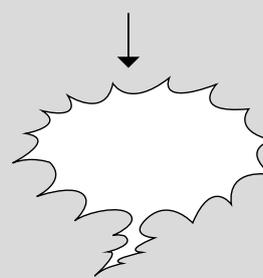
Pensamento ou sonhos: linhas curvas imitando nuvem e ponta direcional com bolinhas.



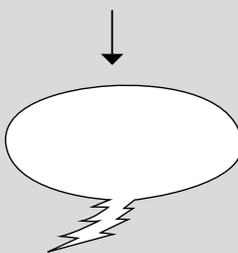
Sussurro: linha e ponta direcional tracejada.



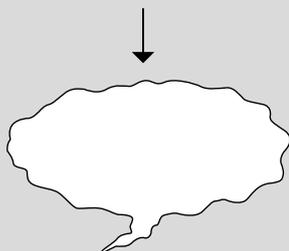
Grito: linhas espalhadas em forma de explosão e ponta igual. Neste balão, as letras usadas são bem grandes.



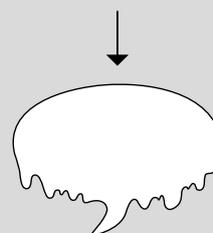
Fala eletrônica: Linha simples e ponta direcional em forma de raios. Usado para sons de rádio, telefone, TV e voz de robô.



Expressão de medo: linha e ponta direcional contínuas, meio trêmulas.



Frio: linha e ponta "escorridas". Também serve para expressar frieza ao falar.



Adaptado de OLIVEIRA, Anacláudia de. Identificando os balões e onomatopéias. 12 jun. 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/2mcqkP>>. Acesso em: 25 maio 2018.

ONOMATOPEIAS | São palavras que imitam os sons.



METÁFORAS VISUAIS | São traços de diversos formatos usados para transmitir efeitos de movimento ou outras situações. Na história a seguir, vemos linhas que indicam a trajetória de movimento da vara de pescar do Chico Bento, o redemoinho sobre a cabeça para indicar raiva, traçados e poeira perto dos pés de Chico para indicar que ele está andando, pequenas curvas na vara e nas minhocas, que também indicam movimento, etc. Observe que a história é contada praticamente sem o uso palavras.



**AULAS 3 E 4**

DA TRADIÇÃO ORAL PARA AS HQS

BILHETE

SUGESTÃO DE BILHETE PARA OS ALUNOS ENTREGAREM AOS RESPONSÁVEIS:

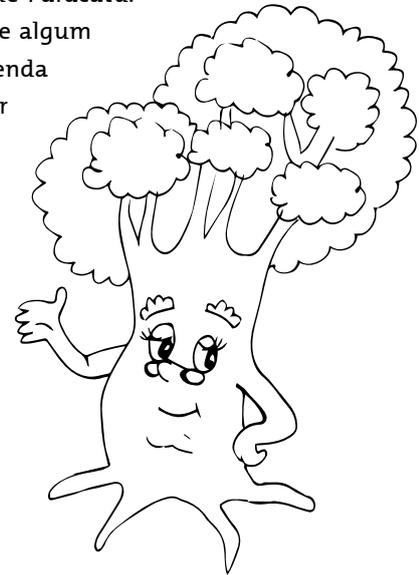
Querida família,

Estamos estudando e conversando sobre histórias e lendas de Paracatu. Convidamos vocês a retomarem com sua criança a história de algum morador da cidade que ficou lendário. Pode ser um causo ou lenda envolvendo algum conhecido ou pessoa que acabou ficando popular na cidade. Sua criança fará o registro por escrito de sua fala e trará para nossa próxima aula de produção de textos.

Sua colaboração é muito importante para realizarmos este trabalho!

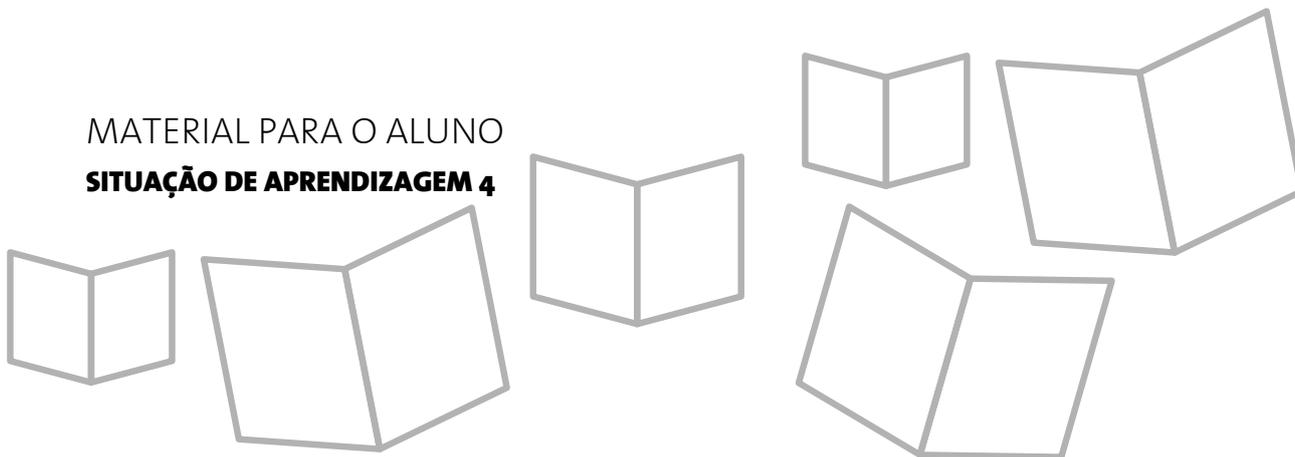
Um grande abraço da turma _____

____ / ____ / ____



MATERIAL PARA O ALUNO

SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 4



AULAS 1 E 2

HISTÓRIAS E LENDAS DO MEU LUGAR

ATIVIDADE DE LEITURA

Leia atentamente o texto a seguir.

EU VI... NO BECO DOS MAL CASADOS | *Coraci da Silva Neiva Batista*

Residia na segunda casa acima do mesmo, na Rua Manuel Caetano, um casal idoso, sem descendentes. Tinha dinheiro; até emprestava.

Acontece que surgiu na cidade um vendedor de túmulos que ia de casa em casa com o mostruário – era a única maneira de negociar tal mercadoria.

Visitando o referido casal, o patriarca escolheu um bem grande. Comprou, pagou e mandou instalá-lo. Dizem que pagou até os caixões (na época não existiam urnas). Chamou um “retratista” para tirar e ampliar os retratos (dele e da esposa), que foram colocados no referido túmulo – um do lado do outro. Deve ter pensado: “Não temos filhos; quando morreremos, quem fará isto por nós? Não é melhor deixar tudo arrumado?”.

O tempo foi passando. E eles “durando”. Ambos tinham saúde, e nenhuma preocupação.

Ocorreu que um jovem paracatuense estudante de Engenharia em Belo Horizonte – afilhado desse velho –, antes de sua formatura, veio visitar os familiares; rever a terra natal.

Visitou parentes, amigos, ouviu “causos”, contou também. Foi até o morro, “catou gabioba”, apanhou mangaba, pequi; falou muito, só não perguntou pelo padrinho (o morador da segunda casa acima do Beco dos Mal Casados). Afinal, as férias ainda estavam começando; podia ficar para depois esse negócio de visitar padrinho.

Mas, numa tarde, em que o céu ficou cinzento ameaçando chover, bateu forte no peito a saudade daqueles que já partiram para o além. Decidiu visitar o cemitério de Santa Cruz – único que existia na cidade.

Era bonito, todo plantado, respeitado – não havia vandalismo. Em meio à maioria dos túmulos com estátuas, imagens e anjos brancos, todos feitos de mármore de Carrara, apareciam outros menos bonitos, mas modernos. Percorrendo-o, monologou: “Morreu muita gente depois que saí para estudar!”

Olha aqui, para ali, reza para os parentes, admira a escultura de muitos – lembra-se do passado. Até se entristece. Eis que, de repente, vê-se diante de um túmulo imponente, novo ainda. Só enxerga as fotos e exclama: “Meu padrinho morreu! Esqueceram de me avisar – parecia ter tanta saúde! Que pena!”

Fez o sinal da cruz e orou por ele.

Regressando ao lar, passa pelo Beco dos Mal Casados, por volta das 18h30. Neste horário, os pássaros já estavam voltando aos ninhos; as sombras das árvores, acima dos muros, projetavam, no chão, desenhos variados de luz e sombra. O ambiente ficou lusco-fusco.

Bem no meio do Beco, o jovem estudante avistou um idoso obeso, de caminhar pachorrento que veio em sua direção. Envolvia-os o silêncio da tarde.

Ao cruzarem-se, aquele senhor, com voz pausada, meio “arrastada” pela idade, foi logo dizendo: “Olá, Biló! Você por aqui! Como vai? Há quanto tempo não o via, meu afilhado...”

A essa altura, o jovem, com os olhos esbugalhados, pensando estar diante de uma “assombração”, pois acabara de ver o seu túmulo no cemitério, perdeu a voz. E correu. Correu sem olhar para trás, mesmo com as pernas bambas pelo susto.

Custou, mas chegou em casa mal respirando, suando e ainda sem cor, com os olhos fora de órbitas. Somente dizia: “Eu vi... eu vi... eu vi...”. “Viu o quê?”, perguntaram, aflitas, as irmãs.

Ele só respondia: “Eu vi... eu vi...”

Correndo para o banheiro, com dificuldade, só pôde acrescentar, quase num gemido: no Beco dos Mal Casados...”

Adaptado de VISITE PARACATU. Histórias e lendas de becos e ruas antigas de Paracatu. *Visite Paracatu*, 14 abr. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/TYEERN>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

Após a leitura do texto, responda em seu caderno.

1 | Tendo em vista que lendas são narrativas de caráter maravilhoso, em que um fato histórico se amplifica e se transforma sob o efeito da imaginação popular, verifique que características do texto lido o aproximam das outras lendas que você já ouviu ou leu.

2 | Uma narrativa pode ser escrita em primeira pessoa (“eu”/“nós”) ou em terceira pessoa (“ele”/“ela”, “eles”/“elas”). Em que pessoa esse texto foi narrado? Esse narrador conta um fato que presenciou ou teve acesso a ele por meio de outras pessoas? Justifique com passagens do texto.

3 | Em que tempo verbal os fatos ocorrem? Por que razão?

4 | Os textos narrativos apresentam alguns elementos básicos. No quadro a seguir, na primeira coluna, há uma descrição de cada um. Na segunda coluna, você vai registrar, com base no texto, como cada um desses elementos se manifesta no texto. Faça esse registro com as suas palavras.

ELEMENTO DA NARRATIVA	REGISTRE AQUI CADA UM DOS ELEMENTOS
<p>Enredo: é o conjunto dos fatos narrados, ou seja, o que acontece na história.</p> <p>Deve responder à pergunta: o quê?</p>	
<p>Tempo: refere-se ao momento em que os fatos acontecem. O tempo pode ser cronológico (quando é facilmente localizado no texto, em horas, dias, semanas, etc.) ou psicológico (quando não se identifica em horas, dias, etc. – é o tempo vivido ou lembrado pela personagem).</p> <p>Deve responder à pergunta: quando?</p>	
<p>Espaço: é o lugar em que os fatos acontecem.</p> <p>Deve responder à pergunta: onde?</p>	
<p>Personagens: são os seres que participam da narrativa.</p> <p>Deve responder à pergunta: quem?</p>	
<p>Narrador: é o indivíduo que narra a história. O narrador pode ser em primeira pessoa (quando o narrador também faz parte da história) ou em terceira pessoa (quando o narrador não participa diretamente dos acontecimentos).</p>	

6 | O texto lido, assim como as narrativas de modo geral, apresenta uma estrutura assim composta:



7 | Observe o quadro a seguir e complete com suas palavras a segunda coluna, registrando as partes que compõem a lenda "Eu vi... no Beco dos Mal Casados".

ESTRUTURA DA NARRATIVA	REGISTRE AQUI CADA UMA DAS PARTES DO CONTO
<p>Situação inicial: apresenta as personagens, o tempo e o espaço.</p>	
<p>Conflito: apresenta um problema, algo que rompe o equilíbrio das personagens e precisa ser resolvido.</p>	
<p>Clímax: representa o ponto de maior tensão no texto.</p>	
<p>Desfecho: apresenta o resultado do conflito, ou seja, a situação final da narrativa.</p>	



AULAS 3 E 4

DA TRADIÇÃO ORAL PARA AS HQs

PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Chegou a sua hora!

Já lemos uma lenda de Paracatu e uma história em quadrinhos sobre nossa cidade. Agora, chegamos a um momento especial de nossa atividade. Vocês são os escritores da vez!

Escrevam uma história em quadrinhos para ser publicada em uma coletânea de histórias da turma. Essas histórias farão parte de uma exposição de HQs que faremos na escola.

Escolham uma lenda ou história que pesquisaram sobre Paracatu para a recontarem em forma de quadrinhos. Pensem nos personagens que participarão das ações, no cenário e no desfecho. Antes de iniciarem a escrita, planejem o seu texto. Em seguida, escrevam essa narrativa. Lembrem-se dos diferentes tipos de balões e do uso das onomatopeias.

IMPRESSO EM BELO HORIZONTE,
EM JUNHO DE 2020, POR A CRIAÇÃO GRÁFICA.

Realização:

